

Semana

REVISTA DA



A Mulher & O Cachorro

9 — 1 março 58 — Cr\$ 10,00



Carnaval:
segundo
número
especial

Os discos
voadores
têm um
satélite
da terra

As
mulheres
preferem
Rock
Hudson



LEVE LEVE LEVE LEVE LEVELEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE LEVE

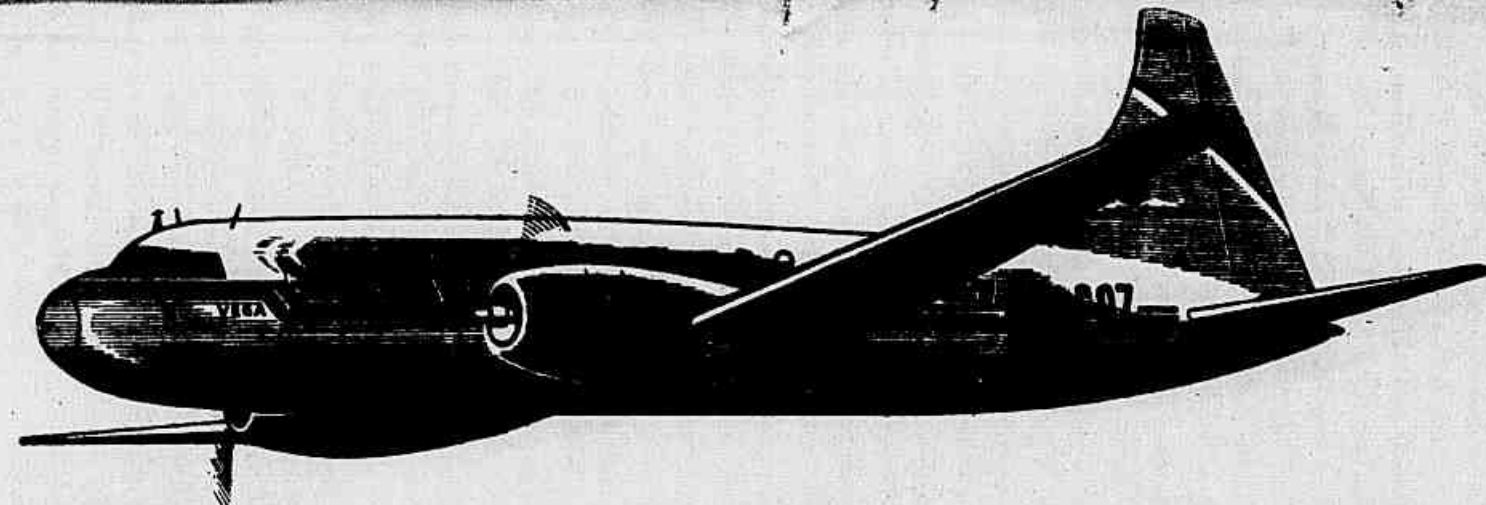
vinho
quinado

Kansom



com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cor-tezia e a pontualidade como seus com-panheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como ciclerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**
Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

LEIA:

NO ESPAÇO 7 — Os discos voadores têm um satélite na terra

CINEMA 11 — As mulheres preferem Rock Hudson

CARNAVAL 14 — Baile do Quitandinha

28 — Baile dos Cartolas

32 — Desfile dos Ranchos

36 — As Grandes Sociedades

39 — Baile Infantil do Municipal

51 — Baile Infantil do América

54 — Baile do Yatch

IMPRENSA 20 — Lott vai para o «International set»

HUMOR 22 — A mulher e o Cachorro

19 — Mr. Abernathy

TESTES 23 — Palavras Cruzadas

TEATRO 24 — Teatro na praça o que é

ESPIONAGEM 26 — Eu fui espião para o Kremlin

MEMÓRIAS 42 — As filhas do «seu» Fidêncio

NOVELA 46 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Vitor

LITERATURA 25 — Livros

PSICOLOGIA 50 — As mulheres, segundo a psicologia

INTERNACIONAL 59 — Franceses matam crianças em «legítima defesa»

SOCIAIS 62 — Lady Maxwell

GENTE 64 — Paulo da Portela pôs uma gravata no samba

CONTATO



AS últimas conquistas do homem No Espaço relegaram o Mistério dos Discos Voadores para um segundo plano. Mas, como não podia deixar de ser (para os que acreditam nêles), os discos voltaram, voando — inclusive — sobre o Brasil.

O disco que foi visto (e fotografado) sobre a Ilha da Trindade, fêz voltar a discussão: existem? ; não existem? ; são da Terra? ; vem de outros mundos?

Aqui na Revista, na proporção de dois para um, acreditamos que eles existam. E, na mesma proporção, que venham do Espaço Exterior.

O cônego Jorge O'Grady de Paiva, nosso Editor especializado, resistiu muito tempo até aceitar a existência dos discos. Mas, agora, está absolutamente convencido de que eles existem, e de que vêm de outros planetas, talvez mesmo de fora do Sistema Solar.

É ele quem informa (página 7): "Os discos voadores têm base na Lua e já possuem a plataforma espacial que os homens procuram lançar. Essa plataforma é um satélite artificial que está girando em torno da Terra"

NÓS dissemos (R.S. fev. 1) que Linda Christian e Baby Pignatary não iam se casar, e que o amor dela por ele — e vice-versa — era de estrela para "play-boy"

Depois, os dois apareceram pelo Rio e brincaram o Carnaval juntos, anunciando para o casamento, "em algum lugar socegado"

Mas as más línguas garantem que não sai casamento. E Lady Maxwell chega a apostar. É ela quem conta:

"A coisa aconteceu assim, no Bal Masqué (quase sem máscara) do Hotel Glória:

Alberto Ferreira — fotógrafo da REVISTA DA SEMANA — procurava Linda Christian e Baby no salão. Conhecia os dois só de fotografias. Passou várias vezes pelo Guerreiro Havaiano e pela Havaiana sem ligar muita importância. Foi quando alguém comentou:

"Olha a Linda Christian. Ela nem parece a mesma do cinema"...

A Havaiana era ela. O Guerreiro Havaiano, Baby.

Alberto chegou para perto e começou a fotografar.

Baby, a, alguém da mesa:

— Esse moço é de que Revista?

Alberto:

— Da REVISTA DA SEMANA.

Baby:

— Pergunte a ele se quer tirar uma foto de nós dois nos beijando.

Alberto:

— Quero.

Baby:

— Então tira.

O comandante Niemeyer ri de Alberto, que na pressa esqueceu de sincronizar o "flash" da máquina.

— Falhou?

— Falhou.

— Então tira outra.

Alberto tirou. E foi a única foto de Baby Pignatary beijando Linda Christian que as revistas ou jornais publicaram, até agora.

Fim"

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um —
Guaracha — Bolero — Marcha —
Rumba — Swing — Samba —
Tango — Mambo —
Baião — Choro — Valsa —
Fox — em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demais-
mente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado moderní-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir nas
farmácias e drogarias ou pelo Correo.

**BEL-
HORMON**



Sociedade Farmacêutica Quintina Pi-
nhelro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Quisam enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BEL-HORMON

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

CARTAS

NADA PARA O TECA

ACABAMOS de ver, aqui
em Araraquara, o número de
8 d'este da REVISTA DA SE-
MANA que traz, em sua se-
ção especial de Teatro, a re-
dação intitulada Críticos Vo-
taram Errado nos Melhores,
que passara a ser objeto das
minhas considerações, para o
que rogo-lhe a devida vênia.

Como é do seu conheci-
mento, prezado sr., em agosto
de 57 o nosso Teatro Experi-
mental de Comédia, levado
pela mão do generoso minis-
tro Paschoal Carlos Magno,
apresentou-se no teatro de
Arena do Hotel Glória em
dez dias consecutivos, no de-
correr dos quais apresentou:

Xeque Mate, original iné-
dito de Sawyer Goodmann.

Amigos de Viagem, de Noel
Coward.

Os dois faladores, farsa iné-
dita medieval de Cervantes.

Um pedido de casamento,
de Tchecow.

O Urso, de Tchecow.

O Menino de Moony não
Chora, inédito de T. Williams.

O Protocolo, de Machado
de Assis.

A Mão do Macaco, de W.
Jacobs.

Ressonâncias, inédito de
Abie Gerstemberg.

Sobre os danos que traz o
uso do tabaco, de Tchecow.

Pois muito bem: depois
dessa viagem memorável, co-
berta de êxito sobre todos os
pontos de vista, não só a im-
prensa araraquarense, porém
de todo S. Paulo, divulgou
e transcreveu as seções espe-
cializadas dos jornais cari-
ocas, em que, unanimemente,
ressaltavam-se as invulgares
qualidades do grupo.

O TECA já excursionara
pelo Estado e era do conhe-
cimento geral as suas possi-
bilidades, mesmo porque crí-
ticos de S. Paulo já se ha-
bituavam a vir assistir às suas
estréias, destacando-o como
um movimento ímpar de pos-
sibilidades imprevisíveis den-
tro do Brasil. Alfredo Mes-
quita, por exemplo, diretor
da Escola de Arte Dramática
de S. Paulo, reconheceu da
encenação de O Protocolo
um dos mais perfeitos atos
machadianos que ele jamais
vira.

Ora, em tôdas as cidades
de S. Paulo, se já proliferava
um interesse todo especial
pelo teatro, ganhou intensi-
dade. A imprensa do Estado
divulgava o feito do TECA e
centenas de telegramas che-
gavam a Araraquara. E vi-
nham ainda de capitais lon-
gínquas do Brasil, de outros
grupos, para visitas e exi-
bições.

De certa forma os amadores
achavam que tinha chegado a
vez deles. Esperava-se an-
siosamente o resultado dos
críticos cariocas. O resultado
veio: o TECA falhou. E se
o TECA falhou, o movimento
todo falhou, pois que o TECA
era um paradigma.

Estes nossos moços estu-
davam dia e noite há três
anos. Conhecem praticamente
tudo quanto se fez sobre tea-
tro desde que há história.
Wallace Leal V. Rodrigues,
o diretor, afora ser um moço
de inteligência excepcional,
tem um cultura vastíssima,
fala três línguas, é conside-
rado uma das maiores forças
da poesia nova de S. Paulo.
Felipe Luís, o figurinista,
anda sendo procurado insis-
tentemente pelo cinema e o
teatro de S. Paulo, fez furor
num desfile Bangu, com as
suas criações. Ele se dedicou
a tal ponto e tem tal conhe-
cimento do assunto que pôde
apresentar aí no Rio, com ab-
soluto rigor, figurinos das se-
guintes épocas: 1560 — 1820
— 1860 — 1915 — 1920 e
atual. Por esse motivo um
dos críticos cariocas escreveu
este tópico que todo o Estado
de S. Paulo e o Brasil leram:
Quem foi que disse que é pre-
ciso ir-se a Paris para apre-
nder-se desenho de indumen-
tária? Aconselhamos aos in-
decisos que embarquem ime-
diatamente para Araraquara.

Um outro crítico no Rio
disse que o Pedido de Casa-
mento do TECA (disse e es-
creveu) era a melhor coisa que
já vira no gênero e ainda
bastante superior à apresen-
tação dirigida por Adolfo
Celli para o Teatro Brasileiro
de Comédia.

E então três colunistas cha-
maram Wallace de gênio. Ora,
isso tudo empolgou. E se o
TECA falhou, que esperança
existe para os outros?

Estou lhe escrevendo cheia
de angústia porque, agora
mesmo, a imprensa está di-
vulgando que Wallace acei-
tou, por fim, proposta para
dirigir cinema. Essas pro-
postas vêm se fazendo há
muito e ele arengava, não
aceitava, ficava com o seu
TECA, o seu sonho. Nós to-
dos o estimulávamos: Sim, o
Teatro, porque o Teatro Bra-
sileiro é a cultura brasileira.
Um grande plano de ação se
elaborava para 58, com um
repertório fabuloso, em que
se via Pirandello, O'Neil, Cle-
mence Dane, Strindberg. E
agora o moço vai fazer co-
mércio no cinema. E o que
será do TECA, a mais bela
expressão do teatro amador
no Brasil? Porque duvida-
mos muito que não morra.
Outros rapazes se formavam,
nos diversos setores da equi-
pe, porém um trabalho desses
não se faz em meses...

Julietta Amaral

SILEPSE

"... e estranhei a constru-
ção da frase "As donas-de-
casa preferimos..." no anún-
cio das enceradeiras Epel pu-
blicado no número 5 da re-
vista. Acho que a forma certa
é "as donas-de-casa prefe-
rem"...

Martha Cardoso, S. Paulo
§ Nosso Departamento de
Publicidade informa: trata-
se de uma figura gramatical
mais conhecida nas rodas dos
filólogos como Silepse.

Editor

CONFUSO

"Anúncio muito moderno e
confuso o da Kola Kola. O
que é, afinal, aquilo?"

Jorge Figueiredo,
Belo Horizonte
§ É anúncio que não existe.

Editor

BB

"... gostei da coragem da
revista em publicar fotogra-
fias censuradas de Brigitte
Bardot..."

Milton Sebastião, D.F.

BROTINHO

"Muito bonitinha a filha da
princesa Hanzade, que vai ser
rainha do Iraque. Gostei da
reportagem".

Marina Mendes, P. Alegre



Os discos voadores
também têm
um satélite da terra

ASTRÔNOMOS DESCOBREM ATIVIDADES

PERGUNTA

É verdade que há anos vêm sendo notadas, pelos astrônomos, atividades suspeitas na Lua? Que estará se passando de real em nosso satélite?

RESPOSTA

Desde meados do século passado vários astrônomos vêm observando misteriosas atividades na Lua, sem saberem a que as atribuir. Herschel e Gruithuisen, por exemplo, assinalaram luzes estranhas na superfície lunar. A Real Sociedade Britânica de Astronomia, após investigações acuradas, confirmou o aparecimento dessas luzes, mas se absteve de declarar-lhes a causa. Já em nosso século foram vistas surgir paredes em certas crateras lunares, sem explicação natural para o fato, pois as crateras sempre se apresentaram inalteradas nas lunetas e telescópios. E o astrônomo inglês Wilkins, especialista na Lua, descobriu, além de luzes de holofotes cruzando-se sob o céu lunar, construções abobadadas, exatamente como se planeja que serão as casas a edificar na Lua. O mais surpreendente, porém, é uma ponte imensa que surgiu sobre a região denominada de Mar Crísio, que o selenólogo Wilkins considera obra ciclópica de engenharia, pois além de estender-se num arco de mais de 20 kms, tem resistido ao impacto dos meteoros e aos tremendos desníveis da temperatura lunar. E o Mar Crísio é, precisamente, a região onde, no século passado, foram observadas luzes estranhas e outras atividades suspeitas.

Tudo induz a crer que se trate, realmente, da base lunar estabelecida por seres advindos de outros planetas, talvez mesmo de fora do nosso sistema solar.

PERGUNTA

Já foi aventada a hipótese de partirem os discos voadores, que nos visitam, de uma base no espaço. Será isso admissível ou mesmo provável?

RESPOSTA

O major reformado da Marinha norte-americana Donald Keyhoe, famoso publicista em discos voadores, faz revelações sensacionais a respeito dêsse e de outros assuntos correlatos. Afirma êle que há uma plataforma-base de discos voadores girando em torno da Terra! E que essa estação espacial já foi detetada pelo radar (casualmente) e não é vista por emitir, ao que se julga, luz absorvente das cores. Tratar-se-ia, assim, de base invisível ao homem e, por isso mesmo, mais eficiente como ponto de operações estratégicas. Afirma ainda que aviadores norte-americanos, através do radar de bordo, já divisaram discos voadores, por êles perseguidos, pousar num porta-discos gigante, desaparecendo êste em instantes! É simplesmente assombroso e quem ler as obras de Donald Keyhoe se convencerá, tal a fonte da documentação exibida para comprovar suas assertivas.

PERGUNTA

E quais são essas obras?

RESPOSTA

Três. Eis os títulos em vernáculo:

"Os discos voadores existem" (1948).

"Os discos voadores vêm de outros mundos" (1953).

8 — REVISTA DA SEMANA

"A conspiração do silêncio em torno dos discos voadores" (1955).

Tôdas foram publicadas em inglês, na América do Norte, e não há delas, ainda, qualquer tradução.

PERGUNTA

É verdade que, como se disse, a explosão de uma bomba nuclear na Lua acarretará inundações na Terra?

RESPOSTA

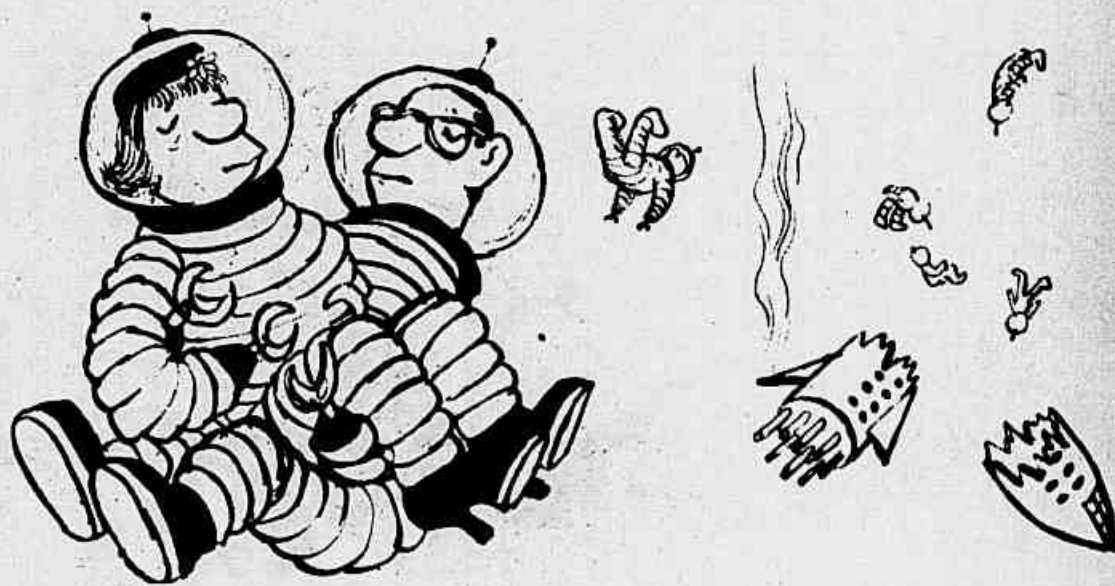
O físico norte-americano que tal declarou não deu as razões de como seria provocada a inundação, limitando-se a rezear que a mesma pudesse ocorrer. Uma coisa é certa: ao parecer geral de cientistas e meteorologistas de renome não se modificaram, até agora, as condições climáticas por efeito das irradiações atômicas, em que pese à opinião dos leigos. Ora, se as emanções das experiências atômicas e termo-nucleares em nada, ainda, afetaram o regime climático, por que uma explosão atômica lunar, tão distante, causaria inundações na terra? Decorreriam estas de alterações meteorológicas, e tão grandes, que produzissem efeitos catastróficos. Mas é tão reduzida a ação das emanções oriundas das explosões nucleares sobre a atmosfera, que não é de rezear-se qualquer perturbação dessa natureza. Outras, porém, já seriam as perspectivas no caso de uma guerra atômica, ferida no solo ou no espaço. A grande quantidade das irradiações, mesmo que relativamente limpas (neutralizadas), impregnaria de tal modo a atmosfera que seriam de temer consequências climáticas hecatômicas.

PERGUNTA

O lançamento do satélite americano levou vantagem sobre os satélites russos?

RESPOSTA

O "Explorer" foi lançado a quase 400 kms de altura (perigeu), alcançando, na distância máxima da terra (apogeu), cerca de 2300 kms. A velocidade de que se acha animado é pouco superior à da com qual foram orbitados os satélites



russos. Nessas duas performances, houve superação sobre os "sputniks" que, no peso e ângulo de inclinação sobre o equador (sem falar em Laika), deixam longe o americano. Mas a maior altura importa mais que o maior peso no que respeita aos dados que o satélite possa captar e transmitir à Terra. O peso dos satélites russos atesta que o combustível nêles empregado é de altíssima potência, superior à força específica 400 (valor em ks, da propulsão, para cada quilo de combustível queimado, por segundo), enquanto os carburantes comuns não chegam à força propulsora 300. Talvez tenha alcançado 300 o Hydine, novo combustível que foi usado no Júpiter C, que conduziu a lua americana. Mesmo assim, a

SUSPEITAS NA LUA

fôrça dos propulsores russos é incomparável, pois já prometem novo satélite com peso superior a uma tonelada. Esperam os americanos lançar, ainda este ano, novos "Explorers", de pesos sucessivamente maiores. Se o fizerem, terão conseguido grandes progressos em carburantes químicos, um dos pontos em que a ciência soviética se mostra muito avançada.

PERGUNTA

Que duração provável se espera para o "Explorer"?

RESPOSTA

Dada a altura a que se encontra, poderá durar muito mais que o I Sputnik; dado, porém, o insignificante peso, poderá durar muito menos. Tudo depende da maior ou menor carga de areia meteorítica que nêle se incrustar. Desde que uma fôrça externa nêle atue, diminuirá a velocidade e começará a perder altura. E isso, para um satélite, é o princípio do fim.

PERGUNTA

O II Vanguard explodiu, como o I, ou foi destruído?

RESPOSTA

Foi automaticamente destruído, por explosão. Desde que se observe alguma irregularidade, num foguete (que tem, como se sabe, controle eletrônico), pode ser êle imediatamente destruído, causando-se-lhe a explosão em pleno ar. Foi também o que se deu com o último Atlas, o balístico intercontinental da Força Aérea. Após haver atingido a altura necessária para prosseguir por si mesmo, teve a sua explosão eletronicamente provocada. É medida preventiva de acidentes que poderiam causar a queda dos foguetes fora do alvo, dado o seu enorme peso em toneladas e o alto grau de corrosividade dos seus combustíveis. A destruição do engenho impõe-se, nesses casos, como medida de segurança.

Ao que se julga, teve o Vanguard seu rumo desviado por um defeito nos controles. O rumo é modernamente determinado, nos foguetes, por mudança automática na direção dos gases ejetados. Sobrevindo uma falha, começou o "Vanguard" a adernar e então explodiu por controle eletrônico.

Se o III Vanguard, cujo lançamento se anuncia para breve, fôr ainda mal sucedido, terá de ser definitivamente abandonado. E, talvez, assim, o gigantesco lápis aerodinâmico de 25 metros de comprimento por 1 de largura (essa a sua forma) não trace, jamais, no quadro-negro do espaço exterior, a desejada elipse para o seu satélite.

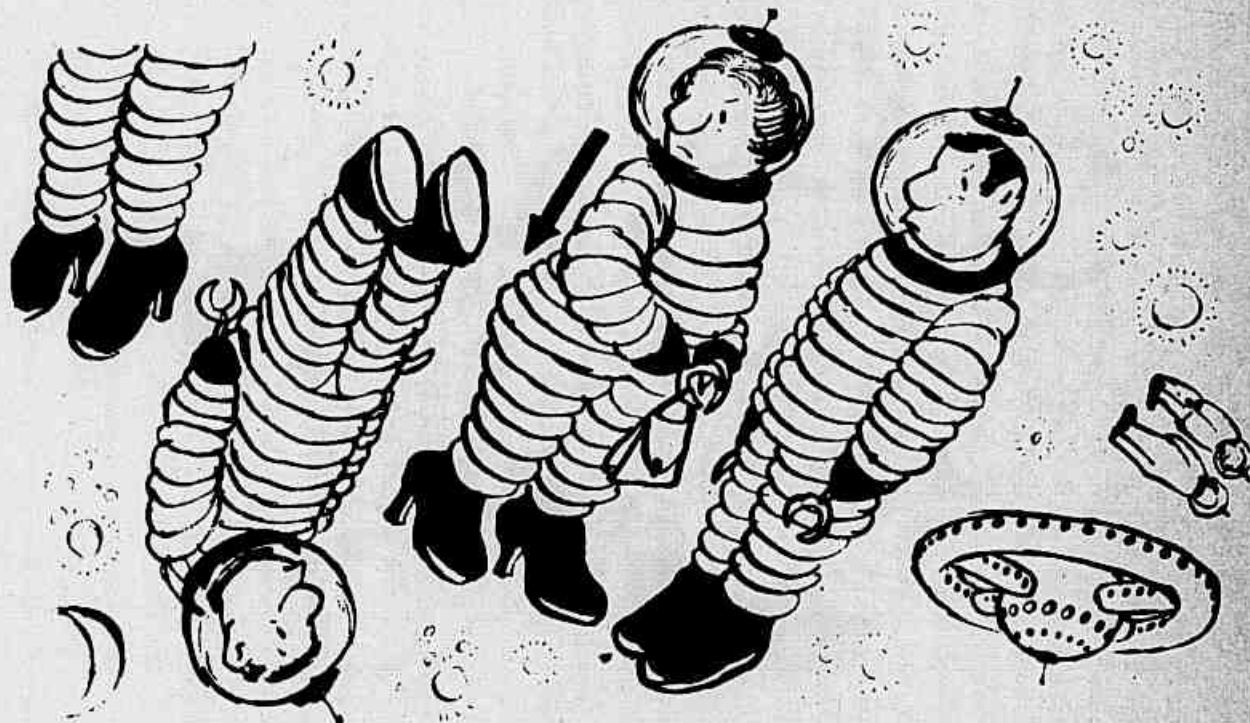
PERGUNTA

Sendo os mísseis balísticos formidáveis armas de guerra, como se fará a defesa contra êles?

RESPOSTA

A defesa anti-míssil é complexa operação bélica e exige tão extensa e eficiente rede de radar que a maior barreira, no caso, é apenas técnica que econômica. Custará bilhões a defesa antifoguete. Mas que é possível é. Para ter-se idéia do que representa essa defesa, três são as suas necessidades básicas: detetar, identificar e interceptar o projétil inimigo e isso em questão de segundos! Detetar só o pode o radar em linha reta, pois não acompanha a curvatura da terra. Daí ser bem curto seu raio de ação, pelo que se fazem mister conjuntos de radar. Dada a altíssima velocidade dos balísticos

não haverá tempo para interceptá-los sem extensa e múltipla rede de radar — terrestre, aérea e marítima — verdadeira Linha Maginot eletrônica. A identificação de um corpo na



tela do radar é outro problema, pois o eco eletrônico é sujeito a colapsos e falhas e, às vezes, dá falso alarme. A terceira e decisiva necessidade é a interceptação, que só pode ser feita se o antimíssil foi disparado com tal presteza que destrua o inimigo antes que atinja este o seu objetivo. Como se vê, difícil é tal defesa. Faz ela parte, hoje, da missilística, que completa e supera a balística.

Os EUA já possuem foguetes supersônicos antimísseis, como o Nike, o Talos e o Bomarc e estão construindo novos e mais poderosos, como o Zeus e o Plato. E estão, também, erguendo uma rede-muralha em redor de seu território, estendendo-se às águas territoriais e ao espaço, verdadeira barreira eletrônica que transmite sinais para um sistema central de controle. Este recebe informes de várias procedências, interpreta os sinais e faz, se fôr o caso, disparar automaticamente os antimísseis. E tudo isso, repetimos, em questão de segundos! Não será fácil ao inimigo transpor tal barreira. Tio Sam, com gigantesco e penetrante olho eletrônico vela, dia e noite, pela segurança americana.

PERGUNTA

Acaba de ser preconizada a aplicação do princípio de Arquimedes, a fim de facilitar ao homem o vôo cósmico. Quer dizer que seremos alojados, no espaço, em caixas d'água?

RESPOSTA

A sugestão é do dr. Beischer, da Medicina aero-naval dos EE.UU. Ocorreu-lhe que, desde que "todo corpo mergulhado num líquido perde parte do seu peso igual ao peso do volume do líquido deslocado", poderá o homem resistir melhor ao aumento de peso nas tremendas acelerações e desacelerações das naves cósmicas, se estiver mergulhado n'água. Esse o fundamento da já chamada "Caixa d'água sideral de Beischer". Acontece que a diminuição de peso, assim provocada, não é tão grande quanto fôra de desejar; mas que ajuda a solução do problema, ajuda. Lembremo-nos de que os antigos dinossauros, de porte mais agigantados, eram aquáticos. Em terra não poderiam deslocar-se, vergados ao próprio peso. Foi também assim que a baleia, de mamífero terrestre, passou a animal marinho. Dotada de pés (de que ainda há vestígios em seu esqueleto), mal poderia andar em terra firme. Perdendo, porém, boa parte de seu peso pela imersão, voltou ao mar, de onde, primitivamente, saíra.

Como a baleia, o homem do futuro terá a sua chance de voitar ao meio aquático, de onde saíram seus mais remotos ancestrais...



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6104

RIO DE JANEIRO

CARTA AO DESCONHECIDO

JUCY MARIA

VOCÊ DIZ que se parece comigo, que minhas palavras são as suas, meu sentimento é o seu. Se assim é, esteja certo, acontecerá o milagre. Você voltará a crer... e a amar. Não deteste as lembranças. Ah! Se elas não existissem! Como poderia eu saber agora o sabor de um romance ingênuo, como o repicar de sinos no Natal? Que saberia eu dessa alegria adolescente que o tempo nos vai roubando? Deixe as memórias em paz. Risque apenas as coisas más, como se elas não existissem. E não seja assim triste, assim magoado. Por que sentir-se silhueta recortada na profunda solidão escura? Por que entregar-se à dor? Saia para a luz. Deixe tanta pena para os desgostos realmente grandes. Volte o rosto para o que lhe sorri. Sempre há qualquer coisa que nos sorri, pode crer. Há apenas que procurá-la e dela tirar o máximo de bom e de belo. Que satisfação vencer a tristeza, aliviar a mágoa, quase esquecê-la — e encontrar o que não encontraríamos se, cegos e vencidos, cedêssemos à angústia. "Não mais acredito em nada", escreve-me você. Acredita, sim, meu amigo, acredita em mim. Vejo isso em toda a sua carta. E estende-me suas mãos, como que pedindo socorro. Ignore os que o têm ferido pela vida afora. Melhor, dê-lhes o seu perdão. Perdoando fica-se em paz, não resta um cantinho sequer para o ódio que é tão nocivo à alma. Sua vida foi dura. Você tem lutado sempre. Mas é lutando que se triunfa. Sem pugna não há vitória. Pense nisso. Há que superar a todos os obstáculos. Não desperdice sua juventude. Você tem razão: "de nada valem vaidades e orgulhos". Mas a morte não acaba com tudo, não! O corpo se desfaz primeiro com o tempo, sim, depois com a terra, mas a alma permanece sempre. E os seus atos de amor e piedade nessa sua trajetória pelo mundo — nessa mesma que você diz inútil — far-lhe-ão, depois, uma grande surpresa, maravilhosa. Não mais me repita que o amor é exatamente aquilo que não se realiza nunca, que fica no desejo, no sonho! Não é verdade! O amor é tudo na vida. É a Luz, a Fôrça, o próprio Deus. Amar é dar, dar, sem exigir nada em troca. Mas é dando que se recebe, não se esqueça. Ao vento que me acarinha, dou-lhe minha ternura. Também eu, meu amigo, sou como as árvores. Tenho raízes. Sou prisioneira das convenções humanas, eu sôfrega de amplidões. Mas nem por isso sou infeliz. A natureza inteira se me oferece em côres, carícias e perfumes. E por vezes é tão bela que, de feliz, me ponho a chorar. E no entanto, diante desse mesmo quadro, vejo criaturas passarem inconscientes à casta oferta. Depende somente de você essa felicidade. Nossa permuta de almas, por exemplo, não lhe sugere uma alegria? Não é verdade que é linda essa troca de pensamentos? Faça como eu, busque em todas as coisas uma doçura nova. Veja, irei agora aos Estados Unidos. Vou em busca de um intercâmbio admirável de países e almas. Professor Ruy Azevedo é um homem que compreende o maravilhoso do entrelaçamento de povos diferentes. Organiza grupos, duas vezes ao ano, e leva em cada um de nós a nossa pátria, os nossos costumes, a nossa língua. Lado a lado — brasileiros e americanos — revelamos nossas terras como as de um mundo novo, surpreendente. Estudando na mesma Universidade, ensinamos e aprendemos, formamos amizades sólidas. O idioma da alma é um só. E então, segure minhas mãos. Vou arrancá-lo desse pessimismo em que se está afogando. A vida é linda. Venha para o sol. A felicidade é de cristal, sim, mas inquebrável. Pode apertá-la bem. Ela já não lhe despedaçará a alma. Não a deixe pendurada no céu, como um astro. Ela brotará em seus olhos, nascerá em sua boca. Não a jogue fora.

Quando necessitar, escreva-me outra vez. Qualquer tristeza dividida, pesará, em verdade, muito menos.



AS MULHERES PREFEREM ROCK HUDSON



No baile do Glória houve uma "escrava oriental" que hipnoti

UM VIDOR QUE NÃO É KING, o cineasta de "Hallelujah!" e "Guerra e Paz", mas Charles, o diretor das estrepolias de Rita Hayworth ("Gilda", "Os Amores de Carmen") e do elegante "O Cisne"; uma Marilyn não-Monroe (Maxwell), um tanto envelhecida, especialista em "vamps" de comédias à Bob Hope ou à Jerry Lewis; um Van Heflin escoltado pela esposa, a atriz (retirada) Frances Neal, pai de três filhos que ficaram em casa, com 47 anos, quase oculto sob a barba que arranhará Silvana Mangano em "A Tempestade". Esses elementos formaram três quartos da delegação que Hollywood enviou para o Carnaval carioca, sob o patrocínio da Motion Picture Association, organização que congrega os produtores "não-independentes" do cinema americano.



zou Rock Hudson e o levou à varanda, mas logo depois voltou,

Sob o ponto de vista do grande público, principalmente, o grupo foi ralo. Harry Stone, o amável representante da M.P.A., responsável direto pelos convites, não contava com o "forfait" de Linda Darnell (que alegou doença) ou de Barry Sullivan ("compromisso inesperado para um programa de televisão"). Só o quarto componente do grupo representou a constelação dominante do momento hollywoodiano: Rock Hudson, a maior atração de bilheteria nos Estados Unidos, segundo o último inquérito anual entre os exibidores americanos. Felizmente, o que falta em Rock sobra nos outros: simpatia. Neste caso, como acontece freqüentemente em cinema e outros veículos, a qualidade artística e humana é inversamente proporcional às preferências da multidão.



encerrando a experiência e nunca

mais gritou Rock, Rock, quando ele passava na Avenida ou posava com Ilka ou Wilza.

QUATRO ASSUNTOS NA BERLINDA — Quem ganhará os próximos "Oscars"? Que acha da crise econômica de Hollywood e das virtudes da "televisão paga" como solução? Boa ou má a influência do Actors' Studio sobre o cinema americano? E o "caso James Dean"?

O "OSCAR" de interpretação masculina irá para Marlon Brando ("Sayonara") ou Alec Guinness ("A Ponte do Rio Kwai") — é a opinião geral. Charles Vidor, que dirigiu Guinness em "O Cisne", admira muito a interpretação do ator inglês, mas prefere arriscar a previsão com Brando, o ator que Rock Hudson também cita de saída, antes de acrescentar o nome de Guinness. O "Oscar" de "melhor filme" irá para

"Sayonara", se não couber à "Ponte do Rio Kwai". Van Heflin vota no inglês David Lean, pela direção de "A Ponte". E entre os outros filmes de 1957, acha "maravilhoso" o do jovem Stanley Kubrick ("A Morte Passou por Perto"): o drama de guerra "Paths of Glory" ("Trilhas de Glória"), que passará como "Glória Feita de Sangue" no Brasil. "Maravilhoso", mas "terrivelmente deprimente", acrescenta o ator.

Nenhum dos visitantes arrisca uma previsão quanto à "melhor atriz". Lembramos Joanne Woodward ("As Três Máscaras de Eva"), uma das candidatas mais cotadas ao "Oscar". Hudson diz que ainda pretende ver o filme. Van Heflin, que trabalhou na estreia cinematográfica de Joanne — ambos carregaram nas costas "O Vale da Redenção" ("Count

Three and Pray"), acha que ela tem excelentes possibilidades de vitória.

Enquanto essa entrevista fôr impressa, a Academia de Hollywood anunciará sua lista de candidatos ao "Oscar". Por sua atuação em "Adeus às Armas", versão dirigida por Charles Vidor, com Jennifer Jones, Hudson deverá figurar entre os concorrentes na reta final. Tanto o ator como o diretor preferem não opinar sobre suas chances. Aliás, a fita vem sendo malhada por críticos fidedignos dos EE.UU. Vidor diz apenas: "foi o filme mais trabalhoso de minha carreira".

A CRISE EM HOLLYWOOD é um fato dia a dia mais dramático. Os cinemas continuam fechando em quantidade, a produção vai diminuindo, os estúdios param temporariamente ou reduzem o trabalho ao mínimo, o "bilhete azul" é ameaça constante nos guichês que atendem às folhas-de-pagamento. Embora incontestáveis esses fatos, os "carnavalescos" de Hollywood são otimistas em relação ao futuro. "Não há crise que um bom filme não cure", diz Van Heflin; "a produção diminui, mas a tendência é para fitas maiores e melhores". Diz Vidor: "Desde que estou em Hollywood (há quase 20 anos) o cinema está em crise. Em verdade, está em transformação e não vejo porque a televisão paga não seja o próximo grande passo".

Heflin, Marilyn e Hudson também vêm com otimismo as experiências (caça-níqueis, assinaturas mensais) que se processam em algumas cidades americanas com a chamada "pay-as-you-see-TV" ou "toll-TV". Aham que os programas de patrocínio comercial podem continuar, sem prejuízo da introdução do cinema não-gratuito nas salas-de-estar. "Com exceção de alguns programas, o padrão da TV ainda é terrivelmente ruim", observa Hudson, preconizando o casamento do veículo televisão com os talentos e a técnica da Capital do Cinema.

Agora, nos Estados Unidos, veio à luz uma análise de público patrocinada pela Motion Picture Association. Cerca de 50% das pessoas entrevistadas (de um total superior a cinco mil) disseram preferir a anunciada "pay-TV" ao velho hábito de sair de casa para ir ao cinema. Mas na nota de otimismo de nossos entrevistados há um fantasma: a venda de filmes (não "TV-filmes") para exibição gratuita no vídeo, sob patrocínio de anunciantes. A massa da produção pré-1948 está invadindo a televisão e concorrendo com os cinemas. E já produtores independentes estão vendendo fitas posteriores a 1948. Foram vendidas mais de 300, inclusive o clássico "Matar ou Morrer" ("High Noon"). "É uma loucura", opina Heflin.

O ACTORS' STUDIO, a escola de Kazan & Lee Strasberg responsável pelo estilo que tem Marlon Brando e Julie Harris como seus expoentes, é bem visto pelos entrevistados. Segundo Van Heflin, que trabalhou na primeira peça dirigida por Kazan na Broadway, é ótima a influência do grupo sobre Hollywood. Charles Vidor, sem manifestar entusiasmo pelo "Método", acha que seus seguidores vieram ocupar os tronos vazios das "rainhas e reis" de Hollywood, hoje praticamente desaparecidos (pelo menos no velho estilo) sob a pressão de uma autêntica "revolução social". "Hoje em dia o espectador vai ao cinema para ver personagens reconhecíveis, semelhantes à moça ou ao rapaz da casa vizinha".

Rock Hudson acha boa, "em certo grau", a influência Kazan-Strasberg. Mas vê muita coisa "tôla" em sua aplicação: "a alguns é prejudicial".

JAMES DEAN, para Hudson, não era um "grande" ator: apenas "muito bom". Teve pouco contato com ele durante a filmagem de "Giant" ("Assim Caminha a Humanidade"). Diz que só trabalharam juntos em dois "takes" — o que é estranho, mas possível, dentro da técnica cinematográfica. Dean era um profissional "difícil", vivia isolado nos cantos do estúdio e "had nothing to offer to a group of people". (Literalmente: "nada tinha para oferecer a um grupo de pessoas". Mas preferimos, como observação mais exata, a versão: "nada podia oferecer às pessoas como grupo").

"Senti a morte de James Dean como se houvesse presenciado um crime", diz Van Heflin. "Tinha um futuro brilhante. Foi o jovem ator mais "exciting" (excitante, ou melhor, im-

pressionante) que eu já vi. Vidor também gosta de Dean, mas prefere Brando sobre todos os seguidores do Actors' Studio.

PREFERÊNCIAS & IMPRESSÕES

Van Heflin, que nos visita pela terceira vez, tem para o Brasil elogios não-protocolares. Pretende, realmente, comprar terras em Goiás e passar algum tempo aqui todos os anos. Da durabilidade de seu casamento (16 anos), diz: "Um recorde e tanto para Hollywood, não é?". Gosta de bom uísque, Chaplin ("um dos verdadeiros artistas"), "westerns" ("ótimo gênero pelas possibilidades de movimento e dramaticidade simples"), filmes japoneses ("magnífica fotografia"), realismo italiano, ir ao cinema, teatro (fêz há pouco "A View From the Bridge", de Arthur Miller), não acredita de forma alguma em discos voadores, mas crê que ainda seremos uma das maiores nações do mundo. Sobre a corrida pelo espaço: vê com prazer todos os progressos, pois se considera homem de mentalidade internacional; contudo, em vista da posição política de seu país, gostaria que a liderança nesse terreno coubesse aos EE.UU. ou outro país do Ocidente.

Heflin é homem de extraordinária simpatia, sem qualquer pose de "astro". Detalhes expressivos colhidos em nossa visita ao seu apartamento no "anexo" do Copacabana: (1) agradece cordialmente e com um de seus melhores sorrisos à empregada que traz seu terno passado a ferro; (2) preocupa-se, após telefonema para Nova Iorque, com uma constipação intestinal que atrasou a viagem da esposa; (3) enquanto o chamam para o coquetel na Embaixada, volta-se para enxugar com um pano a marca do copo de uísque sobre a mesinha do apartamento.

Rock Hudson recebeu-nos ligeiramente, quando de partida para um baile com o grupo da Motion Picture. Pose de "astro", com um toque de displicência afetada. Sempre tímido no trato com pessoas não íntimas, esconde sua insegurança sob uma capa de enfado e superioridade. Nega autógrafa friamente a uma fã que se aproxima com caderninho e caneta: "Agora não, obrigado". Compreendemos que não tem facilidade de formar ambiente: não viria ao Brasil se o casal Vidor não fizesse parte do grupo. Se formulamos mal uma pergunta não faz qualquer contribuição à conversa. Parece sentir prazer em um dos silêncios embaraçados do entrevistador que não admira o entrevistado.

Hudson está separado da mulher, Phyllis Gates, ex-secretária de seu "manager". Casamento sem filhos. Informações fidedignas e observações pessoais justificam uma conclusão em conflito com sua auréola popular: Hudson não concorda com a REVISTA DA SEMANA quando esta afirma que "bom mesmo é mulher". Sua acompanhante oficial para bailes carnavalescos: Ilka Soares.

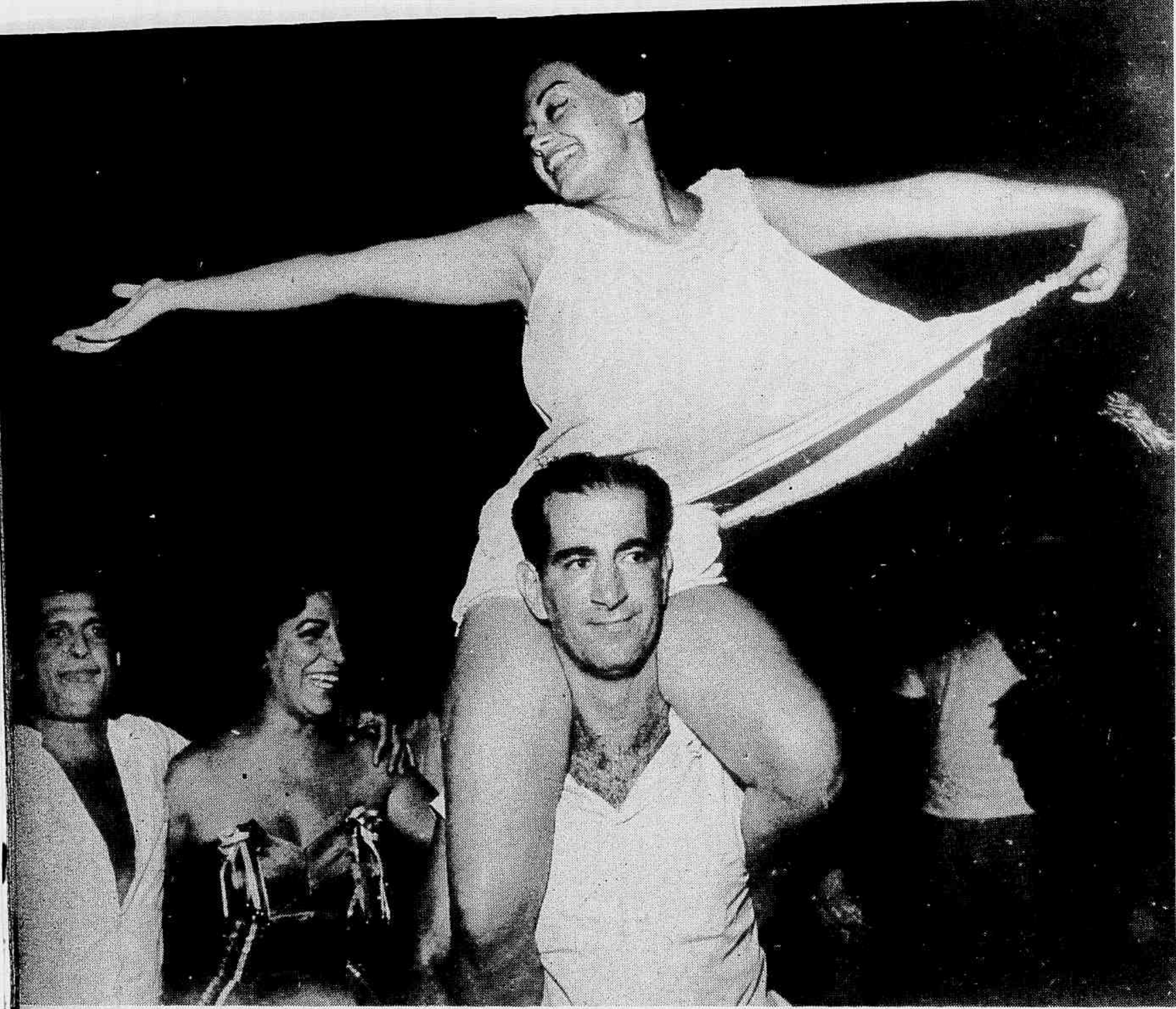
Charles Vidor lembra Claude Rains fisionomicamente, como, também pela postura e ar um tanto sofisticado. Foi casado com Evelyn Keyes. Perguntamos: "Gosta de dirigir atores?". Resposta: "Prefiro dirigir atrizes. Você não?". É húngaro de nascimento, gosta que o chamem Vidór. Tem contrato para mais dois filmes com a Fox, mas pode trabalhar para outros estúdios. Com experiência em todos os gêneros ("A Noite Sonhamos", "Adeus às Armas"), acha seu "melhor filme" sempre "o próximo". Opina sobre Grace Kelly, que trabalhou sob suas ordens em "O Cisne": "Pouco comunicativa, mas grande trabalhadora, disciplinada, dominando todas as linhas do papel. Um dos artistas mais competentes que já dirigi".

Marilyn Maxwell, alta, amável, nada tem da "vamp" que faz na tela. Não tem idade oficialmente, mas não parece abaixo de 40. É casada com Jerry Davis, escritor de cinema e televisão, que chegará ao Rio depois do Carnaval. Trabalha mais em televisão atualmente. Seu último filme: "Rock-a-bye-baby", de Frank Tashlin, com Jerry Lewis. Sobre a televisão em cores: "Ainda levará alguns anos para sair do estágio experimental. Os cenários e costumes dos programas em cores são belíssimos — no estúdio. A transmissão não lhes faz justiça. Atualmente eu não aceitaria nem de graça um receptor de color-TV".

QUITANDINHA

NA
SERRA
O CALOR
ESTÊVE
POR
DENTRO





Ombros de homem no Carnaval são garupa de mulher.



Fantasiada de pitelra, ela se esqueceu de que um dia o fumo acaba.



"É triste querer e não poder, não poder..."

ENQUANTO UM friozinho do lado de fora assustava alguns foliões, um calor não muito tropical concorreu para a animação não muito ordeira do baile do Hotel Quitandinha no Carnaval de 58. Para uma média de cinco mulheres de pernas de fora, uma estava fantasiada com saíote um pouco acima dos joelhos, mas o que mais se via era homem segurando mulher na garupa.

Com um policiamento bastante ostensivo, os foliões mantiveram-se equilibrados em seus excessos, se bem



"Mamãe, mamãe, mamãe eu levei bomba".

que quase que de meia em meia hora alguém se lembrasse de que deveria fazer uma briguinha no baile porque achasse que Carnaval é festa de desabafo.

Músicas mais cantadas: "Madureira Chorou" e "Fanzoca de Rádio".

Fantasia mais: pernas de fora.

Bebidas: uísque e guaraná.

A moça mais animada (e solitária): uma egípcia que dançou toda a festa em cima do tablado da orquestra. Foi apelidada de "Ninguém me toque".



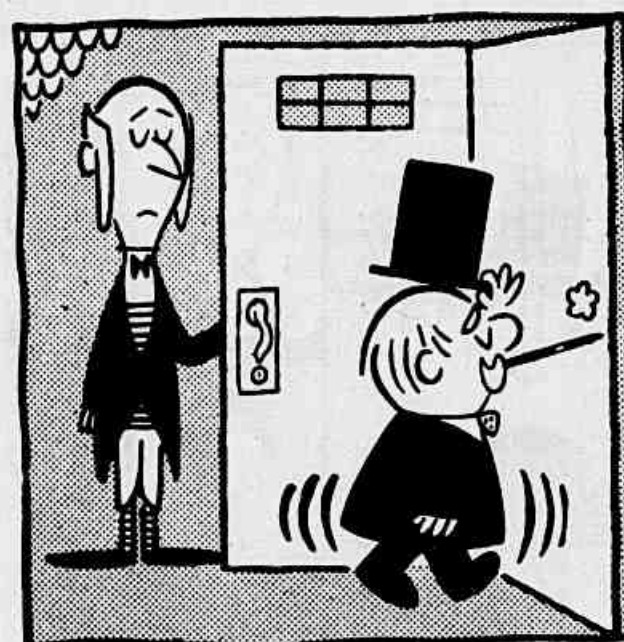
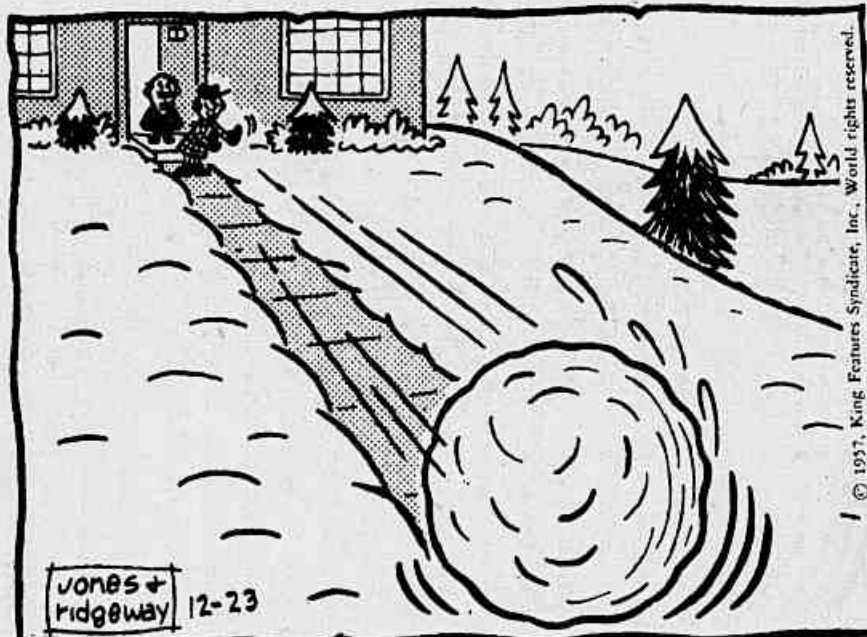
Os gregos eram assim (na Grécia) e ficaram assim (em Quitandinha).

Dois tomam conta de uma: sinal vermelho para os outros.



Essa egípcia foi apelidada de "Ninguém me toque".







Porque "with fresh yes we can see better" e porque o seu colega Piero Saporiti inventou que muitas cobras venenosas passeia-nomeado chefe do bureau do Time-Life no Brasil.

IMPrensa

Lott vai entrar para o "International Set"

O JORNALISTA NORTE-AMERICANO George de Carvalho, que há semanas é o novo chefe do "bureau" das revistas Time-Life no Brasil, antes de encontrar-se com o presidente Kubitschek visitou o general Teixeira Lott, com quem conversou em francês e inglês, e saiu do gabinete do ministro da Guerra convencido de que "êle será um dos homens mais conhecidos em todo o mundo dentro de poucos anos".

"O general Lott, que é um homem muito importante, pessoalmente, é simpaticíssimo, tem um largo sorriso, fala bem sobre vários assuntos e é muito afável, mas na televisão êle se apresenta diferente, com um rosto bastante grave", disse George de Carvalho à REVISTA DA SEMANA, informando que conversou com o general e o ministro Macedo Soares (Relações Exteriores) sobre o reatamento de relações com a União Soviética e obteve duas respostas contrárias.

George de Carvalho, que teve ancestrais portugueses e tem pais norte-americanos, nasceu há 37 anos em Hon-Kong (China), onde seu pai trabalhava e foi com um ano de idade para os Estados Unidos, tornando-se cidadão norte-americano. Muito pequeno, fez uma viagem com os pais pela América do Sul, mas só agora, homem feito, conheceu o Brasil pela primeira vez.

Formou-se em Literatura pela Sourbone (França), mas na mocidade começou a trabalhar em jornal, como repórter de polícia, no "San Francisco Chronicle", considerado o New York Times do Oeste dos Estados Unidos. Durante a II Guerra Mundial, foi pára-quedista, participou da invasão da Normandia, sendo ferido duas vezes na perna esquerda e comandou, como sargento, um pequeno grupo de soldados.

Durante a guerra da Coréia, voltou ao "front", mas como correspondente, "tarefa muito mais suave", disse-nos George de Carvalho.

Até que o presidente Eisenhower fôsse eleito, George de Carvalho trabalhava como correspondente do "San Francisco Chronicle" em Washington. Depois, foi convidado para trabalhar no Time-Life, em New York, sendo transferido depois, como correspondente, para Paris e Roma, até que veio para o Rio.

"Deixei a neve de New York pelo sol carioca. Minha



vam em Copacabana e depois brigou com políticos brasileiros, o jornalista George Carvalho (cujos com nome brasileiro) foi

mulher e eu sentimos um pouco a diferença", acrescenta George de Carvalho, que fala com muita facilidade, é alto, elegante, traja-se comumente com roupas escuras, fuma cigarros "Kingston", bebe uísque socialmente e gosta de rir muito. Não tem filhos.

Acha que o Brasil "não é um país do futuro", mas "um país de hoje", disse que dias antes de vir para o Rio avistou-se em Washington com mr. Rubottom, secretário de Estado em Assuntos Americanos (êle virá próximamente ao Brasil) que lhe informou que os Estados Unidos mantêm o máximo interesse em ajudar o Brasil em tôdas as atividades porque o consideram um dos mais importantes países americanos.

"O Brasil é muito grande, cresce diàriamente, seu povo é alegre, tem entusiasmo, o que não acontece com outras nações, como Argentina, por exemplo, cujas ebulições serviram para tirar o gôsto de viver de seu povo", disse George de Carvalho, garantindo que em cinco anos o Brasil terá a sua própria gasolina e mostrando-se entusiasmado pelo sistema de transporte aéreo brasileiro.

Êle já está aprendendo a falar português (tomou doze lições), gosta da vida social brasileira ("Tôda noite convidam-me para uma festa"), acha os jornais brasileiros "muito bem proporcionados em notícias" e as revistas "bem ilustradas". Informa que a circulação mundial do "Life" é 6 500 000 exemplares, a do "Time" é de 2 500 000 (semanalmente), a do "Fortune" é de 250 000 e a do "Sports Illustrated" é de 800 000 (mensalmente).

"Vamos procurar difundir mais o "Sports" pelo Brasil, país onde os esportes encontram muitos leitores", diz George de Carvalho, que já ganhou em 1952 o Prêmio "Pulitzer", considerado o Prêmio Nobel de jornalismo, e em 1951 o "Catholic National World", por trabalhos considerados de "grande alcance social".

"Mais importante do que o dinheiro que êsses prêmios dão é o prestígio adquirido pelos vencedores", acrescenta o jornalista, que vai escrever para "Time" e "Life" uma história sobre o Estado de São Paulo e seus políticos (principalmente Jânio Quadros e Ademar de Barros), sobre Brasília e muitas outras regiões brasileiras.

"Minhas revistas estão interessadas em divulgar ao máximo todos os aspectos humanos e geográficos do Brasil".

Sobre o lançamento dos "sputniks", George de Carvalho disse que "os Estados Unidos são um país que pode fabricar tudo em massa, desde automóvel até satélites".

George de Carvalho veio substituir o sr. Piero Saporiti, que foi correspondente do Time-Life no Brasil durante quase dez anos.

"É costume das nossas revistas mudar correspondentes após dois ou três anos de serviço em cada país. Piero Saporiti cobrirá as eleições na Argentina e depois chefiará o "bureau" do Time-Life em Buenos Aires".

"With fresh eyes we can see better" (Com olhos novos podemos ver melhor) disse George de Carvalho, justificando o método do Time-Life na troca de correspondentes após poucos anos de serviço.

Disse-nos que até Eisenhower ser eleito o "San Francisco Chronicle" era politicamente independente, passando depois a ser republicano.

Particularmente, George de Carvalho acredita, entretanto, que os Democratas possam vencer os Republicanos nas próximas eleições nos Estados Unidos.

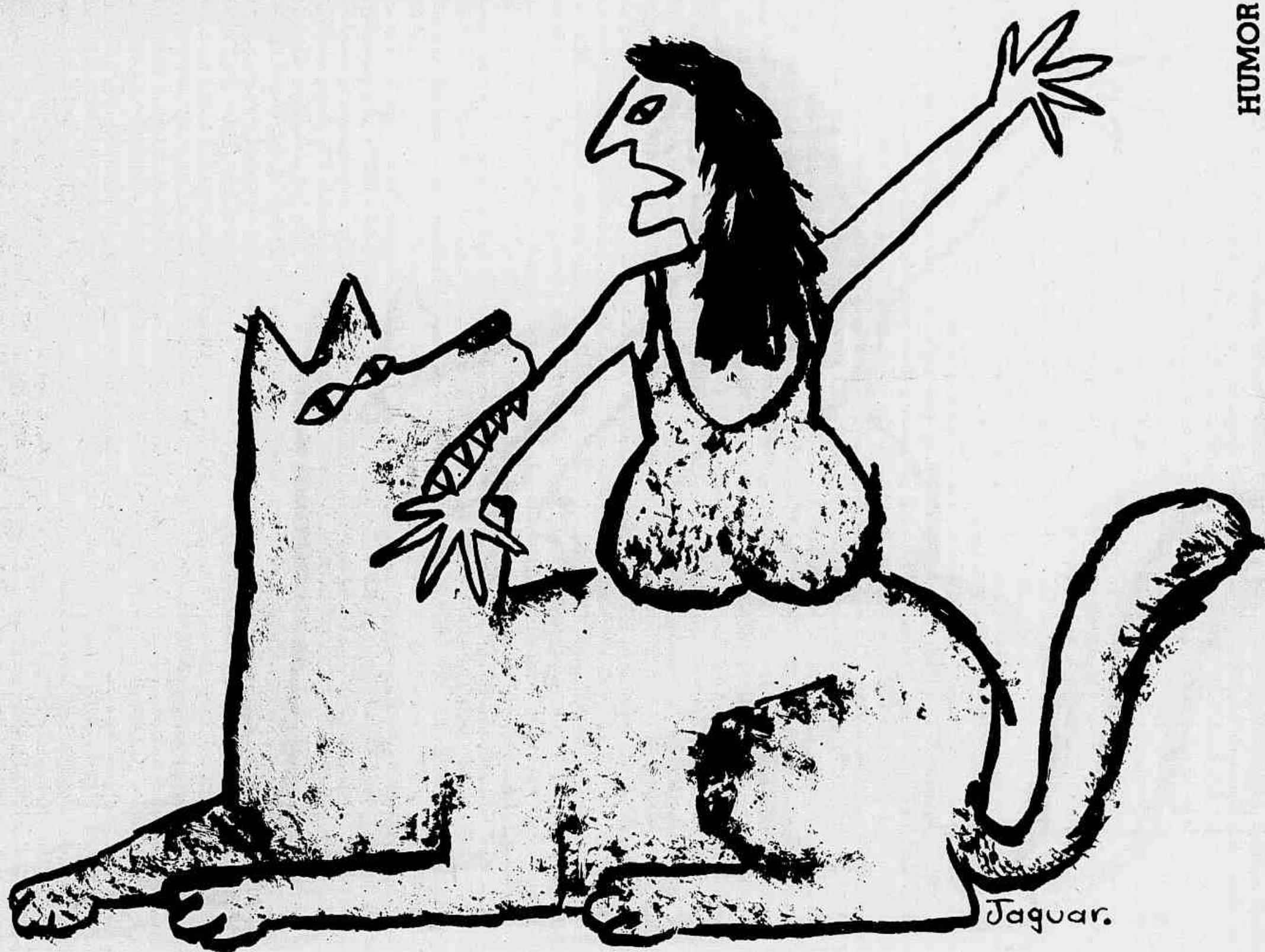
Quanto à divergência entre a Marinha e o Exército norte-americanos para a construção do satélite artificial, disse: "É uma pena".

Três versões circularam sobre a transferência do sr. Piero Saporiti da chefia do "bureau" do Time-Life no Brasil para outro país:

1) Houve forte oposição, inclusive dentro do próprio "bureau", porque êle prestigiou "demasiadamente" a campanha do presidente Juscelino Kubitschek e a figura do general Teixeira Lott.

2) Teria se prendido "muito intimamente" a determinados grupos econômicos, principalmente de São Paulo.

3) Durante seu tempo de serviço no Brasil sempre enviou para suas revistas notícias que não recomendavam o Brasil no exterior. Exemplo: disse que havia cobras na Avenida Rio Branco e que índios podiam ser vistos constantemente na avenida Atlântica.



A MULHER E O CACHORRO

MELANDER

CERTO FIDALGO de Vestfália costumava convidar para o almoço dominigueiro o seu presbítero, homem moço, conversador e facêto, conduzido havia pouco ao leme da Igreja. Um dia teve de viajar para o estrangeiro. Estando já a meia milha de seu castelo, disse de repente ao escudeiro:

— Lembro-me agora de uma coisa de que faço muita questão que minha esposa seja advertida; para ela também é muito importante. Volta, pois, imediatamente, e adverte-a em meu nome, de modo grave e solene, que não dê ao presbítero, em minha ausência, nem almoço nem jantar; não o deixe entrar em casa durante todo o tempo em que eu não estiver lá; principalmente, não ponha os pés em casa dele e abstenha-se de qualquer conversa com ele.

O escudeiro prometeu a seu amo cumprir a ordem, e regressou ao castelo. Mas, apenas se afastara um pouco, pôs-se a meditar e a resmungar: — “Decerto, o meu amo assustou-se com a idéia de que esse novo presbítero novato, cheio de seiva, como é natural em um moço, rapaz forte, formoso e lúbrico, se pusesse a assaltar o pudor da senhora. Deve ser por isso que lhe proibiu toda espécie de familiaridade com ele. Mas eu, por Hércules, conheço os costumes dessas mulherzinhas. Elas praticam de preferência justamente as coisas de que têm ordem de se abster. Portanto, para que em nossa ausência ela não tenha ligações com o tal acólito, nada lhe direi, absolutamente,

sobre a ordem do meu amo, mas inventarei algum outro recado por ele dado a mim”.

Mal entrara o escudeiro no castelo, já a senhora acudia e, com lágrimas nos olhos, perguntou-lhe:

— Que significa a tua volta tão apressada? Será que os negócios de meu marido não andam bem?

— Andam, sim, muito bem — respondeu o criado. — Meu senhor mandou-me voltar para, em seu nome, advertir-vos de uma coisa. Quer e manda o meu nobre senhor que em sua ausência não vos ponhais a brincar com aquele nosso grande molosso, acostumado a rédeas, nem o monteis. Teme que aquele cachorro, irritável e sempre disposto a morder, venha a morder-vos por acaso.

— Não entendo muito bem esta proibição — respondeu a mulher. — Por Hércules, nunca tive a idéia de acariciar o molosso, ainda menos de montá-lo. Digo mais: não há ninguém no mundo que me tenha visto brincar com ele. Por tudo isso, esta recomendação era inteiramente supérflua.

Mas o escudeiro, antes de se ir, insistiu:

— Compreendestes, então, minha senhora, o recado de vosso marido? Ponde, pois, todo o empenho em obedecer-lhe.

— Volta a meu marido — respondeu a mulher — transmite os meus votos de felicidade, e diz-lhe que fique tranqüilo, não se preocupe comigo, pois farei todo o possível para lhe provar, pelo meu

procedimento, o quanto lhe estou submissa nesse ponto, como em outro qualquer.

Mal o escudeiro tinha virado as costas, eis que a mulher começa a matutar: — "Não posso imaginar por que razão meu marido me proíbe de acariciar o molosso ou montar nêle. Deve haver aí algum motivo oculto. Não me lembro, por Castor, de o ter feito ou mesmo tentado. Bem, de qualquer maneira, está certo: morra eu se tocar o cão com um dedo sequer!"

Depois de tais reflexões, vai buscar alguns pedaços de pão e joga-os ao cachorro. Verificando que êste os devora avidamente e vem lisonjeá-la depois, traz mais um pão e repasta o animal até saciá-lo. Acaba acariciando-o, sem dúvida para experimentar se é tão irritável, como pretende o marido. Vendo que o animal suporta bem o tratamento, exclama:

— Vejam só como é tratável o nosso molosso!

Nisto, senta-se no cão, apertando-lhe um tanto as costas com as nádegas. O cachorro se enfurece, arreganha os dentes e crava-os no braço da mulher. Ensanguentada, agoniada pela dor, ela vê-se forçada a chamar um médico para tratar-lhe da ferida.

Passam-se dias. Volta o fidalgo e encontra a espôsa de cama, com ar abatido, muito pálida.

— Que desgraça te aconteceu, minha luz? — perguntou-lhe alarmado.

— Tudo isto é devido a ti — respondeu ela. — Se não me tivesses recomendado, pelo escudeiro, que não brincasse com o molosso, nunca me haveria atrevido a tocá-lo.

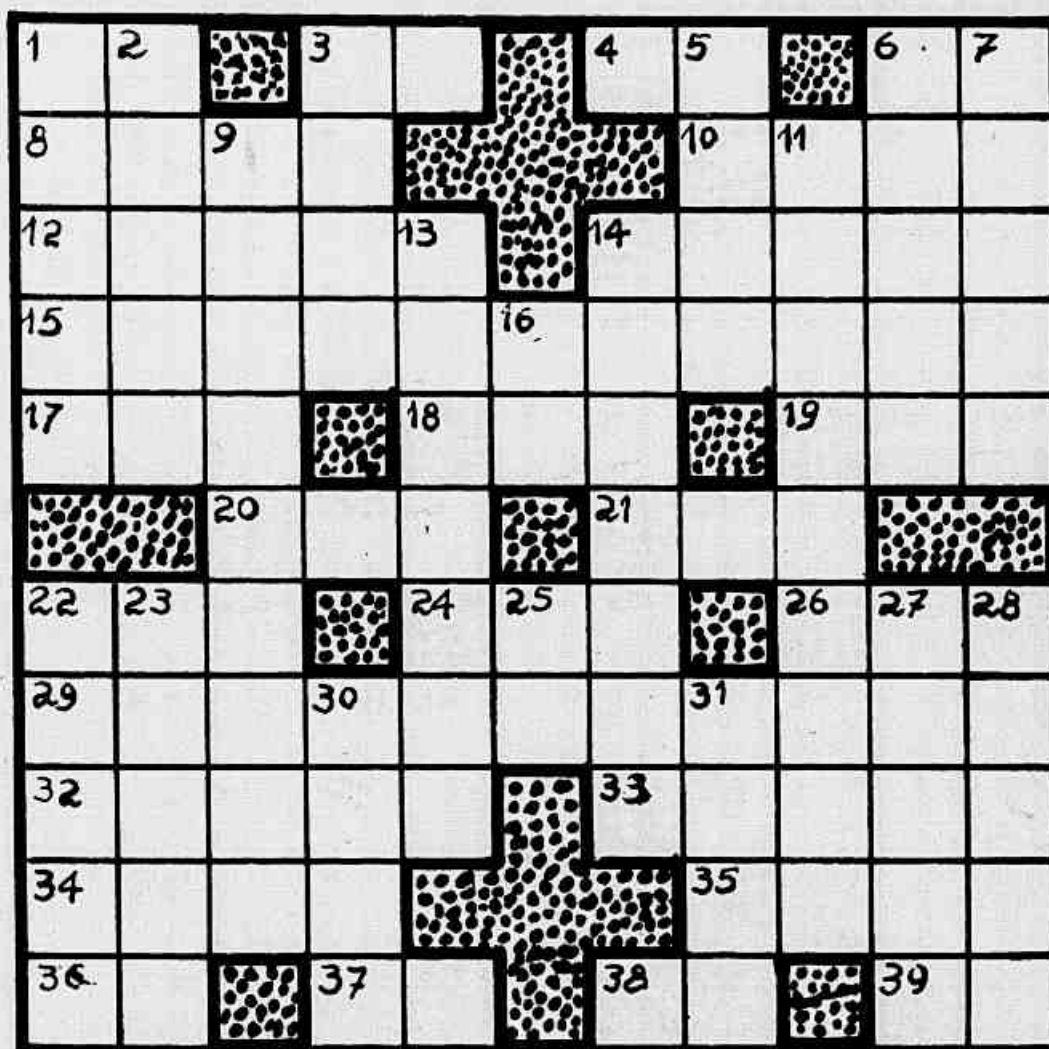
O fidalgo, surpreendido, procura justificar-se por todos os meios e jura por Júpiter não ter mandado dizer pelo escudeiro nada de semelhante; depois, chama-o:

— Então, patife, eu mandei dizer a minha mulher que não acariciasse o molosso?

— Nada disso — responde o criado. — Mandaste-me proibi-la de introduzir o presbítero em vossa casa enquanto estivesse ausente. Eu, porém, inventei outro recado, por saber do costume que têm as mulheres de fazer precisamente o que se lhes proíbe. Se de fato eu lhe tivesse vedado todo e qualquer contato com o padrezinho, sem nenhuma dúvida ela o haveria introduzido em casa, e agora, em vez de terdes uma espôsa honesta, teríeis o vosso lar transformado em hediondo prostíbulo. Foi isto o que eu quis evitar, convencido de que a mulher procura sempre o que se lhe proíbe e podeis ver a prova manifesta disso no fato de ter ela acariciado o cachorro e tê-lo montado, embora eu lho tivesse vedado com a maior insistência.

O fidalgo não deixou de aprovar a atitude do prudente criado, a quem daí em diante teve em melhor conceito, e encerrou o incidente com estas palavras:

— Prefiro ver minha mulher mordida pelo cachorro a sabê-la desonrada pelo acólito.



Otaver-Rio

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N° 22

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Medida itinerária do Japão, equivalente a quase um quilômetro — 3. Tropel — 4. Um dos quatro elementos dos antigos — 6. Falta de préstimo — 8. Homem muito vigilante — 10. Trazer — 12. Tivera ciúmes — 14. Inerente — 15. Diz-se da flor cujas partes se transformaram tôdas em pétalas — 17. Tomei com a mão — 18. — Signa mourisca do Crescente — 19. Indignação — 20. Mania — 21. Tudo aquilo de onde uma coisa se deriva — 22. A residência habitual do indivíduo — 24. Prefixo designativo de inferioridade — 26. Navio de vela — 29. Cumprimentos respeitosos — 32. Azeitona — 33. Afadigara-se — 34. Exaltou — 35. Cerimônia em que os gentios da Índia agitam luzes diante do ídolo — 36. Mibemol, na notação alemã — 37. Espécie de melão — 38. Epiglote — 39. Corifeu.

VERTICAIS: — 1. Fenda — 2. Peixe de rio dos Açores (pl) — 3. Vivo — 5. Barranco — 6. Destruir — 7. Espécie de amaranto — 9. Hora matutina em que o galo anta — 11. Tornar bem distinto — 13. Desenvolvimento incompleto de qualquer parte do organismo — 14. Despenhadeiros — 16. O ente consciente — 22. Qualquer doença das vias urinárias — 23. Elevados — 25. Único — 27. Grande artéria — 28. Vestis — 30. Cidade da Tchecoslováquia — 31. Desprovidos.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Mulher de mau gênio (pl.) — 6. lavra — 7. Que se realiza de sete em sete anos — 10. Prefixo, o mesmo que «trans» — 11. Gemidos — 12. Preposição — 13. Símbolo químico do neônio — 14. Antigo navio de combate cuja proa era muito munida de um espigão de aço — 16. Acrescentei — 17. Tornar isento — 19. Interjeição que exprime espanto, surpresa — 20. Flexão do verbo sessar.

VERTICAIS: — 1. Enigmas — 2. Fêmea do gato — 3. Interjeição de uso entre os índios e caboclos do Amazonas, exprimindo espanto, alegria, surpresa — 4. Ladrão do mar — 5. Conflitos, brigas — 8. Solitárias — 9. Até agora — 15. De minha propriedade — 16. Moeda portuguesa de cobre, usada em Diu — 18. Em as.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 21

PARA VETERANOS

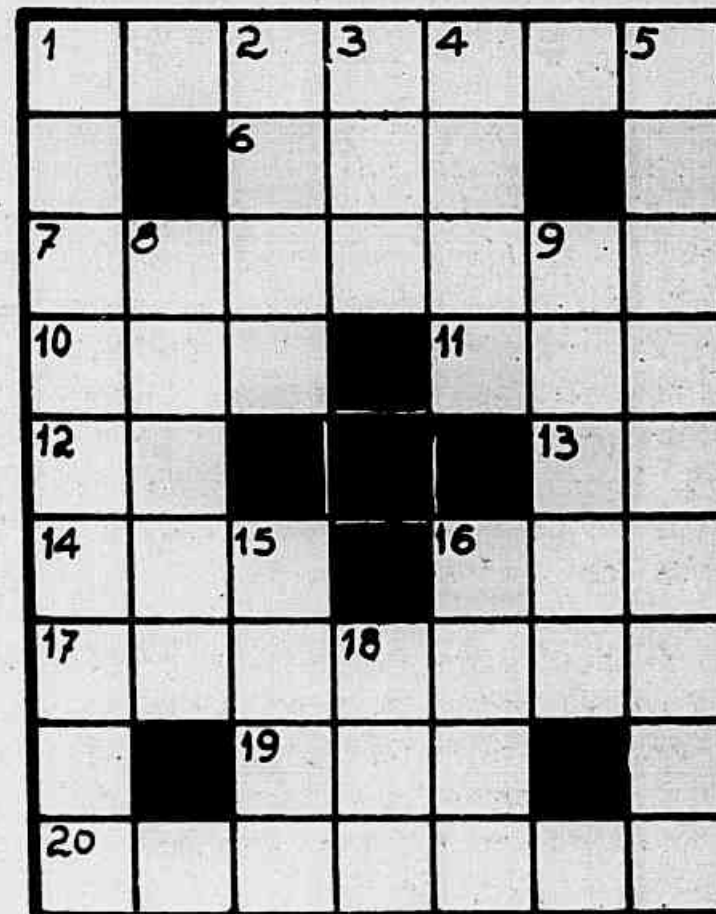
HORIZONTAIS: Macio — farol — traem — atar — ergo — macambúzos — eludias — om — tu — iracema — receituário — irós — ucas — sosso — geosa — árias.

VERTICAIS: moral — Al — it — preza — fama — ata — racêmicos — aristarco — ego — mosa — obducto — mu — ui — cris — ressa — ai — eu — Mauês — tosa — ero — las — or — Ga.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: grato — ata — em — mó — recatar — emético — ri — or — ôco — accri.

VERTICAIS: Ra — Atlântico — ta — ser — dor — me — má — era — mi — cá — ora — oc — or.



Otaver-Rio

Teatro da praça como é

EM AGOSTO do ano passado (muito antes, portanto, de ser eleito o melhor diretor de 57, Geraldo Queiroz começou a pensar seriamente em organizar um grupo de teatro para apresentar peças de nível superior ao normal, tendo em vista o espírito de divulgação de obras difíceis ao teatro comercial. Para tanto, cercou-se de alguns jovens idealistas e expôs a sua idéia. Queria um grupo realmente de equipe, tendo como base que cada um seria sócio da empresa, todos empatando partes iguais de capital e trabalho, e o possível lucro seria da mesma forma distribuído entre eles. Nove jovens aderiram a Geraldo, aceitando a sociedade: Ada Araújo, Carmem Sílvia Murgel, Isolda de Sousa, Cláudio Correia e Castro, Emílio de Matos, Fábio Sabag, Roberto Ribeiro, Roberto Cleto e Júlio César de Sousa. Esses 10 formaram, então, o Teatro da Praça, que a 12 de dezembro de 1957 foi fundado com a autorização do Prefeito a dar espetáculos no auditório da escola da Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana.

Geraldo Queiroz lutou muito para conseguir esse lugar, correndo de repartição em repartição, pedindo a um e a outro, etc. E foi com o interesse de Pascoal Carlos Magno (patrono do grupo), que o Teatro da Praça tornou-se realidade.

O nome escolhido não foi a êsmo; Geraldo acredita que o futuro do teatro brasileiro está na praça pública, visto que não temos salas de espetáculos. Embora a localização conseguida seja excelente, é preciso notar que eles trabalharão com muitas limitações. No mesmo prédio funciona uma escola pública (aulas de manhã e à tarde) e usam-no para várias outras finalidades. O Teatro da Praça terá que se conformar em ter a sala livre exatamente na hora dos espetáculos. A Prefeitura lucrará cedendo essa sua dependência, visto que farão melhorias nas instalações.

O Teatro da Praça terá também um teatro infantil permanente, que funcionará ao mesmo tempo que o teatro para adultos. Isso — diz o seu fundador — é de muita importância para preparar um público futuro de teatro. Não pretendem

anunciar as peças futuras. É comum ler-se nos programas uma série de peças a se montar que nunca se concretizam. Por isso anunciarão apenas a próxima peça. De início darão espetáculos de quinta-feira a domingo. Além dos sócios-artistas, convidarão outros para determinadas peças. Ainda não têm idéia de repertório (a não ser em qualidade): vão encenar obras modernas, clássicas, nacionais e estrangeiras.

A diretoria será eleita para o prazo de um ano.

O espetáculo inaugural será com "O Chapéu de Palha de Itália", de Labiche, atuando, além dos sócios (que serão alternadamente tesoureiros, publicistas, bilheteiros, indicadores, eletricitistas, etc.): Maria Sampaio, Kalma Murtinho, Claude Haguénauer (dos "Comédiens de l'Orangerie"), Paulo Serrado, Ezéquias Marques Júnior, Carlos Augusto Mem, José de Freitas e Roberto Montenegro.



INTERNACIONAIS

PRESENTEMENTE três elencos encenam "Phèdre", de Racine, em Paris, cada um de modo diferente. Assim, Jacqueline Morane é uma "Phèdre" virtuosa, enquanto que Madeleine Manon é cerebral e Maria Casares, apaixonada.

Com relação ao espetáculo do TNP, o curioso é que Jean Vilar encenou-o de

forma a não depender dos maquinistas (em face da greve), usando o mínimo de cenários, isto é, apenas um telão negro e um banco sobre o tapete. Jean Vilar continua afirmando que permanecerá como diretor do TNP somente até o dia 31 de agosto próximo.

"NUDE with Violin", de Noel Coward, está sendo apresentada na Broadway com o próprio autor no principal papel. Em Londres essa mesma peça continua em cartaz, tendo agora Robert Helpmann em substituição a John Gielgud. * Somente agora Londres está assistindo "Gata em teto de zinco quente", de Tennessee Williams, estrelada pelo ator canadense Paul Massie, no papel de "Brick". * O musical americano "Bells are Ringing" (criação de Judy Holliday na Broadway) está sendo encenado no Coliseum, tendo Janet Blair na atribulada telefonista. * "Requiem for a nun", de William Faulkner, que foi um grande sucesso em Paris, não foi muito bem recebida pela crítica londrina. * Vivian Leigh ainda não se decidiu qual dos dois papéis interpretará na versão inglesa de "Pour Lucrèce", de Jean Giraudoux, que Jean-Louis Barrault vai dirigir. Consta que Deborah Kerr será convidada para ser a outra intérprete. Na apresentação parisiense, Madeleine Renaud e Edwige Feuillère foram as criadoras dos principais papéis. * "Teur sans gages", de Ionesco, mal foi concluída por seu autor, está sendo programada em Paris, Berlim e Roma. O belga tem quase pronta uma nova produção, intitulada "Les Rois". * Em Berlim estreou a peça "The Entertainer", de John Osborne, mas os críticos não gostaram muito do novo autor inglês. Acredita-se que o defeito tenha sido de adaptação.

EUGÈNE Ionesco esteve recentemente em Londres assistindo à apresentação em francês do seu "Comment s'en débarrasser". Um crítico londrino perguntou-lhe como julgava as peças inglesas, tendo Ionesco respondido: "Vi inúmeros espetáculos nesta minha visita a Londres, mas como não falo uma palavra de inglês, não pude compreender nenhuma peça!"

A RONDA DO PÁTIO



"A RONDA do Pátio", de Paulo Novaes é um romance de 193 páginas. Preço: Cr\$ 80,00. Lançamento da Livraria Agir Editôra, Rio de Janeiro, 1957. Capa e ilustrações (tôdas muito expressivas) de Onofre Penteado. Prefácio de Tristão de Athayde. Papel e impressão, razoáveis. A revisão deixa a desejar.

O AUTOR — Dificilmente se ouve falar em Paulo Novaes nos círculos literários, que ele não frequenta, sendo um dos poucos autores brasileiros contemporâneos a se dedicar ao comércio, onde desde 1952 emprega suas atividades.

Carioca, nascido em 1931, morou até os nove anos em São Paulo. Mas já foi no Distrito Federal que fez o curso secundário e se formou em Direito (Faculdade de Direito do Distrito Federal), sem nunca, entretanto, viver da profissão de advogado.

Sua estréia literária, aos 19 anos, deu-se com um livro de poemas: "Fios". "Noite em Sete", volume de contos, veio dois anos depois. Em 1954, dava à publicidade outro livro de histórias curtas: "Burgo".

O pequeno setor da crítica que foi sensível à atividade literária, até o momento, de Paulo Novaes saudou nêle o aparecimento de uma tendência inteiramente nova na prosa de ficção do Brasil.

O LIVRO — Calijão, informador de um Banco, resolve aposentar-se, tendo treinado Ismael, que chama seu "aprendiz", para ocupar-lhe a vaga. Aparentemente, existe a maior camaradagem entre ambos. O que há, entretanto, em verdade, é um absurdo ressentimento de Calijão contra Ismael. Em primeiro lugar, porque não conseguiu fazer do próprio filho o sucessor. O rapaz, Bento, fugindo à maligna vontade de domínio do pai, recusa-se a continuá-lo no Banco, assim como, em criança, se recusara a parti-

cipar-lhe da monomania: a criação de pombos de corrida. O segundo motivo do ressentimento de Calijão vem de que, embora declarando que se aposenta por fadiga, sabe que o faz por ter levado quase trinta anos para se descobrir frustrado, uma vez que a carreira, parecendo significar tudo, nada significara para ele. Podemos acrescentar um terceiro: Ismael visita sempre a amante, Gertrudes, que lhe enche a vida de doçura e da qual fala muito a Calijão, este amargando ter vivido ao lado de uma mulher incolor, Cora. (Gertrudes nunca aparece). Do ressentimento de Calijão nasce a vontade de aniquilar o aprendiz. Ao deixar o Banco, arquiteta o plano de levar Ismael a forjar um crédito falso. No jantar de despedida, Ismael e Bento se conhecem, o filho de Calijão sentindo uma profunda identidade com o aprendiz. Leva-o, entretanto, ao cabaré onde se embriagava quase tôdas as noites. O cabaré, "Casa Rosada", pertence a Jonas e é um estranho antro de vício, ao qual Ismael fica preso, nêle se endividando acima de suas possibilidades. Jonas lhe exige então que que forje um crédito falso para ele, que, com o dinheiro tomado ao Banco, poderá saldar seus compromissos no armário que possui e na própria "Casa Rosada". Ismael, em pânico, vai a Calijão, que o incentiva, que o empurra para o crime. Obtido o empréstimo, Jonas desaparece. O armário estava hipotecado e, a "Casa Rosada", vendida. O Banco descobre a trama, e Ismael, para evitar o escândalo, aceita trabalhar dez anos, descontando, para ressarcir os prejuízos que causou, quase todo o seu salário. Vai de novo aconselhar-se com Calijão, este o convencendo de que a essa escravidão é preferível o suicídio. (Ismael já o entendera, mas não estava em desespero, faltando-lhe, pois, coragem para eliminar-se com as próprias mãos). Sabendo que a vontade de Calijão sempre foi aniquilá-lo, propõe a este a satisfação do desejo de

ambos: como não tem forças para matar-se, uma vez que não está desesperado, segurará a arma e Calijão apertará o gatilho. Uma carta comum de suicida livrará Calijão de qualquer suspeita. Este quer, mas recua. Faz uma contra-proposta: aceitará o pacto se, das pombas que está esperando naquele momento, no fim de uma corrida, três chegarem juntas, o que é praticamente impossível, já sendo raríssima a chegada simultânea de um par. Ficam os dois numa "torcida" desesperada. Chegam, afinal, três pombas juntas. Mas, antes, viera Bento, que incute de novo a esperança em Ismael. Como este recusa, então, matar-se ou deixar-se matar, quem se desespera é Calijão, suicidando-se.

COMENTARIO — O resumo que acabamos de fazer é bastante arbitrário, pois engloba apenas o que se passa no plano comum de todos os dias. Mas "A Ronda do Pátio" é como um iceberg, trazendo fora do alcance da vista a maior parte da substância de que se compõe. O plano realmente importante não é o que se desenrola fora das personagens, mas dentro delas. A gente que nos mostra é gente comum, vivendo uma vida comum, mas falando e agindo praticamente na linha do absurdo.

No prefácio, Tristão de Athayde aproxima Paulo Novaes de Kafka: "O autor do tipo universal de que podemos aproximá-lo para têmos um padrão de referência é Kafka. Gostaria de dizer: é o nosso Kafka, já que este criou um tipo de romance novo, adequado à nossa época e marcado pelo sinal da angústia, como o existencialismo. Mas no fim aparece uma saída para o ar livre e Kierkegaard substitui-se a Kafka.

Livro difícil e torturado, o do sr. Paulo Novaes, porém de uma grande beleza, de uma poesia que flui de cada palavra, apesar do clima de permanente angústia em que se desenvolve.

EU FUI ESPIÃO
PARA O KREMLIN — FIM

MYRA RECUPEROU A FÉ

JACK SOBLE

JACK SOBLE, considerado um dos maiores e mais inteligentes espiões modernos, servindo à União Soviética durante muito tempo em vários países, não escapou à argúcia do Serviço de Inteligência do FBI (Policia norte-americana).

Ele e sua mulher, uma bela lourinha de olhos verdes chamada Myra, que bebia muito e trocava beijos por informações secretas com altos funcionários americanos, foram presos depois de caírem numa armadilha muito bem preparada pelos agentes do FBI. E estão presos até hoje.

Neste último capítulo da série que publicamos com exclusividade no Brasil, Jack Soble conta o seu arrependimento e faz uma advertência aos jovens: não é bom negócio ser espião. Perde-se tudo, até a fidelidade da mulher e ainda se vai prêso.



COMPANHIA DE SEGUROS

NICTHEROY

Fogo, Transportes e Acidentes Pessoais

Agências em todo o país

Sede em Niterói
End. Telegráfico "NISECO"

Av. AMARAL PEIXOTO, 35 - 4º pav.
Tels. 2-1140 - 2-2272 - 2-0831
NITERÓI

RUA Vde. INHAUMA, 134 - 10º — Salas: 1101 a 1004
Tels. 23-1242 - 43-8242 - 43-7600
RIO DE JANEIRO

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



NOVA IORQUE, FEVEREIRO — Havia silêncio na sala do Tribunal de Justiça. Minha mulher, Myra, com muito medo, me apertava a mão, enquanto escutávamos as solenes palavras do Juiz Federal, Richard H. Levet.

"Devido a uma fidelidade ou adesão desafortunadamente errada a um regime ilógico — disse o Juiz, lendo sua sentença — mais que uma simples reforma de conduta se requer uma transformação de lealdade".

Continuou o juiz: "Há, em minha opinião, fortes indicações de que quaisquer que sejam as razões, o remorso dos acusados é evidente, e provavelmente sincero em diferentes pontos.

"De conformidade, minha disposição é como segue:

A sentença de Myra Sobre é de quatro anos.

Esse pronunciamento do Tribunal do distrito de Nova Iorque às 4.20 horas P.M. (16,30 hs.) do dia 8 de outubro de 1957, não era para nós uma sentença.

Era um novo começo no caminho do regresso à moralidade.

Eu e minha mulher começamos a ouvir essa sentença muitos, muitos anos antes, quando em meu primeiro encontro, em 1931, concordei em trabalhar para os soviéticos.

Se apenas houvéssemos atuado sãbiamente logo ao chegarmos a este país em 1941, entregando-nos ao FBI agora seríamos uma família feliz e respeitada.

Nossa posição atual deve servir de lição aos que se encontrem em condições semelhantes.

Nós sofremos os tormentos do inferno, pois não tivemos valor nem sabedoria.

Nossa vida tem sido cheia de desdita e medo. Vivemos em agonia cada minuto de nossa existência, retorcendo-nos debaixo dessa terrível carga posta sobre nossos ombros.

Agora, estamos dispostos a desmascarar o mal com o qual entramos em contato, cheios de esperanças e ansiosos por deter a outros, prevenindo-os e suplicando-lhes para ajudá-los a libertar-se dos temores e grilhões que os amarram como amarraram a nós.

No dia em que nossos parentes contrataram os serviços do nosso advogado George Worf, um homem muito distinto, ficamos muito felizes. O valor que ele demonstrou em aceitar o nosso caso, quando a indignação pública ululava, sua habilidade, foram um bálsamo em nosso desespero de degradação e vergonha.

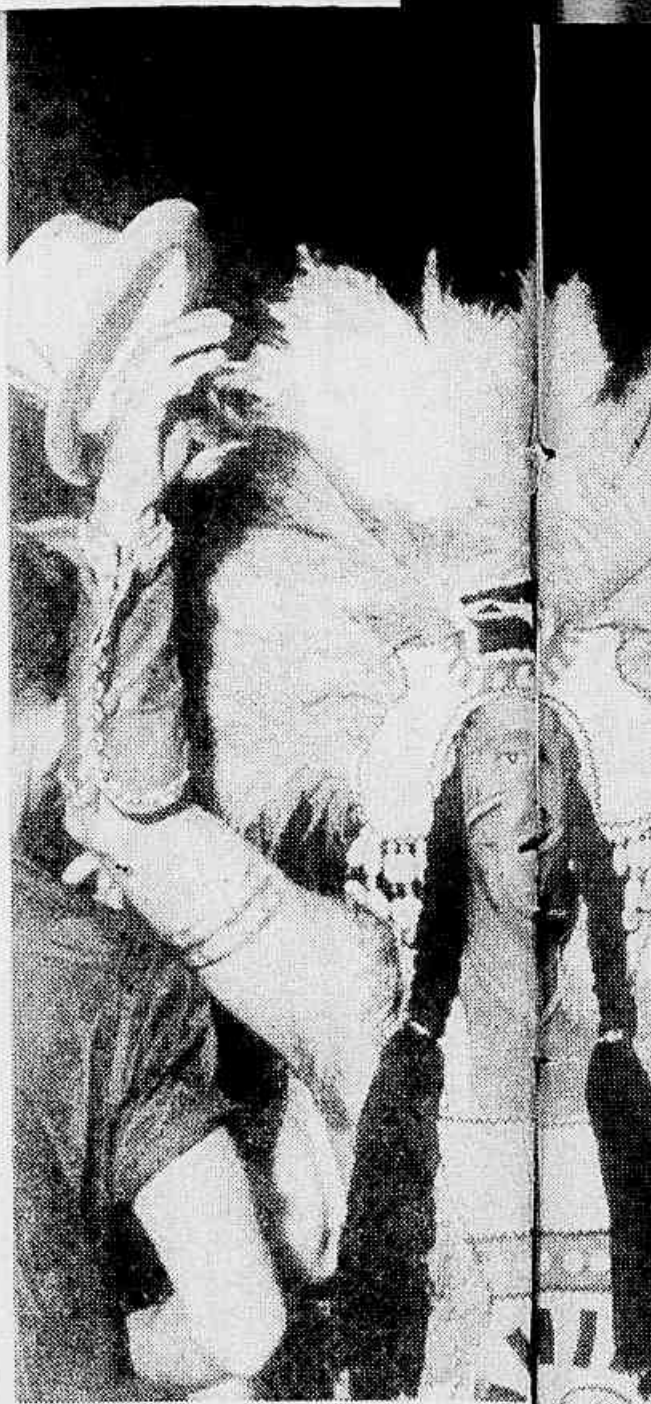
Foi ele quem me revelou a verdadeira natureza da forma democrática de governo neste país que se baseia no respeito à dignidade e aos direitos humanos. Queremos agradecer a todos, inclusive aos agentes do FBI.

Ao povo americano quero reafirmar contritamente o que disse aos tribunais: "Lamento profundamente o passado e os crimes que cometi contra o País que me deu abrigo. Espero que minha plena cooperação com as autoridades faça um bem parcial a este País. Oh, não posso perdoar a mim mesmo as coisas que fiz no passado. Tive numerosas oportunidades de corrigir-me mas não as aproveitei. Rogo-vos acreditar no que digo agora".

Alucinados por um dogma falso demos às costas à fé em Deus e às coisas boas da vida. Agora fazemos frente a longos e solitários anos de prisão.

Uma e outra vez me pergunto: Há alguma esperança para nós no futuro? O rosto pálido, lindo e irradiante de Myra me proporciona a resposta.

Myra recuperou a fé em Deus. E tem esperanças no futuro. Talvez em algum lugar, de alguma forma, também haja esperanças para mim.



Mulheres sobrando.

"É só um pouquinho, moça. Há outras me esperando".



SEM PERNAS DE FORA PARA VARIAR

COM MUITO MAIS MULHER do que homem (a média era de quatro para um) e com poucas pernas de fora o Baile do Cartola, no Fluminense, foi um sucesso e apresentou esta novidade: as moças é que procuravam os rapazes. Explicação: os rapazes ainda pensam que Baile do Cartola é com casaca e cartola e por isso não vão lá. Só os sócios que conhecem o clube por dentro é que sabem que Baile do Cartola é com traje esporte mesmo.



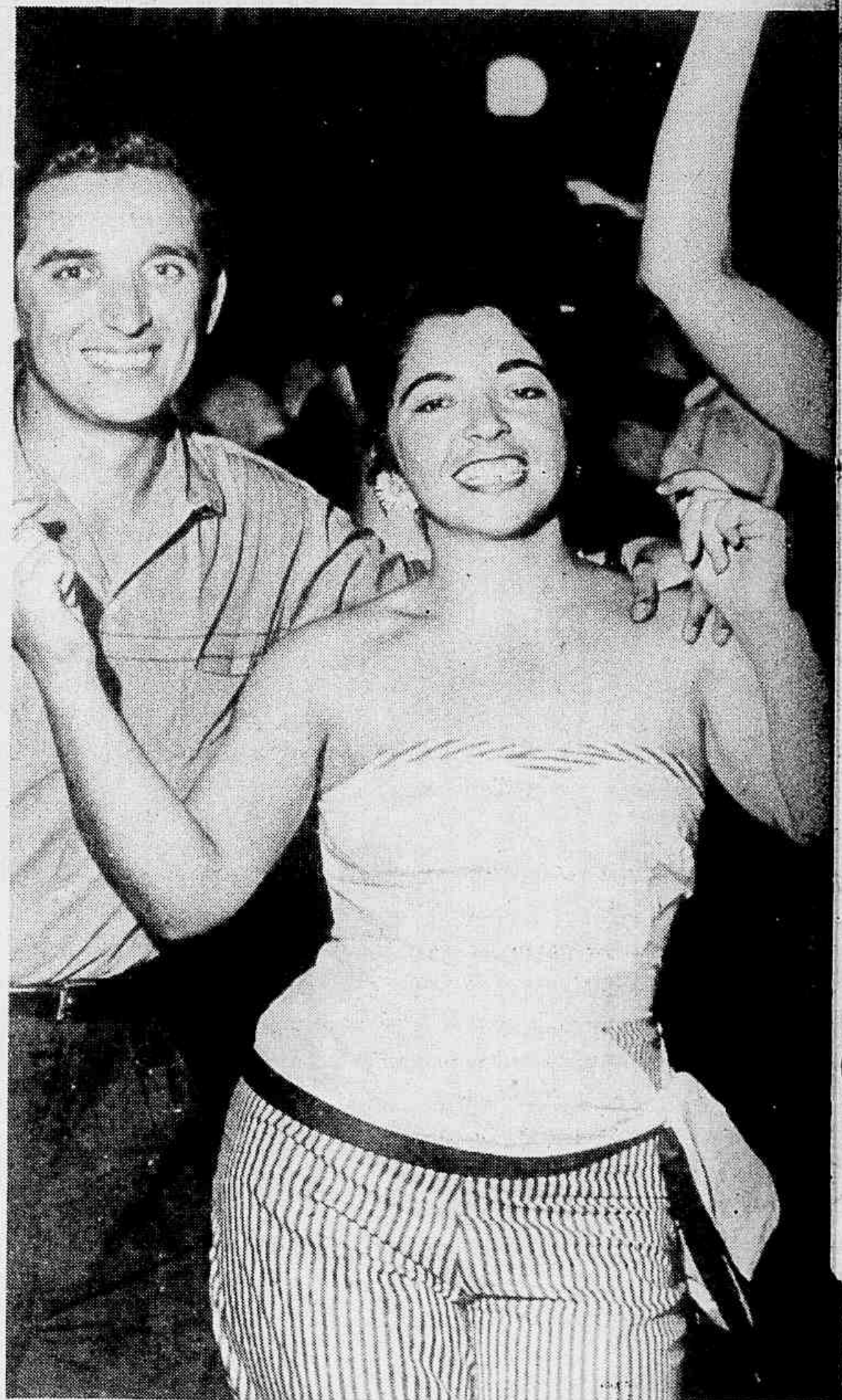
Índios (vestidos) no salão.

Esta foi uma das menos vestidas do baile.

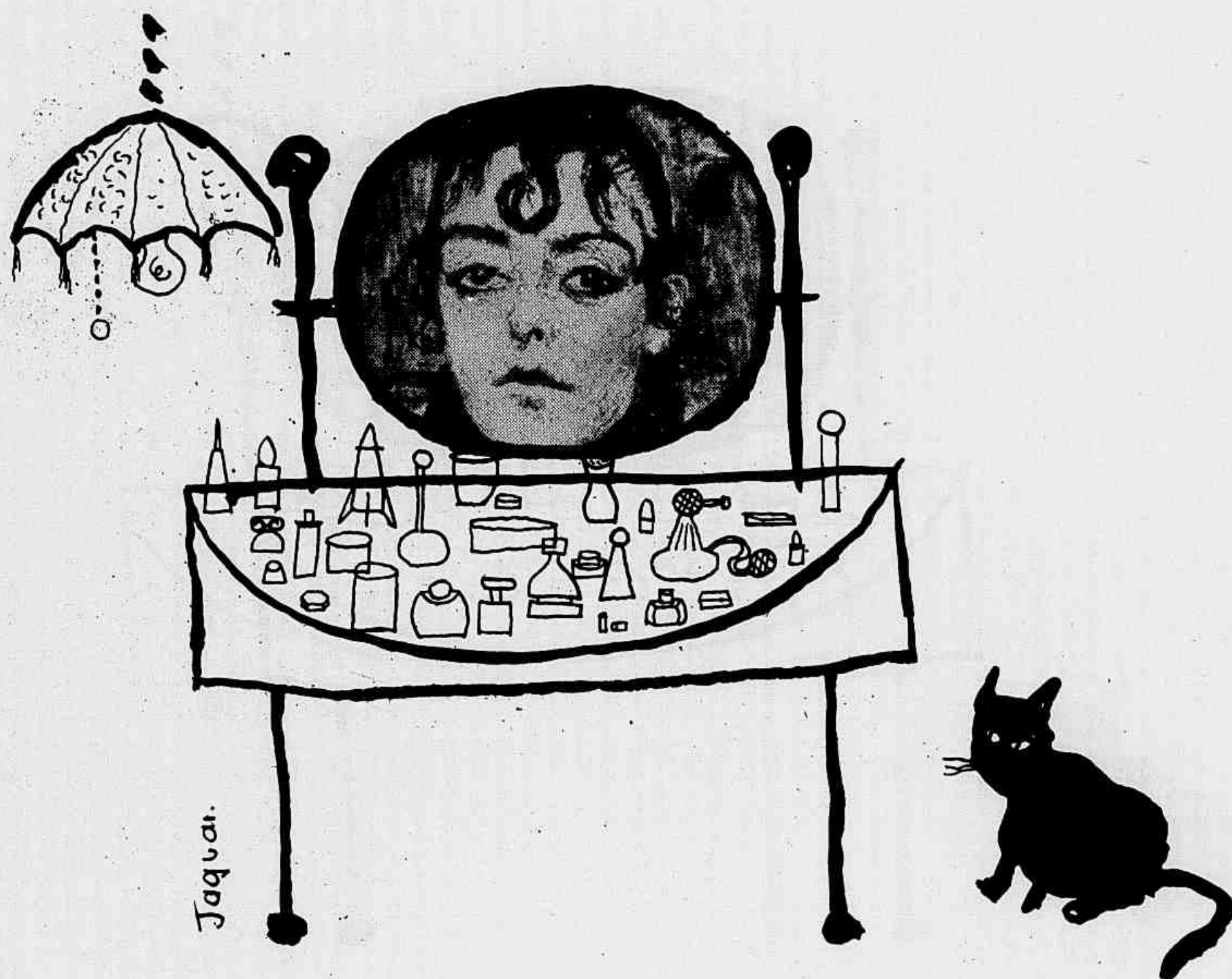


"Deixa ele pular um pouquinho comigo".

Fantasia é calça comprida mesmo.



PORQUE VOCÊ SE PINTA MAL



SEGUNDO MONIQUE ANDEOL, há 13 razões pelas quais a mulher se maquilha mal:

- 1 — Pele sem preparação.
- 2 — Emprego de maus produtos.
- 3 — Deficiência de luz ao se pintar.
- 4 — Espírito de imitação.
- 5 — Influência dos bastidores.
- 6 — Ausência de equilíbrio.
- 7 — Falta de tempo.
- 8 — Procura de uma personalidade.
- 9 — Preguiça.
- 10 — Saúde precária.
- 11 — Excesso de segurança ou insegurança.
- 12 — Falta de atenção.
- 13 — Amor à rotina.

1 — PELE SEM PREPARAÇÃO — A pele tem necessidade de ser protegida e tratada não só por uma questão de higiene, como também para poder receber a "maquillage" com o necessário efeito. Certas mulheres não retiram a "maquillage" antes de dormir impedindo que a pele respire livremente. Assim procedendo, não cuidam da saúde e da elasticidade da pele. Abusam do sol sem proteção. Usam produtos em abundância ou não usam produto algum. A pele deve ser comparada a uma tela que espera a criação do pintor. Se não for convenientemente tratada não poderá jamais fixar traços nem cores, impedindo o sucesso do artista, pelo acúmulo e o empastelamento de tintas, descaindo para o exagêro.

2 — EMPREGO DE MAUS PRODUTOS — Produtos de "maquillage" e beleza, comprados sem a devida atenção, não importa onde, sem que se saiba a qualidade da pele. Mistura de produtos diferentes ou cremes não adaptáveis ao clima ou à estação.

3 — **LUZ DEFICIENTE** — É um grande erro proceder-se a "maquillage" com excesso de luz ou, pelo contrário, com luz deficiente. O efeito obtido é muito diferente daquele que o espelho revela e em geral desastroso quando a pessoa está na rua. Tudo o que se pode achar muito bom sob uma luz forte demais, ou fraca demais, torna-se máscara em lugar de boa "maquillage".

4 — **ESPÍRITO DE IMITAÇÃO** — Imitar Brigitte Bardot, ou Marilyn Monroe, ou ainda uma amiga admirada a quem se acha bonita, sem saber se isto pode realmente lhe convir. É muito comum, e às vezes mesmo torna-se "coqueluche" entre as mulheres o uso da pintura e, sobretudo, de penteados idênticos ao de artistas que se tornam famosas como Veronica Lake e Hedy Lamar. Acontece, porém, que raramente o resultado é bom.

5 — **INFLUÊNCIA DOS BASTIDORES** — Há mulheres que, vivendo profissionalmente, ou mesmo por amorismo, nos bastidores do teatro, televisão, cinema, etc... conservam mais ou menos o mesmo tipo de "maquillage" com que se devem apresentar em cena, quando saem à rua. Ora, sendo a "maquillage" de cena exagerada por necessidade, pode-se facilmente imaginar o resultado. Este fato é muito frequentemente observado com certa particularidade nas bailarinas clássicas. A "maquillage" do artista, tão própria à intensidade dos refletores, é um verdadeiro desastre à luz do dia ou mesmo à luz comum da noite.

6 — **AUSÊNCIA DE EQUILÍBRIO** — Certas mulheres acentuam demais os desenhos naturais do rosto, pronunciando muito os lábios ou as sobrancelhas, desenhando-os inclusive em níveis diferentes. Os cabelos penteados de

forma a não convir ao formato do rosto e fora de proporções. A traço de "crayon" que prolonga os olhos dão, às vezes, um ar de cão triste ou de estupefação constante. Usam verniz de unhas diferentes do baton e "crayons" demasiadamente escuros ou claros para o equilíbrio necessário da "maquillage".

7 — **FALTA DE TEMPO** — Em nossos tempos isto é frequente. A mulher deve ocupar-se do lar e ao mesmo tempo do trabalho fora de casa. Nessas condições ela não pode dar o tempo necessário à sua "maquillage". Usa-a em abundância ou não a usa de todo. Uma mulher sem "maquillage" pode considerar-se vestida pela metade. Em todo o caso é preferível ver um rosto nu do que pintado às pressas e não importa como.

8 — **PROCURA DE UMA PERSONALIDADE** — Isto acontece sobretudo às mocinhas ainda inexperientes e sem personalidade formada. Elas desconhecem o próprio rosto e a arte de se "maquillar". Antes de encontrá-la elas experimentam e imitam diversos tipos e durante este período abusam demais dos produtos sem resultados felizes, nas mais das vezes, criando tipos exóticos, sofisticados e duros. Algumas não a encontram jamais.

9 — **PREGUIÇA** — O mais terrível de todos os inimigos da mulher. Por preguiça a mulher deixa a pele sem tratamento, faz a "maquillage" muito apressada e mal, deixa-se engordar e alimenta-se sem discriminação com coisas que lhe fazem mal à pele. Preferem ficar dez minutos a mais na cama, pela manhã, que de os consagrar a sua beleza. A noite deitam-se sem limpar o rosto das impurezas do dia. Dez minutos de sono não lhes traz qualquer benefício. Dez minutos de beleza a mais e todos os dias elas estarão em forma e seguras de si mesmas.

10 — **SAÚDE PRECARIA** — Nada pode dar pior aparência que as complicações do intestino. Nada faz inchar mais as pálpebras do que rins que funcionam mal. Nada pode tornar a tez mais amarelada do que um fígado filtrando mal. Se isto lhe acontece você deverá procurar um médico.

11 — **EXCESSO DE SEGURANÇA OU INSEGURANÇA** — A mulher demasiadamente certa de si própria, que crê que tudo o que ela faz é bem feito, não escuta conselhos de pessoas especializadas, não olha com atenção em torno de si mesma e que decidiu que sua "maquillage" era a melhor sem pensar na mudança da moda, das cores, e de clima. Esta mulher é raramente bem "maquillada". Mas, a insegurança é também perigosa. A timidez, o fato de não ter confiança própria faz perder a luz indispensável ao rosto. A beleza é mais interior que exterior. Um rosto pode ser bem "maquillado" e não ter vida.

12 — **FALTA DE ATENÇÃO** — É a "maquillage" feita de qualquer maneira sem gosto. Há mulheres que pintam os lábios sem se olharem no espelho! E tomam emprestado o baton de uma amiga, sem fazer atenção à cor! Usam uma cor de "rouge" muito forte ou muito clara que lhes dão um ar de "pierrot". Ou se pintam como se fôsem loiras, sendo morenas, ou o inversamente.

13 — **AMOR À ROTINA** — Rotina que vem um pouco da preguiça ou da timidez. Não querer mudar a rotina é não querer agradar, é não ser original, é ser inibida. A mulher, sobretudo, tem de mudar, de acordo com a idade, a moda e a ocasião.

A mulher não deve esquecer que é "mulher", que seu papel é de agradar a seu marido, seus filhos e suas amigas. Seu direito é de agradar-se. Seu dever é de exaltar sua beleza para o prazer dos olhos.

Monique Andeol

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

OS CEGOS VÃO VER
COM OLHO ELETRÔNICO

LUIS,
DIÁRIO
DE UM
GASTRÔNOMO

AINDA O MISTÉRIO
DOS DISCOS VOADORES

ELAS
NÃO QUEREM
MAIS
SE DESPIR



Recreio da Saúde : foi o maior.



Índios do Leme :

nir

RANCHOS EM PISTA DE ASFALTO

O



Inocentes do Catumbi: eu, hein?

Índios do Leme: brilhou a porta-estandarte



ninguém reparou na perinha.

QUENTE



Tomara Que Chova : desfile no asfalto quente.

O DESFILE DOS RANCHOS marcado para a noite de segunda-feira de Carnaval só começou na madrugada de terça e terminou oito horas depois, quando o Sol já começava a queimar o asfalto da Avenida Rio Branco. A falta de policiamento motivou o atraso do desfile, que apresentou entre os melhores os Ranchos "Unidos do Cunha" (campeão de 57), "Recreio da Saúde" e "Índios do Leme", sendo os mais fracos justamente os que desfilaram por último: "Aliança do Quintino" e "Azulões da Torre". O "Cidadão Samba 1958" abriu o desfile e a Srta. Benita Barbosa Lima, Rainha dos Ranchos Cariocas deixou o desfile às 6 horas de terça-feira, antes da passagem dos dois últimos conjuntos.

Das músicas cantadas, a mais bonita foi "Os Rouxinóis",

de Lamartine Babo, tema do Rancho "Recreio da Saúde", e a cabrocha mais atraente foi a que abriu o conjunto dos "Índios do Leme": ela mostrava todos os seus alvos dentes e rebolava seu corpo de jambo ao som de uma marcha-rancho que falava em saudade. A música mais bisada foi a do "Resedá", que falava sobre o tema "O Último Desfile da Monarquia". A Comissão Julgadora — Francisco Caldas Moreira (músico), Djanira Mota e Silva (pintora), Maria Clara Machado (escritora), Mercedes Batista (cenógrafa) e José da Mota e Silva (figurinista) ficou no desfile até de manhã, comendo (poucos) sanduíches e bebendo (menos) refrigerantes mas nem pelo cansaço os repórteres conseguiram saber da Comissão um resultado prévio. Ganhou o "Recreio da Saúde".



Decididos de Quintino : foi o vice.

União dos Caçadores : ganhou o terceiro lugar.

A Rainha desfila : engole ela, coroa.



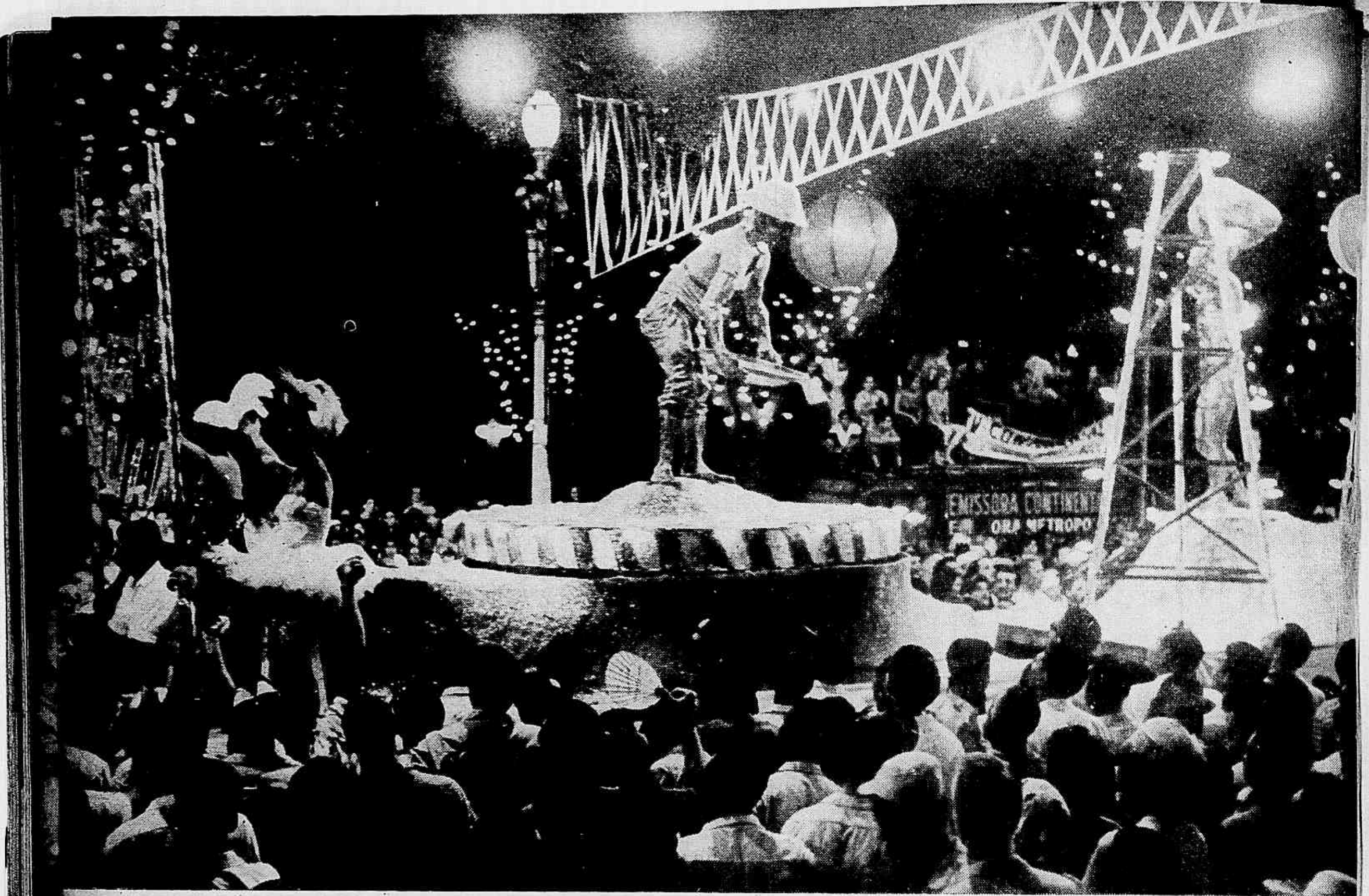


**DONA FELIPA, O INDIO-
NEGRÃO E O SAPO-REI NA**



VOADOR, AVENIDA

ONÇAS, ANTAS, JACARÉS, sputniks, cobras (grandes), Nun'Alvares, o sr. Negrão de Lima, Dona Felipa de Lencastre, o sr. Nelsinho Batista, um sapo-rei, um índio-voador e um "foguetão brasileiro" lançando "no espaço" uma (boa) garota — tudo isso e muito mais coisas havia no desfile das grandes sociedades (os srs. Negrão de Lima e Nelsinho Batista eram duplicatas em papelão, como os outros). O préstito alcançou maior sucesso do que no ano passado e voltou a contar com os Democráticos, que não saíam há quatro anos. Começou com muito atraso e terminou na quarta-feira de cinzas.



O tema interplanetário dominou o préstito das grandes sociedades: sputniks, viajantes do espaço, foguetes e paisagens lunares (de papelão) desfilaram na Avenida e de autêntico mesmo só havia as garôtas que desembarcavam das astronaves.





A Havaianinha: "Será que estou bem "vedette"?"

A FOFOQUEIRA VENCEU A CIRANDINHA NO BAILE INFANTIL DO MUNICIPAL



RAMSÉS II — Voltou e venceu.

DE PERNINHAS de fora e banana (com água) na mão a garotada carioca brincou, pulou e cantou sem maldade no Baile Infantil do Teatro Municipal.

Houve o concurso de fantasias e os garotos desfilaram na passarela muito contentes. Eles gostaram muito da festa mas reclamaram uma coisa: os pais, que estavam escalados para o baile do dia se-



JOANA D'ARC — Venceu entre as meninas.

guinte e que não resistiram e entraram no salão pulando e cantando. Atrapalharam.

O que não houve no baile:

1. uisque
2. lança-perfume
3. cassetete de policial
4. beijos

Mas houve alguns namoricos.



MELINDROSA
Filha de Marion, menção horrosa



RAPOSA E AS UVAS
Estava fabulosa



PRINCESA DO JAPÃO
Foi aqui também. Terceiro lugar

PESCADOR CHINÊS — Pescou o 2.º lugar.

BAILARINA — Bailou mas não ganhou.



AS FILHAS DE "SEU" FIDÊNCIO

Rafael Corrêa de Oliveira

HOUVE UM TEMPO em que a comarca de Taquaretinga, no acêro dos Cariris Velhos, ao norte de Pernambuco, era considerada uma das piores do Estado. Distante da estrada de ferro, cuja estação mais próxima ficava em Limoeiro, todo transporte, numa área de 75 quilômetros à volta da cidade, se fazia exclusivamente nas costas do cavalo ou do burro. Ou no "calcante", como diziam os que viajavam a pé...

A sede do município não tinha iluminação, a água era colhida em latas, nas fontes e cacimbas, e armazenada em grandes jarras de barro. O saneamento se limitava a fossas abertas no fundo dos quintais. As ruas não tinham qualquer pavimentação, a terra era solta e fina, e aos domingos, quando as moças vinham das fazendas ouvir a Santa Missa, muitas vezes, ao saírem da Igreja, o redemoinho levantava colunas de poeira, e as mães aflitas gritavam às filhas em confusão: "Menina, segura a saia que o "escandaloso" está solto!..."

Realmente escandaloso, o vento soprava em espiral e levantava tudo: chapéus, casacos, saias, chales — e a imundície perpétua das ruas.

Além da Missa, Taquaretinga tinha, aos sábados, a feira livre, e durante três dias, por ano, o carnaval de entrudo: baldes de água, farinha do reino, "limas de cêra com perfume ordinário, e alguns mascarados que se desfaziam em suor dentro de roupas velhas e pesadas. Estas roupas, aliás, quando eram de homem, ficavam para vestir o Judas na Semana Santa.

O juiz, o promotor, o vigário e o delegado eram as pessoas importantes da comarca, isto sem esquecer o chefe político do governo, coronel da Guarda Nacional, prefeito do município e deputado estadual, o famoso caudilho Pereira Tejo. A oposição também tinha um chefe, o coronel Neco Elias que, desde a queda de Deodoro, ficara de baixo, acompanhando o barão de Lucena.

FOI NUM SABADO, dia de feira, que esta história começou. E não se explica razoavelmente porque uma criança de sete anos possa recordar tantos detalhes de um episódio banal, a ponto de reproduzi-los meio século depois. São evidentemente as tais emoções e os fatos contundentes que deixam marcas indeléveis no coração e na memória das criaturas. Thackeray tinha razão nisso e merecia ser citado, como foi, no primeiro capítulo destas evocações, apesar das críticas em contrário...

A casa do promotor era muito freqüentada aos sábados, na hora da feira. Gente do interior vinha pedir conselhos, queixar-se de violências que o inspetor de quartelão fazia no distrito, ou denunciar que certo assassino processado e pronunciado andava solto pela proteção do coronel Tejo. O promotor ainda não perdera os impulsos generosos da academia. Sua família dominara o Estado, e mesmo a política nacional, nos últimos anos do Império. Fôra estudante abolicionista contra os interesses paternos no engenho de açúcar. E continuava acadêmico, acreditando na justiça e nos sentimentos de humanidade. Um pouco boêmio, mas nunca indiferente aos direitos e sofrimentos alheios.

Naquele sábado o oficial de justiça lhe entrara em casa numa aflição:

— "Seu" doutor, está um rôlo lá na feira. O tenente

Donzinho prendeu o coronel Neco Elias e vai levá-lo p'ra cadeia. Já mandou chamar os soldados na guarda...

Neco Elias era um homem bom, sem violências, sem crimes, muito estimado. Seu único defeito era aquela mania de acompanhar o barão de Lucena. E vivia, por isso, a sofrer perseguições do coronel Tejo.

RECEBENDO A NOTÍCIA, o promotor ficou estático, mudo. Mas por um momento apenas. Porque a espôsa, neta de Antônio Borges da Fonseca, e imagem moral do avô, — o chefe popular e heróico da Revolução Praieira, — resolveu o problema enêrgicamente dizendo ao marido: — Você vai já e já soltar o coronel Neco Elias, que não pode ser desfeito por aquele soldado bêbedo. E eu só quero ver se Belarmino Gondin (era o juiz) fica em casa com medo de Chico Tejo...

Sem chapéu, sob o sol causticante das 14 horas, lá se foi o promotor acompanhado pelo oficial de justiça e vários populares até o local do incidente. A cena era perfeitamente estúpida: Neco Elias, de pé, sem dizer palavra. E o tenente Donzinho, de pistola na mão, embriagado, vociferando.

O promotor se aproximou e perguntou ao delegado:

— Tenente, por que prendeu o coronel Elias?

— Porque quis...

— Mas o senhor não pode prender ninguém só por que quer. É preciso que haja um motivo justo.

— Pois ele está prêso e vai já p'ro xadrez.

O povo se comprimia. Os comentários, murmurados, cresceram rapidamente quando três soldados chegaram armados de sabres e carabinas.

Neste instante, exatamente, o promotor, numa decisão rápida, tomou o coronel Neco Elias pelo braço e disse: — Venha comigo...

E ato contínuo, voltando-se para o tenente, falou sério: — O senhor está cometendo uma violência. Contenha-se, tenente, e me respeite.

O velho Neco Elias entrou na casa do promotor soluçando como uma criança. Nunca sofrera uma desfeita em sua vida. E agora, ali, no meio da feira, prêso e humilhado como se fôra um desordeiro ou ladrão! Fazia pena realmente.

O juiz, que era um displicente, mas homem sério, tomou posição ao lado do promotor. Telegramas foram expedidos ao Tribunal Superior e ao chefe de polícia. Mas tudo inútilmente, porque Donzinho continuou delegado, bebendo e ameaçando matar o promotor.

É nesta altura, porém, que aparece o tipo marcante de toda a história. Porque quinze dias depois do incidente referido, entrava em Taquaretinga, montado num burro, um sujeito desconhecido. Parou na porta do promotor, desmontou, bateu palmas, e amarrando o burro numa árvore, pediu licença para falar à dona da casa, a quem disse: — "Venho de Campina Grande a mandado do dr. Viana. Trago esta carta".

O dr. Viana era sogro do promotor e soubera, por informações da filha, o que estava ocorrendo. Por isso mandava o amigo Fidêncio, pessoa de confiança, para o que desse e viesse...

"Seu" Fidêncio acomodou o burro no quintal da casa. Guardou o enorme saco, que trazia de bagagem, num quarto que lhe indicaram. E depois de tomar café com queijo de

coalho, acendeu um cigarro de palha e foi dar uma voltinha pela cidade.

Só regressou na hora do jantar. E como lhe perguntassem o que achara de Taquaretinga, respondeu baixinho, com as palavras chiando entre as gengivas desdentadas e a boca murcha: — “Eu vi Donzinho. Vale nada não”.

NA MANHÃ SEGUINTE o filho do promotor, garoto de sete anos, encontrou “seu” Fidêncio trabalhando no quintal. Um trabalho esquisito. O homem derretia chumbo numa panela de bico, e depois derramava o líquido quente sobre pequenos furos abertos no solo. Quando o metal resfriava com o auxílio de um balde de água, era retirado dos burquinhos, e “seu” Fidêncio tinha ali o seu arsenal de balas para três garruchas de dois canos. Como não perdia um tiro, o homem sentia-se perfeitamente municiado.

Mas, afinal, quem era “seu” Fidêncio? Sabia-o a mulher do promotor, que confiou o segredo à mulher do juiz. “Seu” Fidêncio vivera em Alagoas. Homem de família, tinha a sua fazenda, não gostava de brigas. Enviuvara moço. A filha lhe crescera bonita e desmiolada. Por isso tivera um “êrro” com um estudante rico que passara as férias na fazenda do pai, vizinho de “seu” Fidêncio. O estudante não quis reparar a falta. O pai não quis ouvir reclamações. E o resultado foi “seu” Fidêncio matar os dois. Obrigado a fugir, arranjará uma carta de recomendação para o dr. Bento Viana, em cuja fazenda vivia há anos. Agora estava em Taquaretinga para defender o genro de seu amigo.

O fato é que a presença de “seu” Fidêncio na cidade amainou os furores vingativos do tenente Donzinho. E o governo do Estado, logo depois, resolvia o caso oligarquicamente, transferindo o promotor para uma comarca distante...

No entanto, dez anos passaram sobre esses fatos. E uma tarde, em Recife, na rua do Imperador, o major Donzinho comandava trinta capangas que pretendiam empastelar o jornal “Pernambuco”. Na casa sitiada, poucos homens resistiam à investida, e entre eles estava um rapazola de 17 anos, repórter do jornal. Era precisamente o filho do promotor de Taquaretinga.

FECHADO O JORNAL, foi o rapaz até Campina Grande recuperar o ânimo e melhorar a saúde. E encontrou “seu” Fidêncio, numa ponta de rua, dono de uma bodega. O velho estava sentado num tamborete, e tinha na mão a faca de ponta afiadíssima com que consertava as correias da alpercata. Estava acabado. Respirava como os asmáticos, pela boca murcha, numa ansiedade que os olhos sem luz mostravam. De pé, na porta da casa, a mocinha de quinze anos, olhos claros, cabelos castanhos caindo-lhe em torvelinho sobre os ombros, era na verdade muito bonita.

— Quem é essa moça “seu” Fidêncio?

— É minha filha Isabel, e não sei que está fazendo aqui na porta. Vá p’ra dentro cuidar da janta.

Neste momento, os olhos pequeninos do velho fuzilavam. Depois, quase arquejante, me confessou os últimos cuidados da sua vida:

— “Seu primo Noquinho anda a me desencabeçar a menina. Mas ele se arrepende. Por ser neto do falecido dr. Viana não abusa de minha filha. Espeto-lhe a barriga com esta faca.

Não chegou, porém, a esse extremo, porque morreu antes de saber tudo... Tudo que constituía a marca de um destino inexorável na vida desse homem, — as filhas que ele amara e foram instrumento constante de seus sofrimentos, suas cóleras e seus crimes até na hora da morte...





Os srs. Pedro Paulo Penido, Zulfo de Freitas Mallmann e Deocleciano Cavalcanti partem o grande bôlo representativo do símbolo da indústria.



O sr. Sindulpho de Azevedo Pequeno faz entrega de um dos vários troféus distribuídos entre os vencedores dos X Jogos Desportivos do SESI.



O sr. Pedro Paulo Penido foi um dos oradores da festa.



Outro que discursou foi o sr. Zulfo de Freitas Mallmann.

ALCANÇOU ESTE ano êxito e brilhantismo invulgares o almoço de confraternização que se realiza anualmente

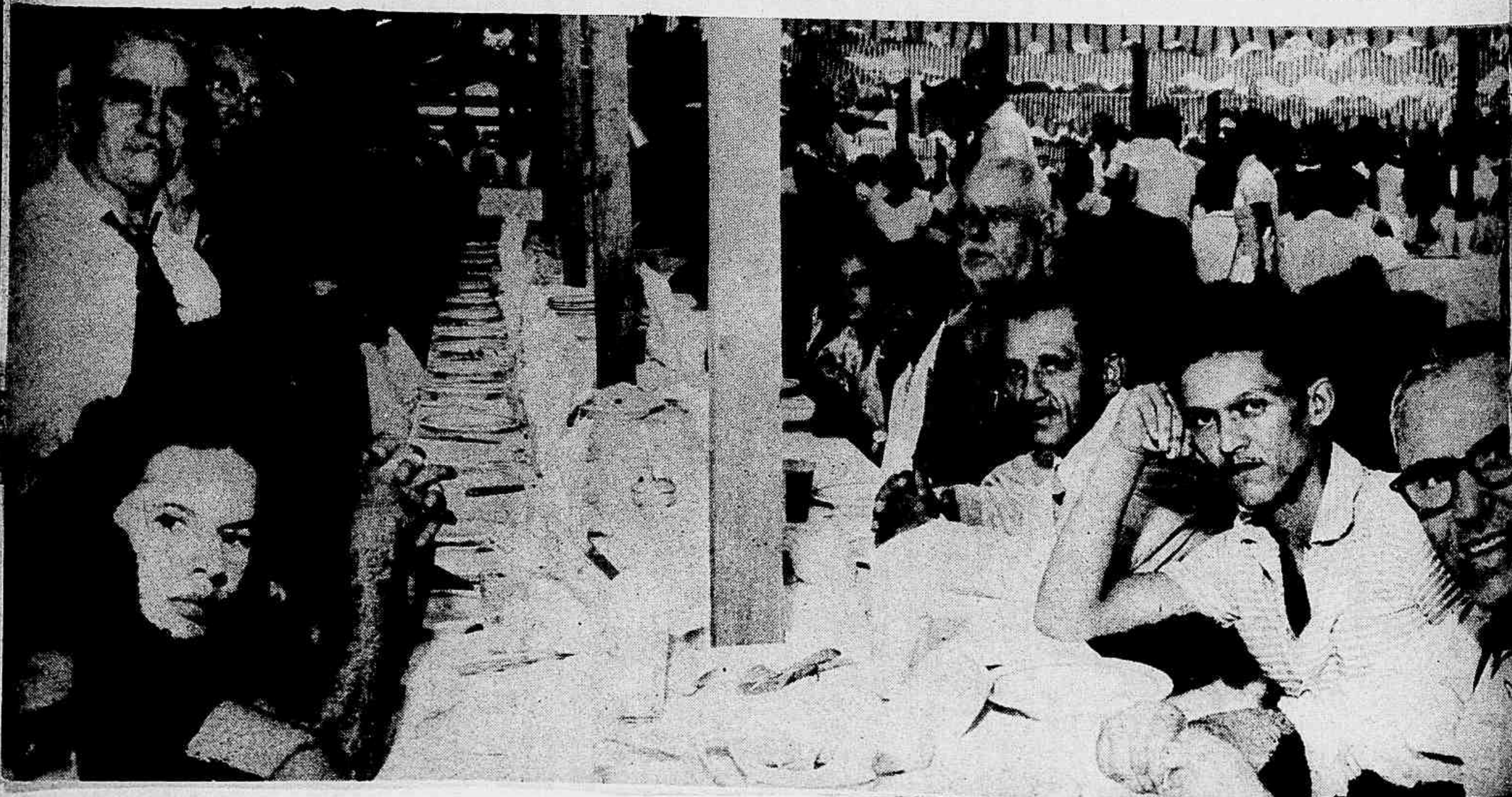
no "Centro Social Morvan Figueiredo", em Vicente de Carvalho, promovido pelo Departamento Regional do SESI do Dis-

MAIS DE 6.000 OPERÁRIOS CONFRATERNIZAM COM OS LÍDERES DA INDÚSTRIA CARIOCA

trito Federal, sob os auspícios da Federação das Indústrias do D.F.

A tradicional festa dos empregadores e empregados da indústria carioca transcorreu num ambiente de expressiva cordialidade e contagiante alegria, sempre animada pela magnífica Orquestra do Clube do Trabalhador, ouvindo-se excelentes números de canto executados por operários filiados ao mesmo clube. Fizeram uso da palavra os srs. Zulfo de Freitas Mallmann, presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal e diretor do Departamento Regional do SESI, Deocleciano de Holanda Cavalcanti, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, Sindulpho de Azevedo Pequeno, presidente da Confederação dos Trabalhadores na Indústria de Transporte, e dr. Pedro Paulo Penido, presidente do Conselho Nacional do SESI. Após os discursos, entusiasticamente aplaudidos pela numerosa assistência, foram entregues troféus, que receberam como patronos nomes de vulto da indústria carioca, aos vencedores dos JOGOS DESPORTIVOS DO SESI, encerrando-se alegremente essa festa encantadora que atingiu seus elevados objetivos de cordialidade e conagração da grande família da indústria do D. Federal.

Vista parcial do grande almoço que congregou mais de 6.000 operários e suas famílias em torno dos líderes da indústria do D. F.



"GOGÓ DA EMA" DEPOIS DE MORTO VAI VIRAR ESTÁTUA



E o sucessor: "Cobra Fumando".



O falecido "Gogó da Ema".

PROCURA-SE UM escultor que queira fazer uma réplica do falecido "Gogó da Ema" de Alagoas para ser colocado numa praça do Rio como homenagem dos alagoanos à cidade. Uma cópia do modelo será levantada na praia de Pajussara, onde viveu e morreu o símbolo e a maior atração turística de Maceió.

Quem procura o escultor é a srta. Helenita Correia, diretora-social do Centro Alagoano do Rio de Janeiro e presidente do Clube (boêmio) "Gogó da Ema". Ela acha "maravilhoso" o novo símbolo de Alagoas, o coqueiro "Cobra Fumando", na praia de Paripuera (a 32 kms de Maceió), mas tem pena de que nas areias da Pajussara ainda se encontrem os restos do "Gogó da Ema".

"Os restos do "Gogó" deveriam ser removidos para um dos tradicionais clubes de Maceió, pois, durante anos, fizeram a propaganda da beleza do Estado de Alagoas em todo o Brasil", como uma espécie de marca registrada. Ela acha que se Maceió não fôsse tão distante, traria para o Rio os restos do "Gogó da Ema". Mas diz que uma réplica do coqueiro poderá ficar tão famosa como o original, por sua forma arrojada.

A srta. Helenita Correia está no Rio há mais de 14 anos, deixando ainda moça a cidade alagoana de Arapiraca.

Ela é cantora de folclore e já trabalhou em muitas "boites" do Rio.

Em 1954, com um grupo de amigos boêmios, fundou o "Clube Gogó da Ema", que se reuniu semanalmente na "boite" Mocambo, em Copacabana. Em janeiro de 1955 a Mocambo fechou e o clube transferiu-se para a "boite" do Hotel Plaza. Esta também fechou tempos depois e o clube foi funcionando em diversas outras "boites", como Alaska. Le Gourmet e até na Fazenda Jaqueira, na Via Presidente Dutra.

Últimamente, o clube se reúne em diversas sociedades do Rio. Semanalmente, seus membros são recepcionados em vários clubes da cidade, inclusive nas Escolas de Samba. O primeiro presidente do clube foi o sr. João Cavalcanti, que pediu demissão porque teve de casar.

Hoje a presidenta é a srta. Helenita Correia, que não vai mudar o nome do clube (apesar do "Gogó" morto) para "Cobra Fumando". "O nome ficará para que nos lembremos sempre do belíssimo e suave "Gogó da Ema", diz Helenita.

0

vagabundo

e o

menino

Léo Victor

DÉCIMO QUINTO CAPÍTULO

DURANTE TÔDA A NOITE, cantaram, tocaram e dançaram no bar. Abel tapava os ouvidos com as mãos para não escutar mais aquele ritmo interminável que lhe dilacerava os nervos. Mas, vez por outra, havia conflito, a música cessava, as vozes cresciam, garrafas se espatifavam.

Então, sem querer, retirava as mãos dos ouvidos e punha-se atento. Se percebia que continuavam a quebrar coisas, derrubar cadeiras, gritar de ódio, levantava-se, rápido, caminhando aflito de um lado para o outro e recomeçava a tremer.

Depois, a música voltava indecisa. Alguém iniciava o canto, em seguida surgia o tamborim, logo depois a cuica, então

parecendo o sinal convencionado: ouviam-se os reco-recos, os pandeiros, de mistura com instrumentos improvisados. Batiam com facas em frigideiras, em latas, no fundo de panelas. Com garfos e colheres, tocavam nos copos, nas mesas, em caixas de fósforos, criando ritmo em tudo que estivesse à mão.

Abel sabia que, ao menos agora, o mundo não iria ruir, fragmentar-se, incendiar-se, saltar de sua órbita, qualquer coisa assim, de absurdo e aterrador. Então, acocorava-se e por muito tempo ainda continuava a tremer. Quando se tranqüilizava, tornava a tapar os ouvidos e se encolhia mais ainda lá no seu canto.

Aquela noite, de segunda para terça-feira gorda, pareceu-lhe desordenada, sufocante e interminável. Só ao amanhecer, aos poucos, tudo foi se acalmando e uma brisa fria refrescou o ar. Abel retirou, enfim, as mãos dos ouvidos, deitando-se exausto na esteira. Contudo, sentia-se inquieto. Ardia em febre, mas sem o perceber, atribuiu o calor à esteira e, enrolando-a, estendeu-se no chão. A terra fria e úmida transmitiu-lhe um relativo bem-estar e ele adormeceu.

Pouco depois, ouvindo gritos, acordou assustado, levantando rápido. Abrindo um pouco a porta do barracão, espiou pela fresta e viu um grupo de rapazes



que parara no bar a fim de beber — não se julgavam capazes de nada, sem beber — vestiam fantasias de bailarinas de papel-crepon colorido e dirigiam-se à piscina pública para um grande baile à fantasia, promovido pela municipalidade. O chefe da turma gritava, para entusiasmar os companheiros sonolentos:

— Para curar uma ressaca, só outra ressaca!

— Vamos cair na fuzarca — grunhiu outro.

Beberam, riram e se foram dançando pela rua a fora.

Abel tentou dormir novamente. Em

geral, acordava e saía cedo. Agora, entretanto, desejava dormir, dormir muitas horas, dar tempo àquele pandemônio, terminar e a vida voltar à tranquilidade anterior. Contudo, virava-se inquieto no chão, sem conseguir conciliar o sono. Sentia-se aflito em lugares fechados e não ousava sair, pois, a seu ver, a cidade se entregara a possessos. Não poderia jamais prever o que lhe aconteceria se eles o vissem e, essa incerteza sobretudo, era o que mais o atemorizava.

Logo depois de meio-dia, recomeçaram a música e a dança. Aquilo parecia não ter fim. Tocavam ininterruptamente, sem sentir calor nem cansaço e mesmo

aquêles roucos, quase sem voz continuavam a cantar.

Abel principiou a sentir náuseas, cobria-lhe a fronte um suor frio e respirava com dificuldade. Precisava sair. Tinha que sair de qualquer maneira. Respirar ar puro, beber água, fugir para bem longe daquele ritmo alucinante. Mas o pavor lhe tolhia qualquer iniciativa. Recomeçou a andar aflito, e agora julgando-se incapaz de sair do barracão, que sempre lhe parecera um abrigo; naquele momento, transformava-se numa coisa odiosa, algo como um poço, ou um sepulcro.

Diversas vezes, veio até à porta, es-

piando medroso, os mascarados que dançavam e cantavam no bar. Tornava a refletir, pesar os prós e contras, terminando por concluir, que seria muito perigoso. Contudo, necessitava sair. O calor aumentava, a música tornava-se insuportável e sentia-se cada vez mais sufocado. Pela fresta da porta, tentou respirar o ar do pátio, mas também aquele ar era morno e pesado. Olhou para cima e viu uma nesga de céu carregada de nuvens cinzentas, baixas, correndo impelidas por um vento que não chegava à terra. Se chovesse, decerto, tudo melhoraria. O suor agora lhe empapava a camisa, escorria pelos braços, pelas pernas, minava nas mãos e no pescoço.

Nunca Abel sentira tanto calor naquela cidade. Só pensava em sair. O desejo de sair se tornava uma obsessão. Supunha que longe dali, não teria calor nem abafamento, salvando-se de todo perigo. Mas logo, vinha a advertência de que para fugir, arriscar-se-ia a um perigo maior e não ousava.

Foi então que se lembrou de trocar de roupa. Vestia ainda o mesmo terno de lã que lhe fôra dado, meses antes. Com dificuldade, subiu num monte de lenha e apanhou nas traves que sustentavam o teto do barracão, a roupa com que chegara à cidade. Estava muito amarrotada, pois, naquela ocasião, depois de levá-la e torcê-la, ele a depositara ali, esquecendo-a por completo. Sacudiu-a para livrá-la do pó, de palhas e de excrementos de ratos. Quando, depois das calças de riscado, bateu o dólma cáqui de colegial contra a parede, caiu na terra, entre seus pés, um escorpião, que sem lhe fazer mal algum, correu e sumiu entre as achas de lenha.

Abel, muito cansado, tirou o terno preto e vestiu o outro, que agora lhe parecia apertado, tolhendo-lhe os movimentos. Acostumara-se ao terno preto folgado e aquele dólma de colegial com as mangas atingindo apenas o meio dos seus ante-braços, dava-lhe a sensação de que estava amarrado. Pensou em vestir outra vez o terno de lã, mas, além de muito cansado, não queria aceitar nada de pessoas que julgara amigas e que o abandonaram para agradar àquela horda de selvagens. O que precisava, naquele momento, era fugir. Fugir, sem olhar para trás. Fugir para muito longe, sem nunca mais lembrar-se daquela cidade, como se as cinzas de um vulcão, a soterrassem e desaparecesse para sempre da memória dos homens. Arrancou o quepe de oficial de marinha e enterrou seu velho chapéu sem forma. Depois, tirou dos bolsos do paletó preto santinhos, cartões, retratos, um rosário e o miolo de pão que costumava jogar para os pardais. Procurou a medalhinha, prendeu-a ao dólma. Enquanto se ocupava nisso, pareceu distrair-se um pouco e acalmar-se, mas terminando, olhou em torno, agoniado, e a aflição da falta de ar, do calor, do lugar fechado, do barulho e do perigo iminente representado pelos mascarados que dançavam tão perto dali, tudo isso, lhe voltou com uma intensidade muito maior.

E, à medida que ia escurecendo, começou a sentir a cabeça pesada e tonturas, aquela sensação de mal-estar que lhe era muito conhecida. Por certo, teria o ataque. E essa possibilidade gelou-o de pavor. Não havia mais dúvida. Seria horrível sofrer o ataque ali, berrar e se espojar no chão, cercado por aquela gente bêbeda, vestida bizarramente, a cara pintada que viria correndo espia-lo. Tinha que sair. Embrenhar-se no mato. Procurar uma toca distante, escura e só — só assim como nasceu, viveu e iria morrer — esperar, pela centésima vez, aquele raio sobre sua cabeça, como se fôsse a própria mão de um Deus terrível a castigá-lo pelas culpas de todos os homens.

Recomeçou a suar, e agora tremia violentamente. Súbito, seus nervos enfermos e gastos, captaram, no ar, algo de muito sinistro que em alguma parte se desencadeara, a fim de destruí-lo. E sem suportar mais aquela tensão, Abel abriu as grandes portas de par em par, e correu para o pátio, fugindo em pânico.

A REPENTINA aparição de Abel foi um sucesso. A princípio, pensaram que era alguém fantasiado, mas logo viram que não havia nele nada de falso. Entretanto, apesar de bêbedos, decidiram-se a não se deixarem perturbar por nada que estragasse sua festa. Dois mil anos antes, gente igual àquela apressara a morte de um homem, para que a sua agonia também não estragasse uma festa de sábado. Foi por isso que o mais próximo gritou:



— Olha um fantasma aí, gente!
Abel estacou e esperou o fim. Mas, não esperou apenas a morte onde sobra ainda um corpo, um túmulo, a lembrança dos outros. Esperou algo mais. A destruição pura e simples. Contudo, durante alguns

segundos não aconteceu nada. A música parou e toda a gente passou a olhá-lo interessada. O dedo continuava apontado para ele e a boca do bêbedo ria. O homem, percebendo que não fôra tão engraçado como pensara, tentou outra pilhéria:

— É um marciano, gente! Fugam, fugam depressa!

— É um marciano! — repetiu outro.

E ouvindo toda aquela gente rir e assoviar, Abel, virando para a esquerda, correu em direção à rua, com esperança de ter escapado do perigo maior, e de ter agora possibilidades de salvar-se. Necessário apenas alcançar a sua toca escura no meio do mato. Sim era isso que deveria fazer sem perda de tempo.

Ao descer a calçada, para atravessar a rua, um rapaz, fantasiado de legionário, quase o atropelou com a sua lambreta. Abel saltou para trás, com as pernas abertas, num pulo tão grotesco que provocou uma risada geral. Animado pelo êxito do incidente o legionário voltou e dirigindo a máquina, à toda velocidade, em direção ao vagabundo, quase em cima dele, deu um golpe de direção, roçando o corpo de Abel, que tornou a saltar, assustado.

Nessa altura, as pessoas no interior do bar, levantaram-se alegres, para gozarem o espetáculo divertido e inédito. E, quando pela terceira vez, o legionário forçou Abel a saltar, outros rapazes, cada um montando a sua lambreta, foram participar daquela brincadeira original. Por fim, eram uns oito ou dez que, gritando, avançavam em direção ao vagabundo, e a uns dois metros dele, desviavam-se com uma perícia impressionante. E cada um procurava superar o outro. Cada um tentava imprimir maior velocidade à sua máquina, gritar mais alto, desviar-se de mais perto. Abel saltava com ar de doido, feito um sapo. Na calçada, a platéia chorava de tanto rir. Dois daqueles rapazes, um pirata e um tirolês, pararam apenas por um segundo, para que suas moças pulassem na lambreta, pois elas também queriam participar daquilo.

Pareciam um bando de cães de tropeiros, a atormentar um boi velho, tresmalhado. Só faltava, à maneira dos cães, saltar nas ventas do animal cravando as presas agudas, e ficar dependendo do no focinho do boi até dilacerá-lo inteiramente.

A moça, que ia com o tirolês, não tinha muita prática em andar de lambreta e, quando o tirolês, para impressioná-la, aproximou-se demasiadamente, ela atrapalhou-o no equilíbrio e o rapaz, não conseguindo desviar-se a tempo, bateu na perna do vagabundo, derrubando-o.

Sentado no meio da rua, Abel olhou perplexo os mascarados risonhos. De repente, sem mesmo saber por que, gritou um palavrão. Era um palavrão gasto, repetido milhares de vezes, já sem valor. Mas, na sua boca, adquiriu um estranho poder. E como fôsse dirigido a todos, sentiram-se profundamente ofendidos, mirando-o surpresos, pois não esperavam dele semelhante atitude. Abel, vendo

que seu único gesto de ataque que jamais tivera na cidade possuía alguma força, pôs-se a gritar, repetindo o palavrão furiosamente, enquanto com dificuldade levantava-se. E, mesmo depois de estar em pé, ergueu o punho e continuou a gritá-lo, como se estivesse amaldiçoando aquele povo.

Foi, nesse instante, que o jovem soltou a cintura da moça, e dirigiu-se em direção ao vagabundo. Era o mesmo rapaz que Augusto empurrara e, que desde então, vivia procurando briga. Agora, enfim, havia uma oportunidade ideal, pois ninguém interviria. O braço do rapaz, forte e saudável, esticou-se e a mão fechada atingiu em cheio a boca de Abel. O vagabundo rodou e caiu. A moça, que acompanhava o rapaz, correu para o interior do bar, gritando:

— “Seu” José! “Seu” José!

Zé Soldado levantou-se da mesa do jogo, pois se tratava de Marly, a neta predileta do marechal.

— “Seu” José! Prenda aquele homem, prenda aquele homem!

Zé Soldado apertou como pôde o cinturão e veio correndo. Ao segurar o braço de Abel, disse alto, para que Marly ouvisse:

— Esteje prêso!

E com a cara séria pediu ao agressor:

— Chama um carro! Vou levar esse desordeiro para a delegacia.

Diversas vozes apoiaram:

— Isso mesmo...

— Não respeitou as famílias...

— Não se pode trazer uma filha moça para brincar sem aparecer um insolente dêsse...

— Dizer essas coisas...

Zé Soldado sentiu sua autoridade prestigiada. Nunca pensou que fôsse tão bom prender um homem e ao chegar o táxi, pediu com gravidade que a pequena multidão se afastasse e, virando-se para Abel, ordenou:

— Vamos embora!

Abel continuava sem entender. Quando o outro o empurrou, êle resistiu, pensando tratar-se de uma pilhéria, mas Zé Soldado nunca fizera uma coisa tão séria em toda a sua vida e, irritado, vibrou-lhe um cachaço no pescoço.

— Chega! — protestou uma voz aguda.

— Parem com isso pelo amor de Deus!

— E Deus disse — berrou o vagabundo — o que fizeste do teu irmão Abel?

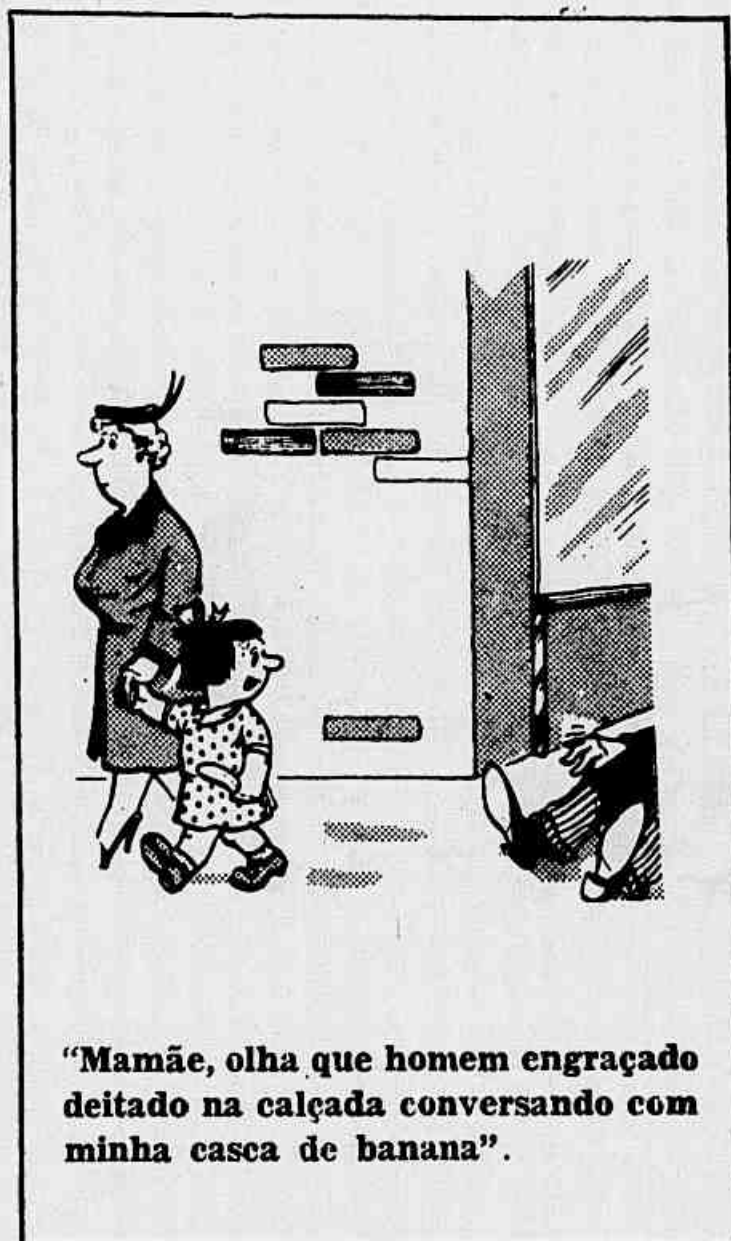
Olharam-se.

Abel era empurrado em direção ao táxi. Prêso por muitas mãos, tremia violentamente, os olhos esgazeados pela angústia. Sua altura, sua magreza, suas calças largas, seu dólmã curto, seu chapéu sem forma, tudo isso dava-lhe uma aparência de um pobre espantalho, sacudido pelo vento.

A moça que gritara era a mesma que vinha dançando a tarde toda em cima de uma das mesas da calçada do bar. No começo da tortura das lambretas, parada no mesmo lugar, fôra a única a demonstrar não se divertir. Agora, por segundos, olharam-se e foi muito estranho o que sentiram. Pareceu-lhes haver apenas os

dois no mundo. Tudo em volta desaparecera. Gente, sons, ódios, violências, angústias e incompreensões, como se estivessem inaugurando um mundo novo, tranqüilo e justo.

E, durante aqueles segundos, a moça não viu mais nada, exceto a boca do Abel.



“Mamãe, olha que homem engraçado deitado na calçada conversando com minha casca de banana”.

E a boca, com dentes partidos pelo sôco, sangrava e gritava a mesma frase absurda e terrível.

— E Deus disse: o que fizeste de teu irmão, Abel?

Dick, enfim, sentiu-se com bastante coragem e, deixando de latir, saltou, mordendo o tornozelo do vagabundo. Mas, Abel, muito emocionado, não sentiu, nem a moça notou porque via apenas o pormenor da boca ferida cuspiendo, junto com sangue, as palavras atordoadoras.

E Abel não ouvia nem a própria voz. Sabia que estava gritando, que se comunicava com a moça. Que a moça não o entendia. Empurrões, tumulto, ofensas, inclusive o tempo, nada existia. Todo mundo, todas as coisas, reduziam-se à moça. E êle a viu, detalhe por detalhe, como se estivesse muito calmo, e a contemplasse serenamente. Era linda, a moça. De pé em cima da mesa, imóvel com o rosto crispado pelo sofrimento, vestindo uma casaca, uma cartola e botas de meio cano, prateadas. Gravata e bengala pretas e, de seus calções muito curtos, igualmente prateados desciam meias de malhas pretas, cobrindo, e, ao mesmo tempo, mostrando, um bonito par de pernas que um velho, sentado na cadeira inteiramente bêbedo, olhava luxuriosamente.

Finalmente, o táxi arrancou com Abel lá dentro a vociferar como um possesso, seguro por dois soldados.

E, mesmo depois do carro dobrar a esquina, ainda ouviram muito de longe,

a voz do vagabundo a berrar a mesma frase como se fôsse um disco rachado.

— E Deus disse: o que fizeste do teu irmão, Abel?

— Está bêbedo. Está bêbedo — afirmou um velho, com segurança.

De repente, notaram que descera sobre o bar, um silêncio grave, pesado, constringendo a todos.

Fôra sem dúvida um princípio de noite surpreendente. Abel tornara-se agressivo. O rapaz frustrado enfim se realizara. Zé Soldado prendera um homem e Dick vingara-se. Entretanto, a verdade é que Abel apenas repetira um palavrão muito gasto. O rapaz batera num homem que não reagira. Zé Soldado não prendera nenhum facinora, e até Dick não deveria estar satisfeito, pois Abel nem notara a sua pequena vingança.

E, à medida que o silêncio ia se prolongando, tornava-se mais difícil, mais constrangedor ameaçando espriar-se, percorrer as ruas, tomar a cidade. Mas, naquele momento, surgiu um grupo de mascarados num carro conversível. O motorista freiou diante do bar e as moças e rapazes saltaram alegres. A mais magra das moças notando o desânimo das pessoas, entrou no bar balançando os quadris e gritando:

— Tristeza não pagam dívidas.

O motorista, depois de saltar sem abrir a porta do carro, lembrou-se de algo, e voltou correndo. Apanhou sua “lira” que era uma tampa de vaso sanitário com barbantes imitando cordas. Limpou-a na fantasia, beijou-a e entrou correndo atrás dos companheiros que cantavam e dançavam perto do balcão do bar.

Durante momentos, o silêncio ainda lutou contra aquele grupo, mas aos poucos foi sendo vencido. O motorista pediu a um garção prêto:

— Bota aí uma bomba pra meus servos, ó núbio!

Olharam o rapaz. Estava enrolado em lençóis, e ao dançar podia se ver em baixo seu “short” estampado com palmeirinhas. Calçava sandálias, e usava na cabeça uma réstia de cebolas. Acompanhava o samba na sua “lira” muda. Mas, apesar de tudo, via-se não confiar muito na clareza de sua fantasia, pois escrevera “Nero”, a nanquim, em grandes letras bem no centro do peito.

— Depressa, núbio, ou eu mandar-te-ei jogar aos leões!

Como ninguém risse após a segunda tentativa de pilhéria, gritou com voz rouca o que sabia de efeito decisivo:

— “É hoje só, só, só.

Vai acabar, já, já.”

Os companheiros fizeram câoro:

— “É hoje só, só, só.

Vai acabar, já, já.”

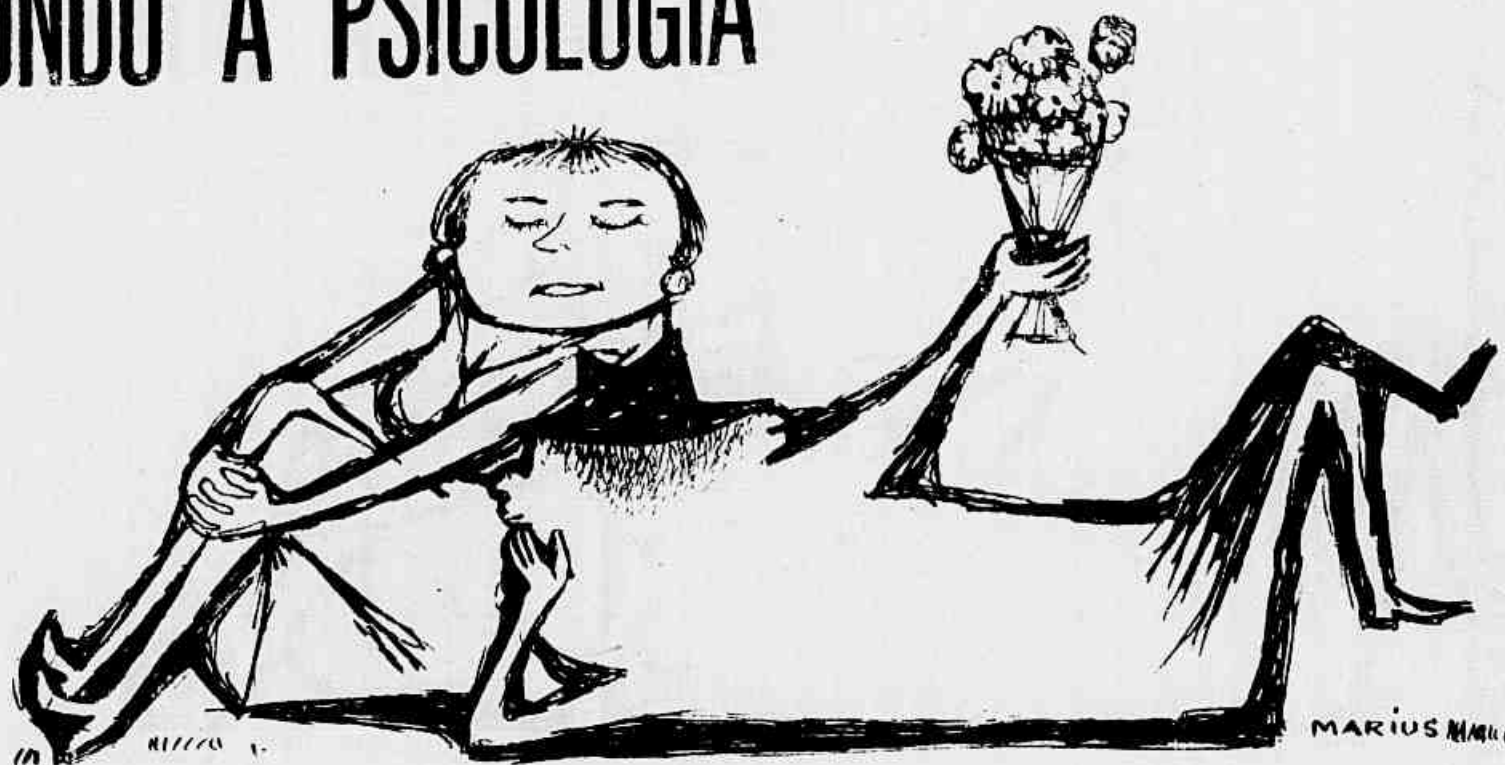
O rapaz não se enganara. Aquilo foi o mesmo que acender um estopim. Correu, rápido, pelas mesas do bar e, num momento, todos se puseram a ‘ocar e dançar, gritando:

— “É hoje só, só, só.

Vai acabar, já, já.”

E se esqueceram por completo do incidente.

AS MULHERES, SEGUNDO A PSICOLOGIA



NADA MELHOR para atender à pergunta que colocar em destaque o quadro relativo às diferenças entre os homens e as mulheres. Vejamos os caracteres da masculinidade e da feminilidade, segundo Terman:

MASCULINIDADE

Apreciação do conjunto e interesse pelo fundamental no campo objetivo.

Tendência à abstração categorial.

Desejo de conquista, de fama, de prestígio e afirmação do poder.

Preferência pelos juízos de forma.

Maior predomínio do conhecimento lógico.

Mais propensão ao sadismo.

Encoleriza-se mais que se assusta.

Tendência às decisões rápidas e resistência à confissão dos seus erros.

Movimentos amplos, seguros, enérgicos.

Menos emocionáveis.

FEMINILIDADE

Apreciação pelo detalhe e interesse pelo acessório.

Tendência ao concretismo.

Anelo de felicidade, de paz, de conservação e manutenção dos laços afetivos na intimidade.

Preferência pelos juízos de valor.

Maior predomínio do conhecimento intuitivo.

Mais propensão ao masoquismo.

Assusta-se mais que se encoleriza.

Propensão para a dúvida e admissão, com menor constrangimento, dos erros cometidos.

Movimentos suaves, graciosos e com propensão ao supérfluo.

Fácilmente emocionáveis.

QUAIS AS QUALIDADES FEMININAS QUE PODEREMOS CONSIDERAR BÁSICAS?

Helen Deutsch, grande entendida de psicologia da mulher, considera básicas e de maior valor as seguintes qualidades:

- 1) tendência passiva-erótica que se volve para os homens;
- 2) vida interna intensificada;
- 3) intuição; e
- 4) vida emotiva profunda e tendência à fantasia.

COMO CLASSIFICAR AS MULHERES EM FACE DO AMOR?

Ainda vamos procurar subsídios em Helen Deutsch com seus dois maravilhosos volumes de "La Psicologia de la mujer".

Para ela há dois tipos de mulher em face do amor:

- 1) a mulher que quando é eroticamente desejada e cor-

tejada tem dificuldades para negar-se e é facilmente conquistada. O guardião não estabeleceu seu posto à porta do coração. O homem se sente amado por ela, goza a mulher que psicológica e fisicamente se lhe dá, porém prontamente descobre que só recebeu uma parte insignificante de seus sentimentos porque há uma porta fechada atrás da qual se encontram tesouros ocultos que só podem ser obtidos com grande esforço;

2) a mulher cujo guardião narcisista está parado à porta de entrada de sua vida erótica e afetiva. É difícil de conquistar e defende sua personalidade física e psicológica devido a que se dá conta do perigo da docilidade masoquista. Durante o período de lutas preliminares ela fortifica sua posição e dirige o amor e a valorização do homem por caminhos adequados.

Enlaça a vida do homem solidamente à sua. Mas quando o guardião foi vencido todas as portas interiores se abrem sem reservas.



PEDRO (DA QUINTA) E CATARINA (DA RÚSSIA) — Encontraram-se e tiraram o 2.º lugar.

GAROTOS DO MUNICIPAL FAZEM BIS NO AMÉRICA

COM OS MENINOS E MENINAS que já tinham pulado no Municipal (alguns até premiados em fantasias) o Baile Infantil do América Futebol Clube foi muito mais agradável para eles pelo seguinte: o baile realizou-se no salão da sede social e bem em frente estava uma coisa de que os meninos gostam muito: um campo de futebol.

Vai daí, depois de alguns pulinhos ao som da Fofoqueira, meninos (e algumas meninas também) foram para o campo, dividiram-se em dois times, escolheram um juiz, pediram uma bola (não deram, eles improvisaram uma de meia) e passaram a jogar futebol (sem Fofoqueira). Mas os pais não se conformaram, e dizendo que aquele não era dia de jogo entraram em campo, levando os meninos de volta ao salão.

Aí eles começaram a pular de novo.

CELMA JOANA D'ARC
Mais bonita que a própria



NERO LOBINHO
Não incendiou o América

PRÍNCIPE (CLAUDIO) INDU
Tem pinta mesmo





O MANDARIM

Não tinha cabelo pixaim : tinha rabicho mesmo

ZAZA MAZELLE

Por que, por que será ?



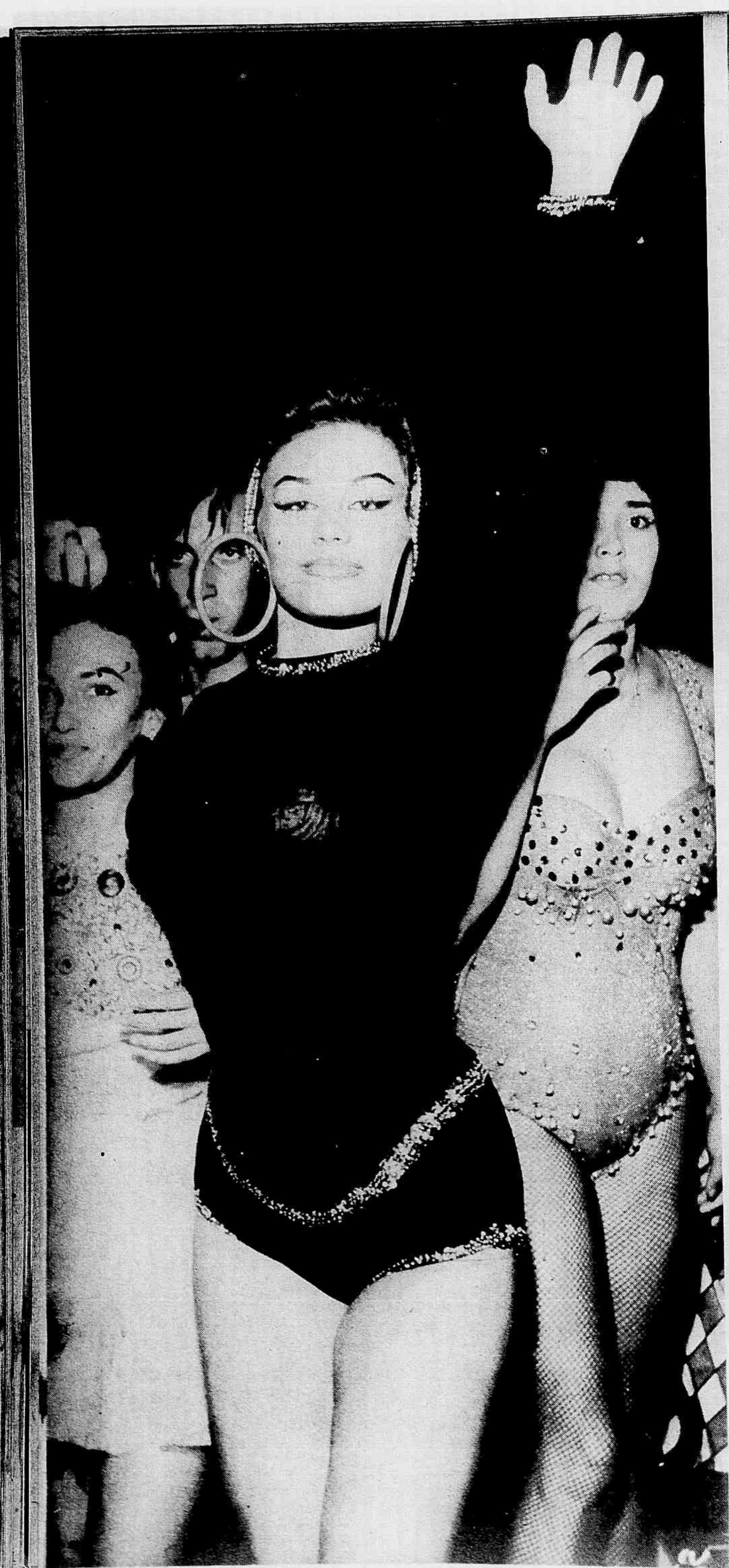
BAIANA JUSSARA

Poucos balangandãs, Xangô, meu Pai

MARGARET CISNE REAL

Só perdeu para a francesa e para a russa





Arara em Carnaval: e as penas não voaram.

NO IATE

Olhos verdes de gata num corpo de mulher



Prisioneira de Zenda : as correntes protege-
ram a foliã contra as investidas de terceiros.

ANGELITA GANHOU SOFIA LOREN

bonita.



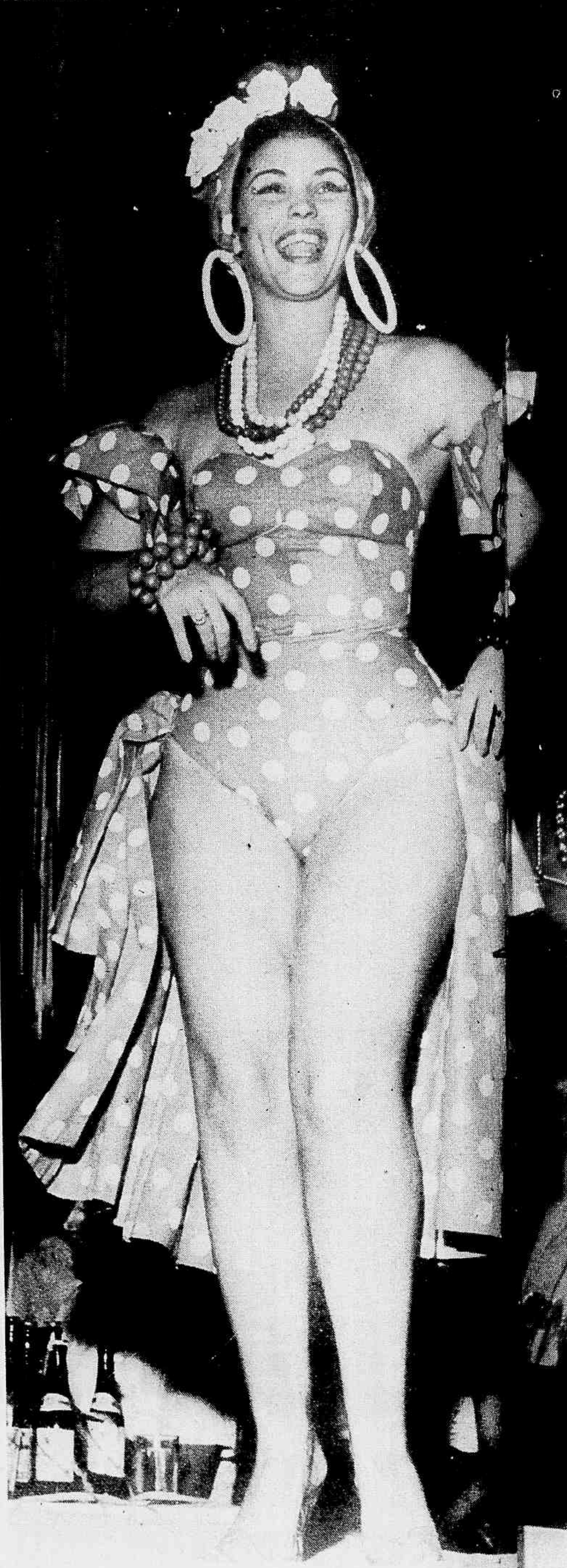
A oncinha deixou as selvas pelo salão do Iate. Não comeu ninguém.

COM A "VEDETTE" Angelita Martinez fantasiada de rumba e representando a maior atração visual da festa, o Iate Clube deu durante três dias seus bailes de Carnaval.

Mas a festa prolongou-se dos salões para os jardins vendes do clube, onde os foliões aproveitavam momentos de folga da orquestra para descansar muita vez bem acompanhados. Houve muita oncinha, muito coelhinho e muita borboletinha, todos vigiados por muitos rapazes que durante o ano praticam seus músculos (na ginástica). Músicas mais executadas: "Marcha da Fofoca" e "Fanzoca de Rádio".

Bebidas mais em vigor: uísque e água (pura). Fantasia mais original: a de Prisioneira de Zenda, com correntes e tudo. Mas as correntes não impediram que elas pulassem à vontade.

Angelita Martinez: corpo mais bonito do Brasil.





Núcia Miranda : alegria de "vedette" em baile de Carnaval dura pouco.



"A água lava, lava, lava tudo".

"Mamãe, mamãe, mamãe eu levei bomba".

"Madureira chorou, Madureira chorou de dor"



O folião nos ombros de Chopin

O RAPAZ NÃO ERA TURISTA nem amigo do diretor de Turismo e não pôde entrar na arquibancada; não era autoridade nem amigo das autoridades e não pôde entrar no palanque. Mas queria ver a Escola passar e subiu aos ombros de Chopin, onde só havia lugar para um e ninguém podia disputar com ele. E lá ficou todo o tempo, olhando, aplaudindo e dormindo quando o sono chegava, sempre na mesma posição, que os mais de baixo olhavam com inveja. Era um homem feliz, acima dos milhares comprimidos na Avenida, entre as paredes e os cassetetes da Polícia Especial.



SIDI YUSSEFF:



INTERNACIONAL

QUANDO, NA MADRUGADA de 7 de fevereiro, um grupo de aviões franceses despejava suas bombas sobre uma povoação na fronteira tunísio-argelina, todos os homens civilizados do mundo pensaram no massacre de Lidice.

De fato, uma comparação entre o ataque à aldeia tunisiana de Sakiet Sidi Yuseff e a ação de represália contra a localidade tcheca durante a segunda guerra, mostra uma série de circunstâncias que fazem com que o nome de Sakief Sidi Yuseff fique ligado, para sempre, ao da aldeia-mártir da Tchecoslováquia. E mais ainda: há certas semelhanças que não escaparão a ninguém entre o ataque francês desencadeado por ordem do general Raoul Salan, e as ações punitivas que as tropas do marechal Badoglio costumavam realizar com certa frequência durante a guerra ítalo-abissínia.

Em todos estes casos as circunstâncias em que se produziram as agressões foram idênticas: exércitos fortes, equipados com as mais modernas armas, dirigidos por oficiais de carreira, atacavam pequenas localidades onde a maioria esmagadora dos habitantes era composta por civis que não possuíam meios suficientes para enfrentar o esmagador poderio do atacante.

Não será difícil constatar que a tese oficialmente defendida pelo governo de Paris, tem certas semelhanças com a justificativa apresentada, em condições um tanto diferentes, pelos regimes de Hitler e Mussolini.

O governo de Paris vem afirmando os seguintes ataques contra a aldeia de Sakiet Sidi Yuseff não foi ordenado pela Metrópole, e nenhum ministro de Paris, inclusive o da Defesa e o premier, tinham conhecimento do bombardeio.

O chanceler Christian Pineau esclareceu, porém, que o primeiro-ministro Gaillard autorizara o comandante-em-chefe das tropas francesas na Tunísia, general Raoul Salan, a tomar "represálias em legítima defesa", quando as tropas francesas fossem atacadas por rebeldes argelinos com bases na Tunísia. O chanceler francês não pôde abster-se de acrescentar que, de qualquer maneira, o comandante-em-chefe teria de solicitar autorização prévia do governo, para empreender a ação que tanto prejudicou o prestígio da França, chegando a abalar a posição do governo que, além de encontrar-se num beco sem saída, tem que defender uma tese das mais impopulares, recorrendo a argumentos empregados pelos diplomatas nazifascistas.

CRISE EM PARIS

A divisão nos partidos e na opinião pública francesa é das mais profundas, chegando a ser muito mais séria do que o combate em torno do Exército Europeu, ocorrido há três anos e aquele referente à invasão anglo-francesa do Egito, em fins de 1956.

Se naqueles dois casos houve certos argumentos para defender ações pouco populares, hoje até os mais fiéis partidários de Gaillard não conseguem justificar o governo, que, ao dar sua aprovação à ação de Sakiet Sidi Yuseff, endossou um dos mais sangrentos episódios de toda a história militar da França, sem poder explicá-lo de modo conveniente.

Hoje, passadas quase três semanas após o ataque terrorista, não se pode dizer ainda quem e em que circunstâncias ordenou o bombardeio no qual morreram 75 civis tunisianos, entre estes muitos velhos, mulheres e crianças, pois a aldeia bombardeada não era outra coisa, senão uma das povoações miseráveis da África, onde homens, crianças e mulheres vivem numa pobreza completa.

É este o trágico balanço que vem sendo apresentado pelo governo tunisiano e seu chefe, Habib Bourguiba. Enquanto isto, os franceses dizem ter agido em legítima defesa, pois na aldeia, que se encontra perto da fronteira entre a Tunísia e a Argélia, "encontrava-se poderoso núcleo do Exército de Libertação Argelino, armado até os dentes".

Exatamente neste ponto encontra-se a divergência que dificilmente poderá ser solucionada, sobretudo se o caso ficar entregue à ONU, que fracassou redondamente em circunstâncias muito menos confusas, ao examinar a ação das tropas russas durante o levante da Hungria.

Enquanto o governo francês afirma que sua aviação agiu em legítima defesa, chegando a matar grande número de rebeldes argelinos que se refaziam em território tunisiano com o beneplácito do próprio governo Bourguiba, as autoridades de Tunis apresentam fotografias em que aparecem montes de cadáveres de mulheres e crianças, recordando cenas idênticas na segunda guerra, notadamente o trágico ato de Lídice. A tese tunisiana vem sendo reforçada pelos depoimentos dos representantes da Cruz Vermelha Sueca, que dizem que o ataque francês destruiu carros e caminhões daquela organização, estacionados na aldeia tunisiana.

Os políticos franceses não conseguiram pôr-se de acordo sobre sua posição frente ao ataque: enquanto Gaillard e seus ministros defendem a tese da legítima defesa, sem chegar a justificar completamente o ataque, pois dizem que este devia ter sido aprovado pelo governo, grande número de líderes políticos, encabeçados por Pierre Mendès-France o ataque, mas também a posição assumida pelo governo, e o socialista Daniel Meyer condenam abertamente não só dizendo que isto é "a uma só vez um crime, um erro e uma falta de juízo".

Gaillard e seus ministros defendem a ação de Salan dizendo que a França não pode tolerar, sem tomar medidas de defesa, que os rebeldes instalados na fronteira com a Tunísia hostilizem suas tropas, "praticando atos de banditismo e massacrando soldados franceses". Esta tese vem sendo defendida pelo deputado democrata-cristão Robert Biché, que surgiu como porta-voz de um grupo que acha que o ataque da aldeia

era o único capaz de pôr fim às atividades dos nacionalistas argelinos no território da Tunísia.

BOURGUIBA EXIGE A EVACUAÇÃO

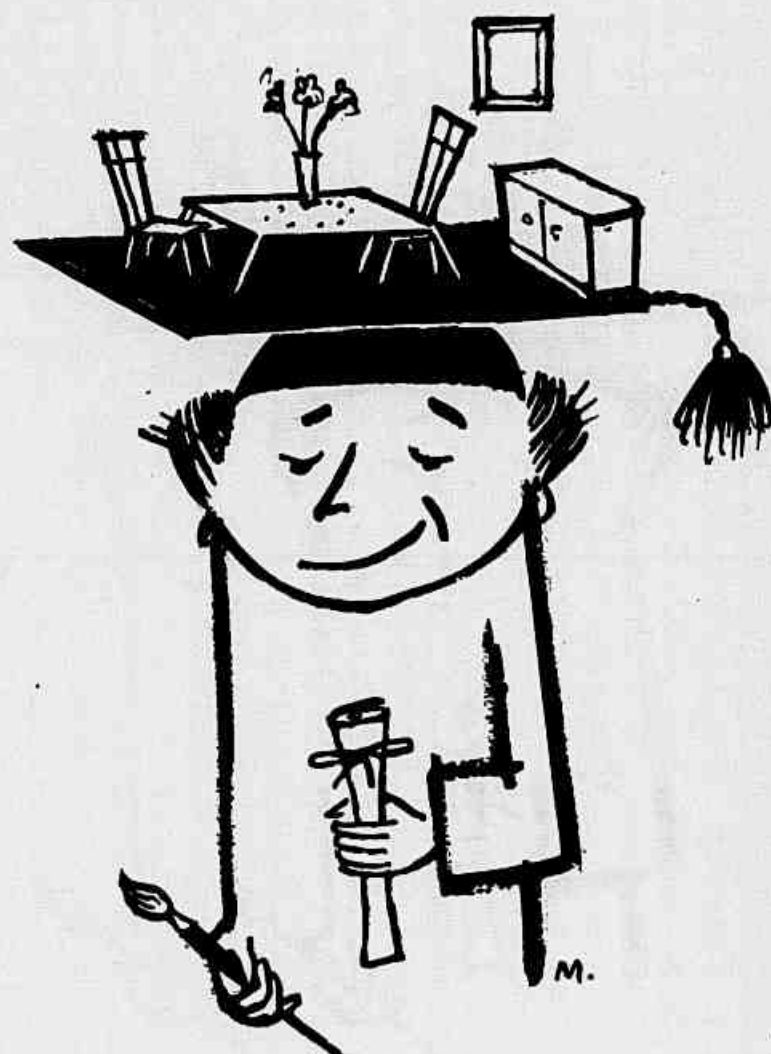
Os tunisianos responderam ao sangrento ataque com uma onda de ódio que se estendeu rapidamente em todo o mundo árabe. Multidões enfurecidas, pedindo armas e dando brados de guerra, percorrem as cidades e as aldeias da Tunísia, exigindo vingança, enquanto, no exterior, uma corrente liderada pelo coronel Gamal Abdel Nasser e o embaixador tunisiano na ONU, Mongi Slim, prepara um movimento parecido a uma verdadeira Guerra Santa.

Enquanto isto, os 150 mil franceses residentes na Tunísia ficaram encerrados em suas casas, praticamente desprotegidos, já que as tropas francesas, calculadas em cerca de 15 mil homens, ficaram paralisadas em seus quartéis, sem qualquer comunicação com o exterior, chegando a ser aprovisionadas por helicópteros e aviões.

Sakiet Sidi Yuseff não chegou ainda a suas últimas consequências, e ninguém deverá ficar surpreso se o mundo árabe, liderado por Nasser, desfechar novo golpe contra os franceses, nalguma parte onde o prestígio do governo de Paris está menos forte. Estamos, apenas, assistindo a uma espécie de armistício, pois não resta dúvida de que os tunisianos estão prontos a vingar-se do golpe sangrento.

Aproveitando a delicada posição do governo francês, o premier Bourguiba recomeçou com mais vigor sua campanha contra o estacionamento das tropas francesas na Tunísia, afirmando que somente estará pronto a negociar, quando os 15 mil soldados franceses abandonarem suas casernas e suas fortalezas, iniciando a ação de retirada. A resposta de Paris, como era de esperar, não se referiu diretamente às exigências de Bourguiba, mas deixou claro que os franceses estão prontos a negociar, aceitando, ao mesmo tempo, a mediação

CURSO DE DECORAÇÃO DO LAR



"JOANNA D'ARC"

DIPLOMA OFICIALIZADO EM

4 MESES

TURMAS PELA MANHÃ E A TARDE

Direção da

Pintora e Decoradora JOANNA D'ARC

DE PAIVA THEÓPHILO

RUA RAIMUNDO CORRÊA, 27, apart. 101 — Tel. 57 2362 — Copacabana

da Inglaterra e dos Estados Unidos que, por sua vez, se encontraram, contra sua vontade, numa situação embaraçosa.

OS AVIÕES, A OTAN E OS EUA

O ataque contra Sakiet Sidi Yuseff foi efetuado por aviões franceses de fabricação norte-americana, recentemente adquiridos nos Estados Unidos.

Inútil dizer que em menos de 24 horas após o ataque o mundo árabe estava sendo informado que aviões norte-americanos realizaram a ação terrorista contra a aldeia pacífica. Mais ainda: o órgão do PC francês (L'Humanité) afirmou num editorial que o ataque fôra executado por uma esquadrilha de aviões da OTAN, o que causou uma imediata resposta do secretário-geral daquela organização, Paul Henri Spaak, que, numa rápida manobra de defesa conseguiu esclarecer que os aviões da OTAN nada tinham que ver com o ataque, e, mais ainda, que a OTAN condenava a ação contra a aldeia tunisiana, executada por um país membro da organização, que não a consultou previamente.

Os Estados Unidos, por sua vez, anunciaram imediatamente que estão estudando de perto a evolução da crise, pois, nas atuais circunstâncias, qualquer perda de prestígio norte-americano na África do Norte poderia ter consequências imprevisíveis.

O próprio secretário de Estado, Foster Dulles, acompanhou durante todo o tempo a marcha dos acontecimentos, esclarecendo que nenhum dos aviões que tomaram parte no ataque foi fornecido à França pelos Estados Unidos no quadro da sua ajuda ao estrangeiro, e que os únicos aparelhos "B-26", em mãos dos franceses, foram adquiridos de excedentes na Aeronáutica norte-americana.

No que concerne aos caças "Corsair" empregados quando do mesmo ataque, um porta-voz de Dulles precisou que um certo número desses aparelhos tinha sido fornecido à França a título de ajuda ao estrangeiro, mas que outros tinham sido comprados pela França, também entre excedentes americanos.

Como se vê, a confusão não pode ser maior, e, portanto, é difícil acreditar que os órgãos da ONU conseguirão tirar em pratos limpos o *affaire* que tão seriamente abalou o já abalado prestígio da França.

Os Estados Unidos deverão contentar-se em tirar o corpo do conflito, demonstrando que seus aviões não foram cedidos ou vendidos à França para que esta empreenda ações terroristas ou "campanhas de legítima defesa".

A REAÇÃO SOVIÉTICA

Neste trágico episódio, os russos tomaram a única posição que poderiam adotar: enquanto a agência TASS divulgava comunicados semi-oficiais em que acusava frontalmente o imperialismo norte-americano e os dólares da Wall Street, lamentando os 75 mortos de Sakiet Sidi Yuseff, poderosa campanha de ajuda ao povo tunisiano e às famílias das vítimas era desencadeada na capital soviética.

Pouco depois, partiam rumo à Argélia quantidades de víveres, medicamentos e casas pré-fabricadas, para demonstrar que os russos estão solidários com os tunisianos que acabavam de ser massacrados pelos franceses. E mais ainda: todas estas remessas estavam acompanhadas por médicos, técnicos e conselheiros escolhidos à dedo, conhecedores da situação norte-africana, que, de uma ou de outra maneira, saberão aplicar os ensinamentos do marxismo-leninismo nos países pouco desenvolvidos, admirável terreno para ações desta ordem.

Naturalmente, a ajuda russa não conseguirá remediar todas as feridas causadas pelo ataque francês, mas a ação de propaganda atingirá seu alvo: os homens e as mulheres que viram, com seus próprios olhos, aviões norte-americanos, pilotados por franceses, despejando bombas e fogo sobre terra tunisiana, verão, agora, como os russos aliviam os sofrimentos causados pelos imperialistas.

O que demonstra plenamente que o massacre de Sakiet Sidi Yuseff, guerra quente em terra quente, não passa de mais um episódio na guerra-fria entre o Oeste e o Leste.



O cel. Benedito Gama, diretor-geral do SAPS, fala na reabertura do restaurante da Estiva, perante o presidente da República (que também discursou) e o ministro do Trabalho.

ATUALIDADES DO SAPS

REABERTOS OS RESTAURANTES DA ESTIVA E DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMO PARTE do plano de remodelação de restaurantes, que vem sendo executado pela atual administração do SAPS, foram recentemente reabertos mais dois, após passarem por completa reforma em suas instalações, o que lhes deu maior capacidade e melhores condições de conforto e higiene. Trata-se dos restaurantes da Estiva e da Câmara dos Deputados, novamente postos a funcionar nos dias 28 de janeiro e 3 de fevereiro, sendo que o último voltou à direção técnica daquele órgão especializado da previdência social. A reabertura do restaurante da Estiva teve a presença do presidente da República, que ali almoçou em companhia do ministro do Trabalho, do diretor-geral da autarquia, dirigentes sindicais e elementos do mundo oficial. Na Câmara dos Deputados presidiu a solenidade o 1.º secretário da casa, deputado Wilson Fadul, presentes os dirigentes do SAPS e numerosos parlamentares. Estudos técnicos para idênticos melhoramentos nas demais unidades do SAPS, e instalação de novos restaurantes, encontram-se em fase final, visando a dar aos trabalhadores previdenciários a assistência alimentar que por direito lhes cabe, o que marca o reinício de uma das mais importantes tarefas atribuídas àquele órgão, para a qual (e principalmente) foi criado.

O deputado Wilson Fadul, 1.º secretário da Câmara dos Deputados, discursando na cerimônia de reabertura do restaurante dessa casa do Congresso. O cel. Benedito Gama falou a seguir.



O SR. ADOLFO Cláudio Graça Couto ao que parece anda mesmo de "caixa baixa"... Mas resolveu o problema oferecendo uma animadíssima festa de carnaval em seu sítio de Carangola, a mil cruzeiros por casal. Cêrca de trezentos bilhetes foram vendidos; a festa deve ter custado cêrca de cem mil cruzeiros e duzentos mil foram em benefício dêle mesmo.

MAS HOUVE ALGUMA confusão à entrada do baile (completamente vigiada). O grupo de Baby Pignatari chegou com os ingressos quando uma senhora resolveu que êles não poderiam entrar:

— Não pode entrar.

— Mas como, minha senhora? Nós temos os ingressos.

E por fim o robusto senhor Carlos Peixoto mostrou os bilhetes, pondo fim nas conversações e concluindo:

— Vamos entrar porque compramos bilhetes e pagamos...

E entraram mesmo...

A ENTRADA DO elegante sítio vários cambistas vendiam bilhetes, que converteram-se em benefício dos Graça Coutos.

A FESTA FOI animadíssima. Porém houve muitos pileques, como o do senhor Joaquim Xavier da Silveira, que não tiveram defeito...

O CASAL SAMUEL Wainer — os grã-finos de última hora — compareceram. Não gostei da fantasia de colegial de Danuza Wainer, que está sempre muito bem...

MAIZA, QUE ESTÁ proibida pela família Matarazzo de usar o sobrenome, foi outra presença...

TAMBÉM O "PLAY-BOY" Eric Nielson, o Murilinho de Almeida da Cote D'Azur, esteve presente. Convenhamos que tudo isso não ficou "muito bem" para a tradição dos Graça Coutos.

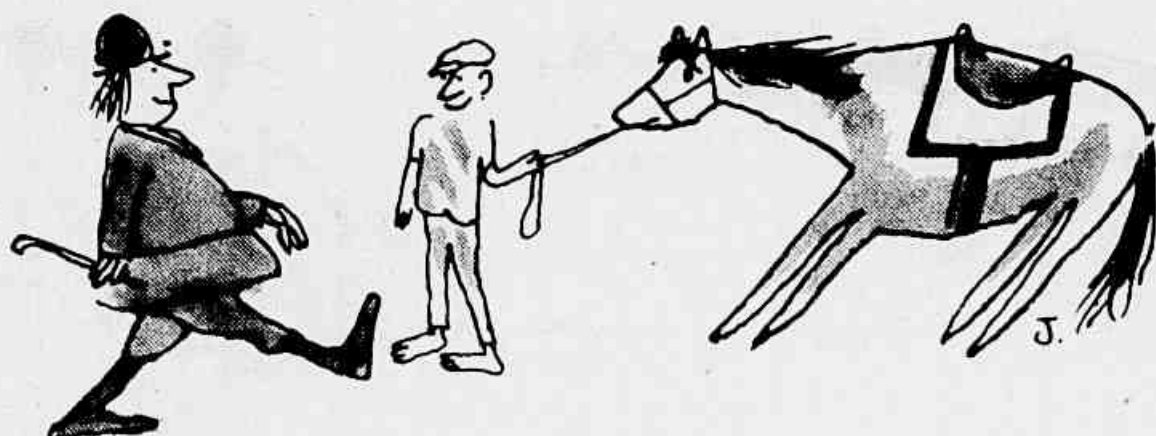
O SR. HARRY Stone, ao que parece, não está entendendo muito de relações públicas. Sua missão no Brasil é aumentar, ou por outra, conseguir o aumento do preço dos filmes, todavia, o galante Stone pensa que angariando popularidade entre os cronistas sociais obterá o que deseja seu poderoso grupo... Tudo completamente errado em matéria de promoção. Sobre êsse assunto aconselho tomar algumas lições com Oscar Orstein, que realmente é um expert no metier...

AO QUE PARECE o cronistazinho Chuck ficou indignado com a crônica que fiz sobre essas menininhas que estão aparecendo com destaque em certas colunas de jornais. Como o sr. Carlos Machado também é colunista vamos deixar que o famoso produtor explique êsse assunto.

OUTRO CRONISTA QUE também resolveu botar o pé de fora foi o sr. José Alvaro, que é casado e tem dois filhos. Aconselho ao sr. Alvaro (que também é José) que fique calmo sobretudo, agora que o sr. José Alberto Gueiros — a quem êle chama de "A Vergonha dos Zezinhos" — fêz ponto no seu rosto, sábado de carnaval no "Sacha's"...

O POETA TIAGO de Melo, embora não tenha nascido "Jorge Guinle", resolveu agora adotar as maneiras "Jorge Guinle". Pára tôdas as tardes com seu automóvel na piscina do Copa, toma seu drinque e retira-se tranqüilamente. Seu chofer, de boné e tudo, abre a porta do carro, enquanto o poeta (isto êle é mesmo) toma lugar no assento traseiro do lado direito. O automóvel, chofer e tudo pertence à Prefeitura, ao Departamento que o poeta dirige...

UM DESAGRADÁVEL incidente ocorreu sexta-feira no Golden-Room durante o jantar oferecido aos artistas. O sr. Harry Stone, que inegavelmente é um dos americanos mais bem educados que circula no Rio, inexplicavelmente, mandou que o ator Eugênio Carlos e a ar



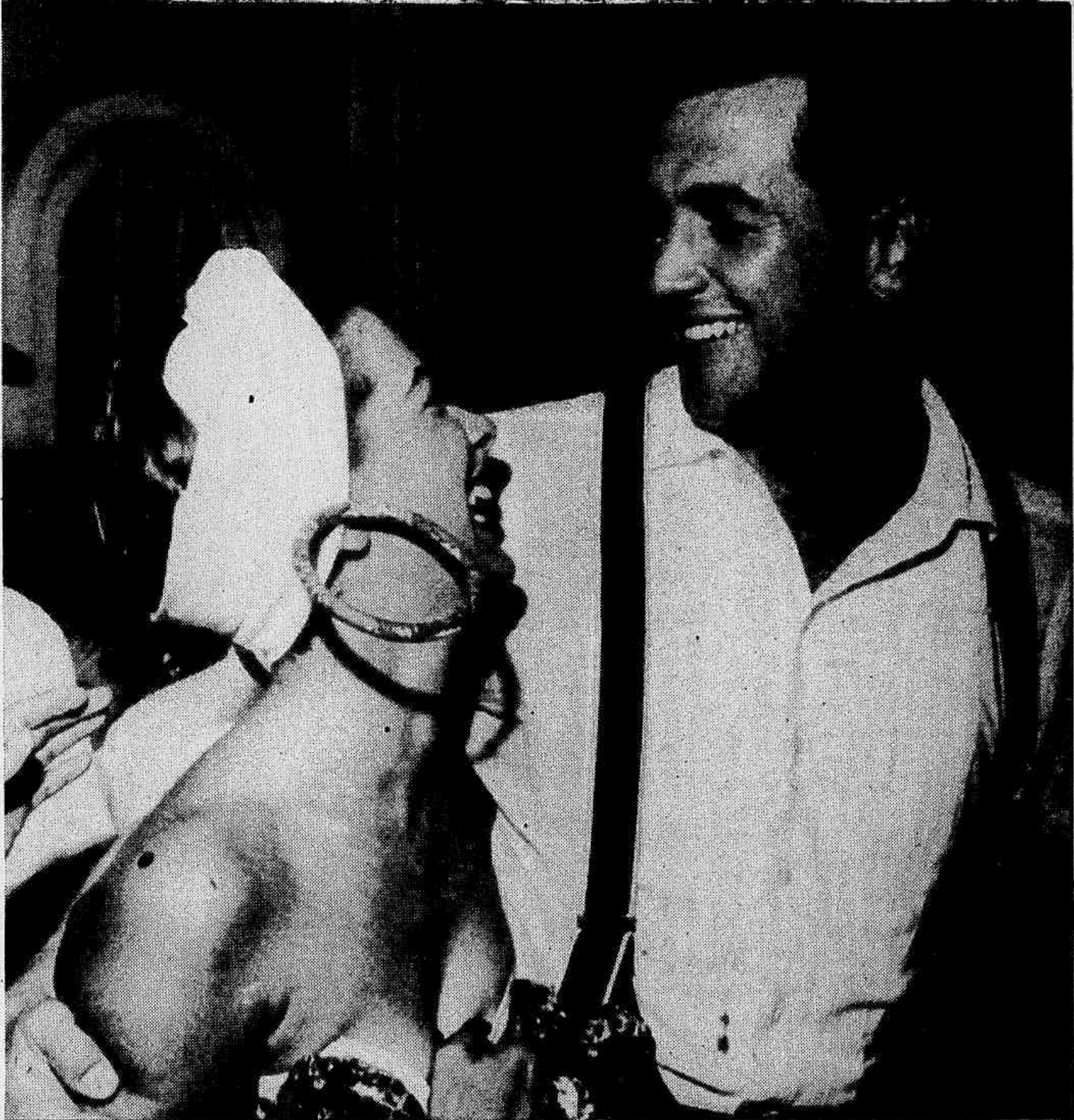


tista Vanja Orico se retirassem da mesa, em virtude de ambos não estarem na lista dos convidados. Acho que o sr. Stone no caso, estava com a razão; mas, em atenção à artista patricia, ele nunca deveria ter feito tal, mesmo que Eugênio Carlos tivesse agido errado, como agiu; sentado, sem convite, levando na onda Vanja Orico, que julgava estar convidada, conforme o ator lhe dissera quando telefonou para convidá-la. Ambos erraram. Eugênio Carlos e Stone...

O MAIOR "BLUFF" artístico que surgiu em nossos "night-clubs" foi a francesa Anabelle, que está cantando no "Club 36". Com tamanha publicidade que precedeu sua chegada, eu esperava uma grande artista... Porém, depois que fui ouvi-la percebi que se tratava de uma combinação de Jorge Guinle com Ibrahim Sued... Jorge Guinle andou de romance com ela e pediu a Ibrahim um pouco de publicidade. Depois todos vieram na onda... Todavia, Anabelle não é tão ruim. Mas tanta publicidade para um número que não tem nada de extraordinário, só mesmo no Brasil...

ANTIGAMENTE ERA completamente ao contrário: O homem é que cortejava a mulher. Aliás, eu já andava desconfiada de que os tempos mudaram. E com a chegada de Rock Hudson, o gostosão de Hollywood, tive certeza que os tempos mudaram mesmo: Ilka Soares durante toda a permanência de Rock no Rio cortejou-o dia e noite até que venceu-o pelo cansaço. Mas não ganhou nada com isso...

E HOJE é só.



Princípio: tudo sorrisos. Fim: mulher demais no salão.



Paulo da Portela

(que era da valsa)

pôs uma gravata no samba

A ESCOLA DE SAMBA da Portela, treze vezes campeã do Carnaval do Rio, foi fundada em 1933 por Paulo Benjamin de Oliveira (mais tarde Paulo da Portela) debaixo de uma mangueira na Estrada da Portela, entre os subúrbios cariocas de Madureira e Osvaldo Cruz, desfilou pela primeira vez com menos de vinte figuras, mas em 1957 e 1958, quando foi bicampeã, saiu para o asfalto da cidade com 1 200 sambistas e a maior bateria (200 figuras) já apresentada por um conjunto de samba.

"MEU MARIDO GOSTAVA era de valsa mas, com o tempo, foi compondo sambas batendo com os dedos na mesa ou na caixa de fósforos, e dizia sempre que inspiração a gente tem em certos instantes e não precisa saber tocar instrumento", disse à REVISTA DA SEMANA a sra. Maria Elisa de Oliveira, viúva de Paulo da Portela e que há 18 anos vive modestamente numa casinha em Osvaldo Cruz, onde também viveu e morreu seu marido, em 1949.

A SRA. MARIA ELISA, que não tem filhos mas tem muitos netos porque todos os meninos e meninas de famílias suas vizinhas em Osvaldo Cruz a chamam carinhosamente de "vovó", conheceu Paulo da Portela em Madureira há quase trinta anos e lembra-se de que o primeiro samba dêle foi "Mulher, tu és perigosa", em 1924.

"O compositor Paquito, que era cantor antes, gravou o samba na "Continental" porque era muito amigo de meu marido e dizia sempre que Paulo era um anjo. Quando Paulo morreu, eu fui à "Continental" ver se recebia algum dinheirinho da vendagem do disco, mas "seu" Braguinha (Carlos Braga, diretor artístico) me arrumou alguns "tro-



D. Maria, a viúva do samba, não foi lembrada quando a

cados" e de vez em quando eu ia lá receber mais", disse a viúva de Paulo da Portela.

Ela diz que "definitivamente" não quer mais vender músicas deixadas inéditas por Paulo da Portela e nem vai mais oferecê-las a cantores ou fábricas de discos.

"Há muita má-vontade de parte dos artistas para gravar qualquer coisa. Algumas músicas de Paulo eu mostrei à Dalva de Oliveira e outras deixei com Aloísio de Oliveira, ambos muito amigos do meu marido, mas eles não se interessaram. Se eu vendesse as músicas, quando Paulo "largasse os pregos" (morresse), como êle dizia, ninguém saberia dar conta dos direitos autorais que me caberiam.

PAULO DA PORTELA era lustrador e funcionário da Caixa Econômica em Niterói, sendo depois transferido para o Rio, a pedidos de amigos, principalmente do deputado Vieira de Melo. D. Maria Elisa recebe uma pensão de Cr\$ 1.025,00, ganha pouca coisa com trabalhos de lavagem de roupa e paga Cr\$ 300,00 de aluguel porque mora há 18 anos numa casinha de Osvaldo Cruz.

Ela nasceu em 1901, no mesmo ano de Paulo da Portela, e hoje é uma senhora adoentada, que há poucas semanas levou uma queda dentro de casa, quando arrumava as cortinas ao alto da janela, e teve de ficar repousando na cama várias semanas, enquanto as crianças e famílias vizinhas arrumavam sua casa e faziam comida para ela.

Ela namorou e noivou com Paulo da Portela durante quatro anos, casando em 17 de junho de 1939. Apenas a senhora que mora na casa I da vila onde reside hoje a sra. Maria Elisa (casa III da rua Carolina Machado, 950, Osvaldo Cruz) conheceu Paulo da Portela, que "era amigo de todos, muito



Portela do Paulo ganhou o bicampeonato. Só lembram dela para pedir retratos do Paulo (que não devolvem).

elegante, de maneiras finas e adivinhava sempre todos os pensamentos e as minhas vontades", disse sua viúva, mostrando ao repórter o par de brincos que Paulo lhe deu no último Natal que passaram juntos.

PAULO DA PORTELA morreu num domingo (30 de janeiro de 1949), pela manhã, vítima de colapso e de uremia. Na véspera, à noite, fôra ao Circo do palhaço Olinecha, em Madureira, acertar a realização de um "show" para quarta-feira. Mas, o público avistou Paulo e insistiu para que ele cantasse no picadeiro alguns de seus sambas de maior sucesso na época. Paulo resistiu, dizendo que o seu "show" só seria na quarta-feira, mas não adiantaram suas desculpas, porque o público chegou até a empurrá-lo para o picadeiro. E ele cantou, fazendo muito sucesso com "Só pra chatear", samba de breque de Príncipe Pretinho, seu grande amigo.

Domingo de manhã, Paulo não se levantou, morrendo deitado de lado, com uma mão sob o rosto e outra sobre as pernas.

"Ajoelhei-me aos pés da cama e rezei para Nossa Senhora, pedindo que salvasse meu marido e ela lhe deu uma morte suave", disse a sra. Maria Elisa.

O enterro de Paulo da Portela foi dos maiores já realizados nos subúrbios e nos morros cariocas, sendo custeado pela Escola de Samba da Portela, apesar de o general Paredes, ex-presidente da Federação das Escolas de Samba e do deputado Vieira de Melo, grandes amigos de Paulo, terem insistido para custear o enterro.

O comércio de Madureira fechou as portas para acompanhar o enterro de Paulo da Portela, quando cerca de 15 mil pessoas foram ao cemitério de Irajá.

Os amigos de Paulo (da Escola de Samba) acompanharam

o enterro tocando cuícas, pandeiros e cantando algumas de suas canções. Dizia-se na época que o enterro de Paulo da Portela era "o próprio enterro do samba".

Ele foi sepultado na cova 2.908 (quadra 6), às 14 horas de segunda-feira e o seu túmulo foi a centena do dia seguinte ao da sua morte.

"João da Gente", "Rufino", "Caetano" e "Xerém" foram os sambistas que com Paulo da Portela fundaram a Escola de Samba da Portela, primeiramente chamada de "Vai Como Pode", porque eles não tinham muito dinheiro para sair em grandes grupos e com roupas luxuosas. Mas o sr. Dulcídio Gonçalves, que era o Delegado de Costumes, proibiu que o bloco saísse com esse nome, ao lado de "Fique Firme na Favela", "Vê se Pode do Estácio" e "Estação Primeira de Mangueira", as Escolas de Samba da época.

"VAI COMO PODE" era uma Escola de Samba sem formalidade", disse a viúva de Paulo da Portela, "e depois ficou com o nome atual, passando de uma sede debaixo de uma mangueira para uma casa modesta, e hoje se encontra com uma das melhores instalações para uma Escola de Samba".

Paulo da Portela gostava de andar elegante e em companhia "de rapazes diretos". Ele merecia a confiança das famílias de Madureira e Osvaldo Cruz e no fim de alguns anos, as moças dos subúrbios já começavam a frequentar a Escola de Samba da Portela, que hoje conta com centenas de cabrochas bonitas.

Natal, primo da viúva de Paulo da Portela e casado com Vilma, a cabrocha mais bonita dos desfiles das Escolas de Samba em 1958, é um dos diretores da Portela, que venceu o Carnaval em 1935, 1939, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947 (com Paulo), 1951, 1953, 1957 e 1958.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar PEROLA
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

VALEMIN

— ADULTO —
Um fortificante
de



— INFANTIL —
comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

'Mil' lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLÁSTICO

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1046 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



PORTELA

São Sebastião é o padroeiro da Escola, sendo que Betinho, Ventura e Jaburu são os diretores (hoje) das seções de bateria, harmonia e passista, respectivamente.

PORTELA ERA A MAIOR inimiga de Mangueira entre as Escolas de Samba, mas Paulo conseguiu unir os dois blocos no tempo em que era prefeito o sr. Pedro Ernesto, que foi grande amigo de Paulo da Portela. Gente de Mangueira, quando Paulo já havia feito as pazes, lhe dizia que muitas vezes a turma de Mangueira descia para acabar com a vida dele. E com o samba.

"Mas meu marido não andava nem com um alfinete no bolso, era incapaz de fazer mal a alguém", disse a sra. Maria Elisa, que se mostra um pouco desgostosa porque quando seus amigos da Portela receberam 5 mil cruzeiros para se exibirem no programa "Ensaio Geral" na TV, nas vésperas do Carnaval, nada deram a ela.

"Ficaria contente com cem cruzeiros pelo menos, porque minhas posses são poucas", disse a sra. Maria Elisa.

PAULO DA PORTELA trabalhou em cassinos, participou dos filmes "Favela dos Meus Amores" e "Pureza", mostrou sambas no terreiro da Escola ao maestro Leopoldo Stokovsky, que levou temas brasileiros para sua Orquestra Filarmônica nos Estados Unidos, excursionou ao Uruguai. Antes de Paulo da Portela frequentar o samba, a turma andava de chinelos de verniz, paletó no braço e chapéu no cangote, o revólver na cintura, no bolso da calça a navalha afiada e amarrado na perna direita o punhal, e o corpo gingando, gingando.

Paulo da Portela pôs a gravata no samba, os sambistas começaram a andar de terno engomado, de sapatos, ninguém mais perdia tempo nos botequins, ele civilizou o samba e os "instrumentos cortantes e perigosos" enferrujaram dentro de casa.

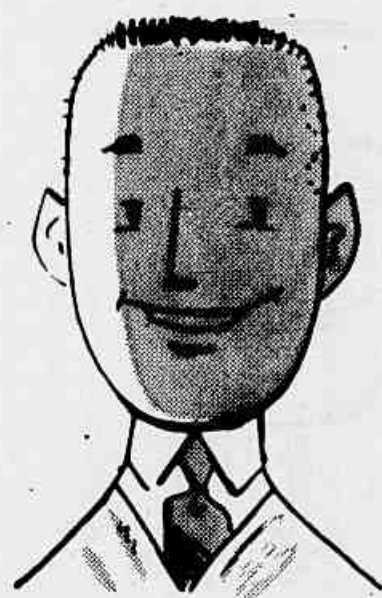
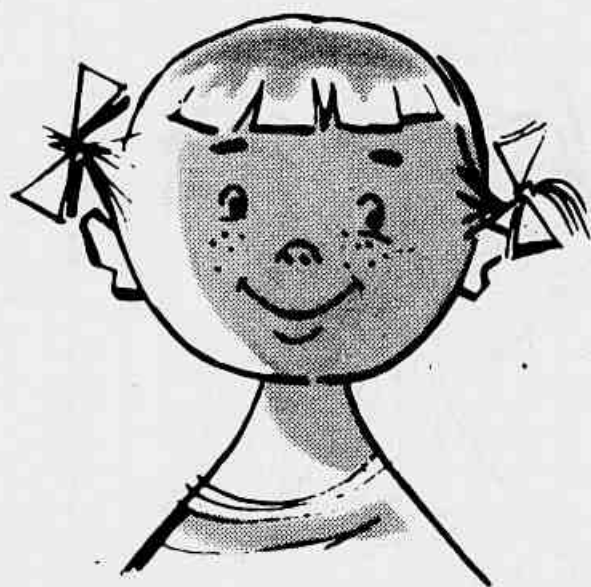
Em 1936 ele foi "Cidadão Samba"; em 1942 foi do extinto "Grêmio Recreativo da Escola de Samba Lira do Amor". Não teve filhos, mas deixou 36 afilhados. O único entérro que dividiu com o de Paulo da Portela o maior acompanhamento entre os realizados nos subúrbios e nos morros foi o de Darino, da Saúde, que "era bamba emérito e valente de carta nunca rasgada".

EM 1952, O NOME de Paulo da Portela foi dado a um avião doado ao aeroclube (juntamente com outros dois chamados "Noel Rosa" e "Zêquinha de Abreu") pela Campanha Nacional de Aviação, presidida pelo ministro Salgado Filho.

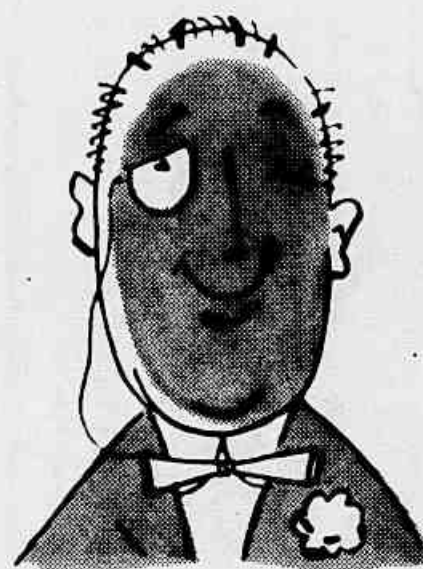
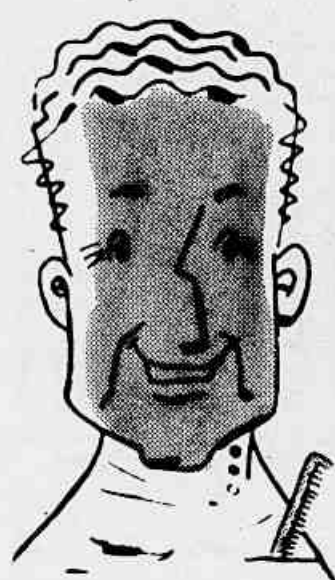
A SRA. MARIA ELISA DE OLIVEIRA (Paulo da Portela) mora numa pequena casa de sala, quarto e cozinha. Nas paredes (já com papéis tapando buracos) ainda estão retratos de artistas e amigos colocados pelo próprio Paulo da Portela, como de Dalva de Oliveira, Carlos Galhardo, Murilo Caldas (irmão de Sílvio Caldas), Getúlio Vargas, Albénio Perrone, Zé e Zilda, Zaquia Jorge e Manoel Monteiro. Há três retratos (de frente) de Paulo da Portela, com sua gravata tipo-pintor. Uma bengala em feitiço de um guarda-chuva fechado está no quarto da viúva, que tem muitas imagens de santos e uma de São Jorge (ela é muito religiosa).

Portela desfilou domingo, de Madureira a Cascadura, comemorando o bicampeonato no Carnaval Carioca. E muitos de seus sambistas cantavam alguns versos inéditos de Paulo da Portela. Entre esses, um que dizia da mágica do sambista por não ter sido pai:

Dona Cegonha venho com muita vergonha
Por meio desta cartinha solicitar um favor,
Deve trazer um criolinho gorduchinho
De olhinhos regalados parecido com o meu amor
Quando trouxer queira pedir ao destino
Que mande pelo menino recomendação de um bamba
Mais tarde eu quero que como todo lero-lero
Ele seja professor de uma Escola de Samba.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**



Novo lançamento

Os aparelhos da EPEL são os mais modernos de uma série de aparelhos que também têm uma característica de destaque: a de ser controlados de forma simples e prática.



EPEL, está
à sua disposição

